

bc
BIBLIOTECA CARIOCA

MISTÉRIOS DO RIO

Benjamim Costallat

MISTÉRIOS DO RIO, editado inicialmente em 1924, reúne textos escritos para o *Jornal do Brasil*, com publicação prevista para duas vezes semanais, inspirados nos já conhecidos *Mistérios* de Paris, de Londres e Nova Iorque.

Em linguagem extremamente polida, as frases curtas, as reiteraões vão fixando, como *flashes*, os fatos por vezes escabrosos; confirmando o propósito do Autor: "fazer um trabalho sugestivo e interessante dentro da verdade, guardando uma medida na composição". O uso constante de termos em francês e o toque impressionista na captação dos ambientes conferem à expressão elegância e finura.

Pouco a pouco vai-se delineando a presença de um Rio de Janeiro de face cosmopolita, invadido por modismos importados especialmente da França, aqui circunscritos a um mundo noturno: a iluminação estonteante, o brilho e o luxo encobrando a miséria moral. Revelam-se existências anônimas, corroídas de vício e crime; criaturas amarradas ao jogo, ao éter, ao sexo comprado.

MISTÉRIOS DO RIO

Benjamim Costallat



Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes
Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural

Coleção *BIBLIOTECA CARIOCA*
Volume 14

Organizador
Afonso Carlos Marques dos Santos

Copyright © 1990 Dora Costallat Martins Ferreira
Direitos desta edição cedidos ao Departamento Geral de
Documentação e Informação Cultural da Secretaria
Municipal de Cultura, Turismo e Esportes.

Proibida a reprodução, total ou parcial, e por qualquer
meio, sem expressa autorização.

Impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

ISBN 85-85096-15-2

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de
Documentação e Biblioteca do CT/DGDI

C837m Costallat, Benjamim, 1897-1961
Mistérios do Rio / Benjamim
Costallat. – Rio de Janeiro: Secretaria
Municipal de Cultura, Turismo
e Esportes, Departamento Geral de
Documentação e Informação Cultural,
Divisão de Editoração, 1990.
108 p. – (Biblioteca Carioca, v.14)

1. Crônica brasileira. I. Título. II.
Série.

CDD – B869.3
CDU – 869.0 (81) – 3

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Marcello Alencar

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, TURISMO E ESPORTES
Gerardo Mello Mourão

DEPARTAMENTO GERAL DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO CULTURAL
Helena Corrêa Machado

DIVISÃO DE EDITORAÇÃO
Paulo Roberto de Araujo Santos

CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Afonso Carlos Marques dos Santos

Membros

Helena Corrêa Machado

Paulo Roberto de Araujo Santos

Julio Cesar Machado da Silva

Sandra Horta Marques da Costa

Samira Nahid de Mesquita

Maurício de Almeida Abreu

Maria Augusta F. Machado da Silva

Evelyn Furquim Wemeck Lima

Anna Maria de Andrade Rodrigues

Edição e revisão de texto – Divisão de Editoração do CT/DGDI: Ana Lucia Machado de Oliveira, Célia Almeida Cotrim, Diva Maria Dias Graciosa e Rosemary de Siqueira Ramos

Capa e projeto gráfico da coleção:
Ivone Barros
da Coordenadoria Técnica Especial
1990

Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes
Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural
Rua Afonso Cavalcanti, 455 – sl. 201
Cidade Nova – Rio de Janeiro – CEP 20211 – Tel.: 273-9390

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO, 7

PREFÁCIO,

A visita do inspetor ou O dublê de sanitarista, 9

MISTÉRIOS DO RIO

Nota do Autor para a 3ª edição, 19

No bairro da cocaína, 21

Quando os *cabarets* se abrem, 27

A Favela que eu vi, 33

Casas de amor, 40

O jogo do Bull-Dog, 46

Os fumantes da morte, 51

O túnel do pavor, 57

A pequena operária, 63

A criatura do ventre nu, 70

Na noite do subúrbio, 74

Uma história de *manucure*, 81

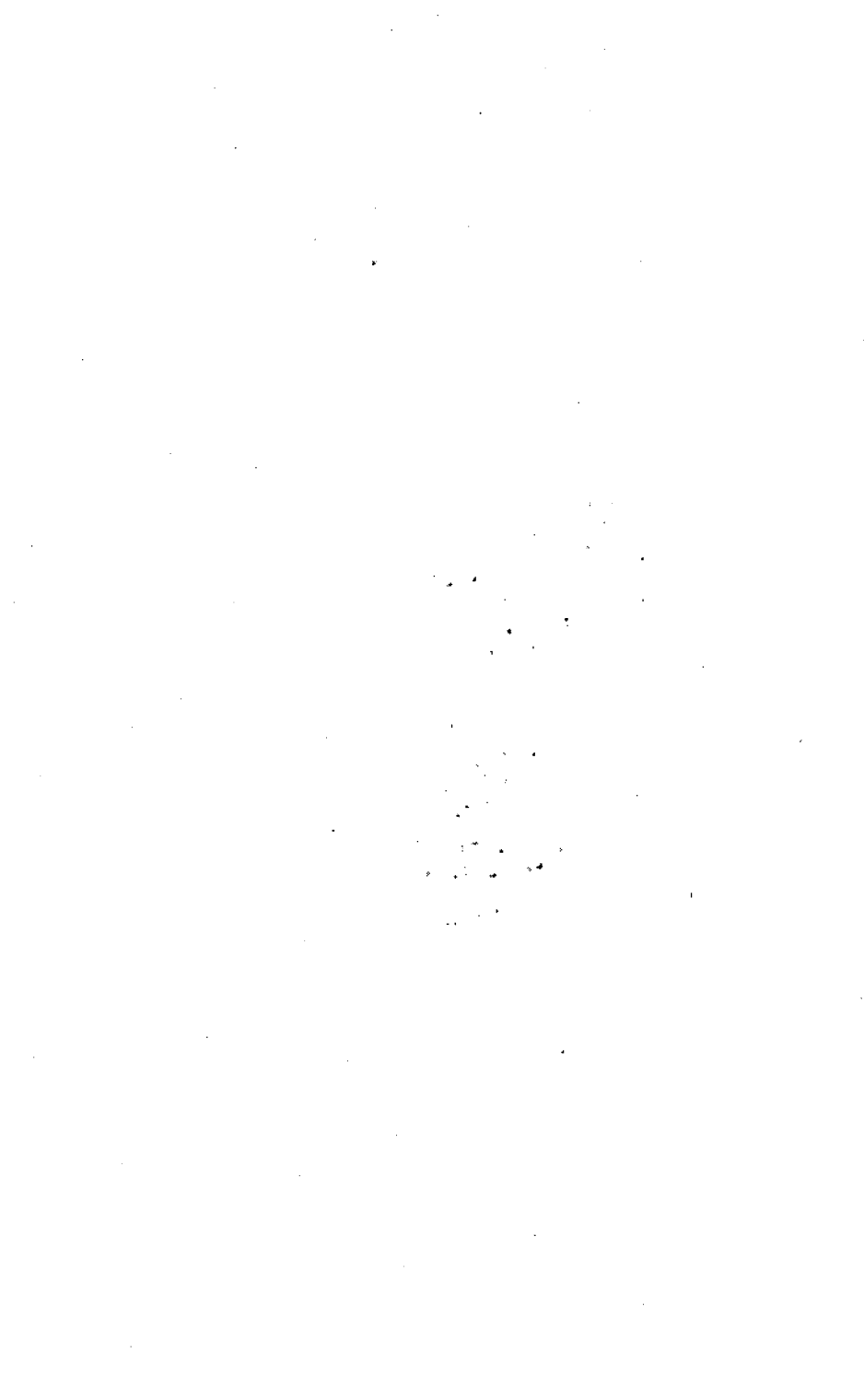
Os mistérios do *baccara*, 86

O circo, 92

O segredo dos sanatórios, 97

GLOSSÁRIO, 104

BIBLIOGRAFIA, 108



Apresentação

No Rio de Janeiro, em 26 de maio de 1897, nasceu Benjamim Delgado de Carvalho Costallat, profissionalmente conhecido como Benjamim Costallat. Precisamente no período em que o país vivia as imediatas consequências da abolição do escravagismo e da passagem do regime monárquico para o republicano.

Seguindo a trilha, geralmente tomada pelos jovens das elites de sua época, com vocação humanística, bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Rio de Janeiro.

Tornou-se conhecido como jornalista e literato. Conquistou o seu espaço, na vida social, durante o período caracterizado pelas transformações ocorridas entre o término da Primeira Guerra Mundial e o início da Segunda.

Violinista amador, assinou a coluna de crítica musical de um dos jornais mais importantes da época – *O Imparcial*. Trabalhou, como redator, na *Gazeta de Notícias* e no *Jornal do Brasil*. Foi considerado o renovador, melhor diria o nacionalizador, de folhetins que atraíam numerosos leitores.

Escreveu uma série de crônicas, encomendadas e publicadas pelo *Jornal do Brasil*, nas quais buscou revelar os subterrâneos da cidade do Rio de Janeiro. Nelas procurou veicular suas múltiplas e dinâmicas transculturações, então fortemente influenciadas pelos modismos do vitorianismo e da *Belle Époque*.

O crítico Agripino Grieco definiu Benjamim Costallat como um homem honrado, bibliófilo e interessado em música. Pessoas que o conheceram pessoalmente descrevem-no como tendo sido um homem simpático, sociável e perfeitamente enquadrado nos valores do seu tempo.

A realidade, sobre ele, parece ter sido mais complexa. Benjamim Costallat ousou, para escândalo geral, escrever sobre temas considerados proibidos. Com essa atitude ele dimensionou, com bastante precisão, a dinâmica de uma sociedade que era, a um só tempo, um caldeamento cultural em ebulição, a *Belle Époque* em sua passagem pelo Brasil e o peculiar moralismo do universo vitoriano. Ao assumir o vanguardismo na imprensa e na literatura, fez-se profeta duma sociedade em transformação.

A *Belle Époque*, por ele retratada, revela a presença de matrizes parisienses servindo de suporte para fatos e situações vividos no *bas-fonds* da cidade.

Nas crônicas que se estruturaram a partir da observação de ocorrências e comportamentos entre as classes sociais diferentes, é forte a influência literária do romantismo e da *Belle Époque*. De forma subjacente, a condenação exigida pelo moralismo vitoriano faz a denúncia da hipocrisia reinante numa sociedade onde a aparência se tornara mais importante que a realidade.

Outro ângulo que ele deixa transparecer é o da exploração do trabalho ocorrido na época que precedeu, de perto, a política do trabalhismo que se implantou no Brasil em 1930.

O fato de a série ter sido encomendada e publicada pelo *Jornal do Brasil* é um dado importante a ser analisado. O jornal, nessa faixa de tempo, caracterizava-se pelos seus Classificados, que funcionavam como mercado de oferta e procura de trabalho. Obviamente os seus muitos leitores, a maioria dos quais pertencentes às camadas que iriam formar o nosso proletariado, se encontrariam dentro da sua realidade. A emoção, sempre renovada através das sofridas e importantes histórias publicadas em folhetins de jornais, se deslocaria para planos mais objetivos.

Grieco, apoiando-se em José do Patrocínio, que descreveu a vida noturna carioca como totalmente desvinculada de comportados mundos apoiados em valores familiares, presumiu que, sendo quem era, Costallat não teria realizado uma pesquisa direta em perigosos meandros. Teria, isso sim, escrito com base em informações recebidas.

O fato é que os trinta títulos da sua produção literária se referenciam a partir de 1919. Precisamente quando o autor se engaja no movimento modernista e publica, no ano de 1922, o seu famoso romance *Mlle. Cinema*.

Posteriormente, a série de crônicas publicadas no *Jornal do Brasil* foi reunida no livro intitulado *Mistérios do Rio*, que teve a sua primeira edição no ano de 1924.

A palavra mistério define o oculto, ao qual apenas os iniciados têm acesso. Elegendo-a, Costallat assume o posicionamento postulado pelos modernistas. Denuncia a caótica realidade de uma sociedade cujas elites se envergonham da própria cultura e teatralmente manipulam a identidade cultural do país com o uso de modismos importados.

Vale a pena conferir a obra de um escritor que um dia foi considerado como maldito. Vale a pena acompanhar seus passos, desvendando mistérios de tempos mortos.

Maria Augusta Machado da Silva

A visita do inspetor ou O dublê de sanitarista

Mistérios de Londres! Mistérios de Paris! E por que não *Mistérios do Rio*, de Benjamim Costallat? Afinal de contas, lá pelos idos de 1900, ano base que assinala o início da *Belle Époque*, o Rio de Janeiro começa a ganhar ares de metrópole, fruto não só do epidêmico anseio de duplicar Paris sob o calor dos trópicos, como de transformações políticas acarretadas pela então recente Proclamação da República, que punha em cena a burguesia urbana. De sorte que a cidade vai se travestir de “capital do século XX”, devido às grandes ondas de modernização que engoliam a velha, suja e bem provida de encantos naturais cidade do Rio de Janeiro.

Cosmopolitismo é a palavra de ordem. A cidade ganha nova roupagem: “a criação de um espaço público central na cidade, completamente modelado, embelezado, ajardinado e europeizado”¹, substitui os quiosques – circundados pelos famosos tapetes de saliva tecidos pelas cusparadas dos que ali param em busca de um trago – e as feiras que recortam a cidade, tornando-se uma maneira alternativa de combater o desemprego. Os miasmas das ruelas e becos também desaparecem graças à ação desodorizadora das essências parisienses que evolvem da Casa Bazin, perfumaria situada na Avenida Central; os cafés, por sua vez, trazem a novidade: refrescos na calçada, num franco convite ao voyeurismo, reafirmado pela frequência aos cinematógrafos Pathé e Odeon. Um banho de civilização, diria um *smart* da época.

Por outro lado, se a cidade vestia outro manequim, tal modelagem teve lá suas conseqüências. A dieta imposta por Pereira Passos – prefeito da Capital Federal – colocou abaixo a antiga cidade, empurrando os habitantes dos cortiços para o subúrbio ou levando-os a se alocarem nas favelas. O nacional-popular perde calorias; sendo assim, a boemia e a serenata definham por carecerem

daquilo que mais as alimentava: pensões, confeitarias bem populares e os freges. O violão plange em vozes veladas, veludosas vozes, pois fadado está como marca de malandragem.

Desse modo, o casamento da dieta com a assepsia alegre os nostálgicos narizes de uma sociedade que se espelha no cristal francês. Saneada, odorizada e vacinada, não havia por que tomar a barca de Petrópolis. O endereço elegante não era mais a Ouvidor mas a Avenida Central, onde o consumidor poderia adquirir as últimas novidades européias; aliás, vivia-se já naquela época sob a ditadura da moda: rolava em Paris, então tem que rolar por aqui. Entretanto, ao lado dessa cega absorção da influência francesa, havia vozes que denunciavam o cerceamento da dicção nacional. Mas, enfim, uma elite otimista, risonha e espocante!

Com a ação regeneradora aplicada à cidade, surge um estilo denominado *art nouveau*, que tira de cena os mestres-de-obra e arquitetura portuguesa, signo de mal gosto. Tal estilo também será absorvido pela literatura, como bem destaca José Paulo Paes no primoroso capítulo de *Gregos e Baianos*, intitulado “O *art nouveau* na literatura brasileira”. Segundo o autor, o *art nouveau* é “. . . a arte típica da chamada *Belle Époque*, isto é, daquele longo interregno de paz que se estendeu de 1870 até a Primeira Guerra Mundial e durante a qual prosperou uma rica sociedade burguesa, brilhante e fútil.”²

Decorativo por excelência, o *art nouveau* expressa a obsessão pelo estilo, tão característica do final do século XIX. Orgânica, sensual, reedição do rococó, apresenta uma linha floral plena de sinuosidades; reintroduz a estilização, revela ainda acentuado apreço pelo niponismo, além de conferir leveza ao que produz. Assim é que “o ferro trabalhado tornou possível para o *art nouveau* emancipar o espaço da massa, como pode ser observado nas Galerias Lafayette em Paris.”³ Ou, ainda à guisa de exemplo, os motivos da natureza – flores e gavinhas –, estilizados em forma de espirais e gotas, em ferro batido, criados por Guimard para decorar as entradas do metrô.

Porém, retornando à regeneradíssima cidade do Rio de Janeiro, aqui também vicejou na arquitetura o *art nouveau*. Entretanto, apenas dois prédios eram genuinamente exemplos de tal estilo: Herms Stoltz e Cia. e Hasenclaver e Cia., hoje inexistentes. Na verdade, esse estilo vingou entre nós através de trabalhos de carpintaria, estuque e de ferro, especialmente nas grades. E mais:

Na prática, caberia a Eliseu Visconti tentar romper a rotina acadêmica. Regressando ao país em 1901, o artista realizou uma exposição onde, além de trabalhos a óleo, exibiu pastéis, desenhos e cartazes, vinte e oito objetos de cerâmica, lâmpadas e tecidos.

Contemporaneamente aparecem outros nomes que têm coisas novas a dizer. Assim os caricaturistas Calixto Cordeiro e Raul Pederneiras, os escultores José Otávio Correa Lima, Rodolfo Bernadelli, Belmiro de Almeida e Ferri, o marceneiro e urbanista Borsoi, o mestre de ferro batido Pagani. Na arquitetura se destacam os nomes de Virzi (autor do (...) Elixir de Nogueira, da casa para a família Silveira na praia do Russel e da hoje destruída neogótica casa da família Martinelli na Osvaldo Cruz), e Silva Costa, que fez uma versão praieira de uma casa Art Nouveau na Avenida Atlântica (já demolida).⁴

Reeditando a figura do *flâneur*, na melhor modulação pós, pode-se checar o influxo do *art nouveau* nos apliques belgas e nos desenhos espirais da clarabóia da Confeitaria Colombo ou, ainda, nas escadarias de ferro trabalhado do Cinema Íris, antigo Cine Soberano. Caso o desejo de prolongar o passeio seja muito forte, caro leitor, é só tomar o itinerário proposto por Irma Arestizabal, em *Rio Art Nouveau/Art Deco*.

Interessante é perceber que na literatura *art nouveau* o diálogo entre esta e as concepções que nortearam os pincéis deste estilo traz fantásticas convergências. Se a pintura cultua o ornamental, a literatura endossa o culto. Tanto que a prosa do cronista João do Rio está confeitada por palavras das línguas inglesa e francesa, o que lhe valeu inúmeras críticas, sendo, inclusive, taxado de *snob*. Como os artistas do *art nouveau* desejavam uma arte que fosse popular, ou seja, que pudesse ser levada para o cotidiano, não seria forçar a mão concluir o vigor que a crônica mundana e social adquire neste período, dentro da literatura brasileira. Não foi à toa que Afrânio Peixoto intitulou as produções literárias *art nouveau* de “sorriso da sociedade”, pois o gosto pela diversão e a ausência de conflitos são a palheta do momento.

Antonio Arnoni Prado, ao se referir à figura do escritor da *Belle Époque*, assinala que:

À medida que a especialização do trabalho anuncia a queda da torre de marfim, já não se admite mais que um autor cotado deixe de ser visto como boa marca, nem que a força de um livro seja outra coisa que a expressão de seu índice mensal de vendas. O mundo do escritor, como o de qualquer cidadão que trabalhasse, pressupunha também a mesma necessidade de conforto, segurança e bem-estar. Importava submeter-se aos esquemas promocionais de propaganda que reduziam a quase nada o valor de uma boa referência de crítica especializada.⁵

Como se pode observar, escritor e obra estão sujeitos às leis do mercado. Hoje tal situação parece ter chegado ao seu ponto alto, visto que as estratégias de *marketing* e a indústria cultural puseram por terra concepções como talento criador, originalidade, invenção e qualidade. Sendo assim, o escritor, além de dobrar-se perante as exigências do mercado, acompanha seu grau de popularidade nas listas de livros mais vendidos, isto é, se ele consegue publicar a sua obra. Tal *hit-parade* cultural também fez desaparecer a crítica de valor, pondo em seu lugar uma filha do estruturalismo, que parece ser conivente com as leis do mercado e que, portanto, funciona como propaganda do produto: o livro.

Escrever por encomenda não é um procedimento condenável; já Benjamim Costallat assinava um contrato com o JB para revelar os mistérios do Rio de Janeiro. Na entrevista que concedeu a esse jornal para anunciar a sua estréia como cronista, não falta o alarde e a garantia de exclusividade do produto – uma tônica dos *mass media*. É ainda Benjamim Costallat que, de viva voz, apregoa a veracidade de suas crônicas na exata medida em que as faz produto da observação, para em seguida embalá-las em farta dose de suspense pelas promessas de revelação embutidas no título chamariz: *Mistérios do Rio*.

Recorde de vendagem era com Benjamim Costallat. Seu primeiro romance, *Mlle Cinema*, de 1922, na quinta edição, alcançara a tiragem de *best-seller*: 60.000 exemplares. O segredo do sucesso residia na conhecida e velha fórmula explorada pela indústria cultural: escândalo e sexo. Tal romance apresenta Rosalina – a protagonista –, filha de um ex-ministro da República, em Paris. Lá, a personagem conhece um escritor brasileiro, freqüentador assíduo do *bas-fonds*, e a ele acaba se entregando. O título da obra é o apelido conquistado pela “heroína”, evocativo de seu comportamento na Cidade Luz. Um romance que atendia de perto a um público adolescente, sem dúvida!

Se o sucesso era relativamente grande nas décadas em que publicava – a ponto de o escritor fundar a editora Costallat & Miccolis visando à própria obra –, o silêncio que hoje recobre a passagem do autor pelo itinerário de nossas letras é proporcionalmente assustador. Por isso, vamos aos *Mistérios do Rio*, um mural da vida carioca, prenhe ainda de uma maneira de olhar específica da *Belle Époque*, semelhante à que consagrou João do

Rio,⁶ que por sua vez ia na esteira de Jacques Lorrain ou ainda o modelito que entre nós conquistou adeptos – *La Garçonne*, de Victor Margueritte.

Benjamim Costallat, no texto/entrevista citado, acerca da publicação de suas crônicas pelo *Jornal do Brasil*, renega a influência da obra de Paul Féval, *Os Mistérios de Londres*, folhetim rasgado onde se pode observar a mistura de várias camadas da sociedade, através de episódios plenos de ação, recheados de muito suspense. Deixa de lado também os de Paris, de Eugène Sue, obra máxima do romance popular, revelador de condições sociais que produzem o “mal” de forma redentora e bem romântica.

Dessa recusa, percebemos um projeto determinado do autor, ao desvencilhar-se, pelo menos em sua proposta, do que cheira a sensacionalismo e a ficcionalização. No entanto, ao iniciarmos a leitura do volume, entramos em contato com a prática e percebemos que cada texto se instaura como uma mininarrativa, pulsante de recursos característicos do folhetim. O aspecto de verdade, enfatizado por Benjamim Costallat na referida entrevista, mantém-se através das informações disseminadas ao longo dos textos. Verdade meio estrangulada, é certo, em meio a camadas de linguagem hiperbólica e reiterativa. Tome-se como exemplo o primeiro texto “No bairro da cocaína”, com períodos como “Ia à procura do homem misterioso – do vendedor de cocaína. Do criminoso vendedor de esquecimento e de ilusão . . .”, seguido de vários parágrafos quase referenciais, entremeados por expressões e frases que mantêm o clima de mistério, ou moralizam a respeito do vício.

A essa camada de linguagem, muitas vezes com pretensões líricas, junta-se, em outros trechos, outra mais dinâmica, com traços rápidos, obtidos através da predominância de períodos curtos. Observem-se alguns parágrafos de “Quando os *cabarets* se abrem . . .”:

O jazz tonitruava.

Entre as mesas, os pares dançavam um *shimmy* desengonçado e mórbido.

Ao longe, ouvia-se o “tic-tac” distante das fichas – o jogo

para constatar o ritmo da descrição encetada pelo cronista.

Se a busca da verdade é realçada pelo autor, torna-se necessário entender a que espécie de verdade está aludindo. Primeiramente, tudo se apresenta através de uma questão de perspectiva. O narrador/cronista afigura-se em todos os textos como

uma testemunha passiva, como um observador distanciado. Não se mistura às figuras observadas, que se expõem a seus olhos como objetos de sensação, possível matéria de crônica. Desde logo a perspectiva acha-se submetida à distância, comprometida pela procura de um narrador que focaliza o fato fora de sua esfera vital. Se por vezes parece haver contaminação, se o cronista parece estar “colado” àqueles que retrata, é apenas movimento retórico de sentimentalização, perdido entre dois olhares. Assim, a imagem do morro, em “A favela que eu vi”: “O maior perigo que eu encontrei na Favela foi o risco, a cada passo, de despencar-me de lá de cima pela pedra ou pelo morro abaixo”; a da casa de ópio, em “Os fumantes da morte”: “Estávamos em uma das célebres *fumeries* chinesas, *fumeries* onde só os iniciados conseguem penetrar, templos misteriosos de um grande vício”, entre outros.

Por vezes, o cronista caminha em grupo, junto a seus iguais – entretanto, ainda assim o que predomina é uma postura retraída, uma sensação de estranheza daquele que deseja ver tudo, captando a vida como matéria literária. Observando: “A Rua do Riachuelo, cheia de pó, tinha, àquela hora da tarde, um movimento inusitado. Não queríamos ser vistos” – nem ouvidos, nem sentidos – sombra pura, capaz de atingir com o olhar-câmera o humano. Em nenhum momento chega ao envolvimento real, já que este cronista mistura-se apenas discursivamente ao observado.

Essa é uma dinâmica comum às crônicas jornalísticas da época, no Brasil. E, sem mudar o movimento, o cronista em *Mistérios do Rio* participa do narrado dos bastidores, imperturbável, apesar da aparente sintonia com as cenas focalizadas, que vem a se revelar, no máximo, como perplexidade ou comiseração.

Ao assegurar a verdade de seus textos, o autor pretende produzir um efeito de apresentação da realidade. Escolhe um determinado ponto, ligado à anormalidade, e por ele deixa fluir o seu relato. Dessa maneira, na obra, o anômalo (na perspectiva do cronista) revela-se retratado como excludente, sem que haja a menor possibilidade de integrá-lo a um panorama de normalidade. Prostitutas, traficantes, viciados vicejam nas páginas de *Mistérios do Rio*, como casos nítidos de excepcionalidade, recortados pela pena de um cronista pessoal. Singularidade de enfoque, visão única do acontecimento, e os textos se transformam em cenas.

Nessa linha, o autor deseja encenar o crime, o caso desviante. Dramatizam-se situações com imagens óbvias de marginalidade e,

dentro desse circuito de cenas, é fácil detectar modelos a serem seguidos. Modelares, os textos articulam-se por meio de um esquema semelhante: expõe-se o assunto, sintoniza-se o leitor com algumas observações, para depois apresentarem-se as personagens, no mais das vezes tipos característicos. A ordem fechada do discurso tende a revelar, portanto, em um outro nível, a tentativa de organização do que estaria “desordenado” socialmente. Toda essa estratégia textual nos leva a pensar na escritura como ponto de aplacamento e suavização de conflitos, já que o mistério é abordado de tal forma que não permite um re-agenciamento no contexto social a que pertenceria.

Se o conflito sobrevive, é apenas na dramatização das cenas, quando o autor enfatiza aspectos recalcados de determinados fatos, que vão se revelando, pouco a pouco, como expressões estilhadas de embates sociais. A miséria, a exploração humana, os vícios são exibidos como parte de uma imagem real, transformada em espetáculo por um discurso estratégico. Entre os recursos utilizados, salta aos olhos um certo teor melodramático, bem ao gosto do público da época. Para comprovar essa veia sentimental(óide), basta examinar o último período de “Casas de amor”, ou de “A pequena operária”, verdadeiras pérolas de emotividade patética, que tendem ao excesso.

Ao longo das cenas, o narrador causa um efeito, que poderíamos chamar de recentramento, uma vez que desloca a atenção dos leitores para o caso sensacional, mas nada faz além de colocá-lo no eixo do acontecimento. Ao final, a ordem prevalece, o emissor legítima, por revitalização, a norma de conduta, através de procedimentos textuais embasados numa visão moralizadora. Sumariamente, o leitor apreende a visão de um cronista ameaçador, que invade a cena, fixa-a e transforma-a em surpresa. Se bem que o surpreendente logo seja integrado ao circuito da normalidade, dando lugar a um outro mistério, que por sua vez . . . Assim, mesmo sendo ‘o *bas-fonds* o espaço preferido para ambientação das cenas, o narrador se compraz em observar de modo “alto” as figuras.

Tipos são pinçados, nas visitas do cronista/observador: cocainômanos, operários, traficantes, prostitutas, entre outros. Ficam suspensos no tempo, fixados na cena compartimentada, parada. Somente a psicologia de superfície de tais tipos é revelada, já que o narrador apenas tangencia sua interioridade. Esvaziadas de uma linha seqüencial de vida, as figuras esvaem-se. O cronista fixa-as e

julga-as. Basta o seu juízo crítico e nada mais resta ao leitor, a não ser desconfiar do texto.

Ligados às personagens, espaços se sucedem. A cidade do Rio de Janeiro, neste circuito constelado, desmancha-se em becos, ruas, vielas, lugares escusos que escondem as personagens. O clima de exceção desarticula a imagem da cidade, que se transforma em um aglomerado de reticências e exclamações, por conta da retórica admirada do cronista que viaja em sua própria cidade, sem se adaptar aos espaços que visita. Pontuam-se as ruas pela surpresa, envolvendo o leitor na atmosfera.

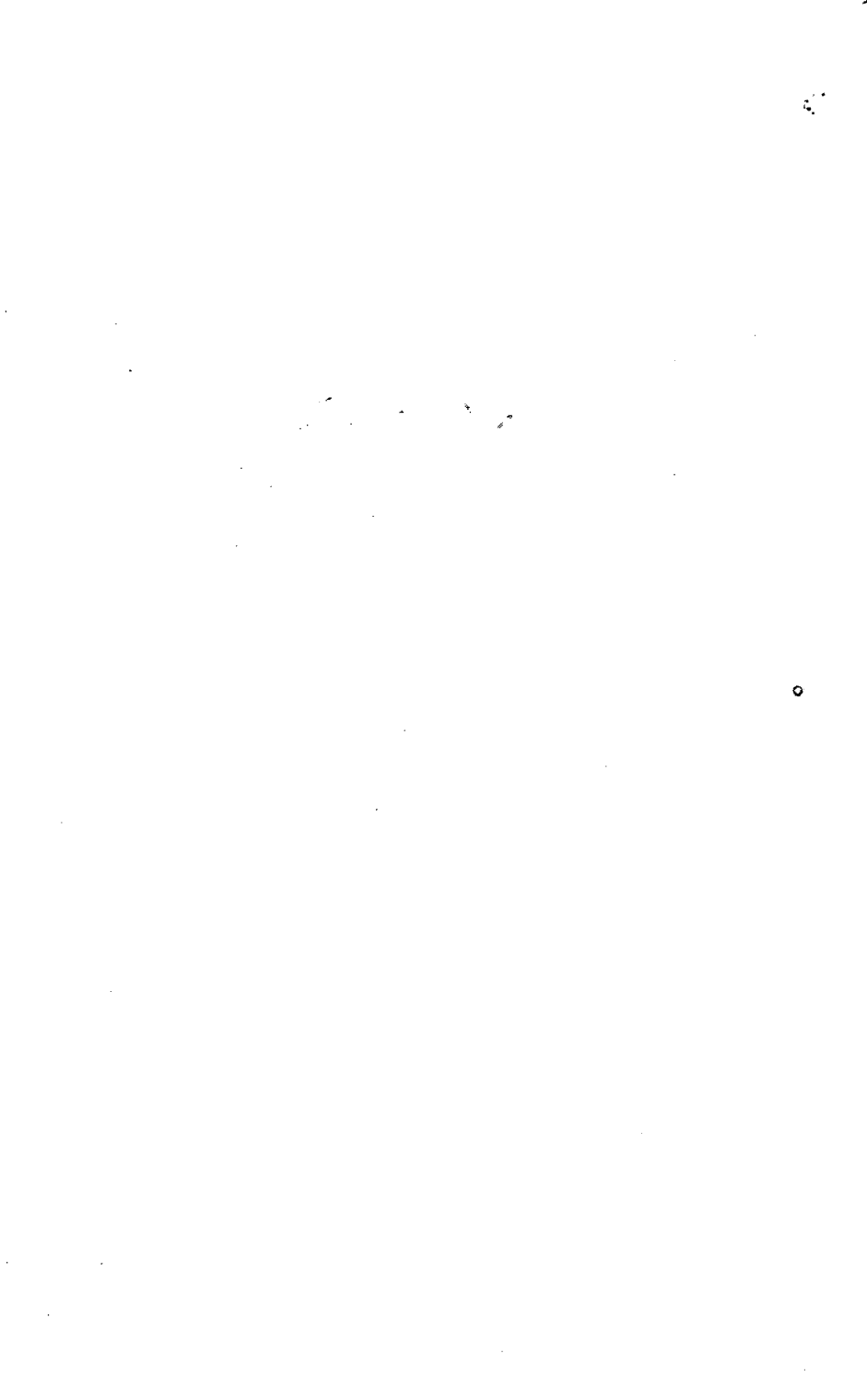
Mas como preencher os vazios de uma cidade que, em *Mistérios do Rio*, é somente sua parte sombria? Ao leitor, cabe iluminar o percurso de leitura, deixando-se levar, sem mistérios, por becos da Lapa, pelo jardim da Glória, adentrando um *cabaret*, subindo a Favela, passando pelo túnel do Rio Comprido, entrando num *rendez-vous*, assistindo a jogos, voltando ao Centro da cidade, indo ao Baile dos Artistas – presenciando cenas e cenas. Desse trajeto, em crônicas, fica registrada uma cidade que reclama por saneamento social, por isso a postura do narrador, quase sempre ativa, reduplica a do inspetor sanitário.

Armando Gens
Rosa Maria de Carvalho Gens

NOTAS

- 1 SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo, Brasiliense, 1983. p. 59.
- 2 PAES, José Paulo, *Gregos e baianos*. São Paulo, Brasiliense, 1985. p. 67.
- 3 SYPHER, Willie. *Do Rococó ao Cubismo na arte e na literatura*. São Paulo, Perspectiva, 1980. p. 180.
- 4 ARESTIZABAL, Irma. *Rio Art Nouveau/Art Deco*. Rio de Janeiro, Fundação Rio, s/d.
- 5 PRADO, Antonio Arnoni. Dialética da grã-finagem. In: MENEZES, Emílio de. *Obra reunida*. Rio de Janeiro, José Olympio; Curitiba, Secretaria de Cultura e Esportes do Estado do Paraná, 1980. p. 3.
- 6 Sobre esse autor, consultar: BOUÇAS, Luiz Edmundo. Um *dandy* decadentista e a estufa do novo. In: RIO, João do. *A mulher e os espelhos*. Rio de Janeiro, Sec. Mun. de Cultura, Turismo e Esportes, 1990; e OLIVEIRA, Ana Lucia M. de & GENS, Rosa Maria de C. Flanando pela alma encantadora das ruas. In: RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro, Sec. Mun. de Cultura, 1987.

MISTÉRIOS DO RIO



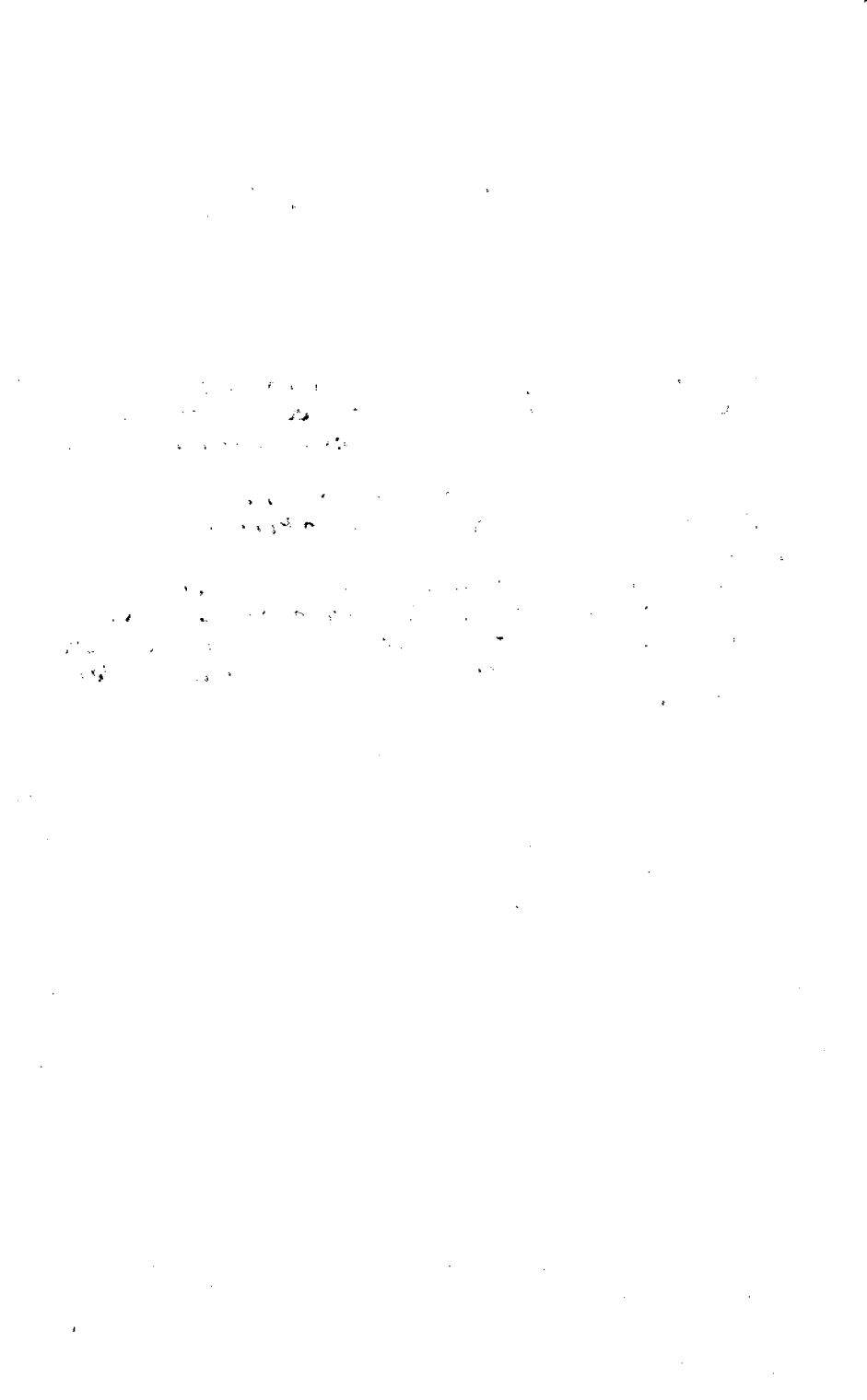
Nota do Autor para a 3ª edição *

As cidades remoçam. Nós envelhecemos. Nestes sete anos, que separam o aparecimento de Mistérios do Rio desta 3ª edição, houve muita mudança – do Rio para mais moço, de mim para mais velho...

Eu deixo – como antigamente se deixavam os erros de revisão – à inteligência do leitor verificar o que o Rio lucrou e o que eu perdi.

Esta reedição de velho livro de um escritor que, naquela época, era um jovem entusiasta, tem, para mim, o encanto das recordações, e se, para o leitor, não tiver nenhum, perdoe-me ele, como se perdoa, aos velhos, a volúpia inocente de contar histórias de outros tempos...

* Publicada por H. Antunes. Rio de Janeiro, 1931.



No bairro da cocaína

– Onde?

A mulher, num susurro, disse-me ao ouvido:

– De noite... Na Glória... No jardim... debaixo do Hotel Glória... Sim, um homem está ali...

– Quanto?

– Oito mil réis. Talvez ele te cobre mais por não te conhecer ainda. Mas, para os fregueses habituais, é oito mil réis...

– Que devo eu dizer, qual a senha?

– Dize assim: – “eu vim buscar aquilo”...

– Só?

– Só. Mas não te esqueças de esfregar com o dedo as narinas e respirar fortemente – é o sinal característico dos cacainômanos...

.....
À noite, eu lá estava no jardim da Glória.

Pelas alamedas desertas e iluminadas, o meu olhar se estendia sem ver ninguém.

Ía à procura do homem misterioso – do vendedor de cocaína. Do criminoso vendedor de esquecimento e de ilusão...

O comércio da cocaína é um comércio que opera mais tranquilamente à noite.

De dia, há as farmácias. E não são poucas as que vendem. É só uma questão de preço e de confiança em quem compra...

Aliás, toda a cocaína que existe no mercado consumidor saiu da mão de respeitáveis farmacêuticos que a importaram para usos terapêuticos.

Mas noventa por cento da cocaína importada no Rio de Janeiro não tem aplicação terapêutica e é exclusivamente destinada ao uso e abuso dos viciados da droga fatal.

É, pois, por intermédio de algumas farmácias criminosas, que o produto entra e se espalha pela cidade inteira.

O comércio da morte é admiravelmente organizado.

Composto de uma série infinita de intermediários de intermediários, de revendedores de revendedores, a cocaína rapidamente é distribuída por todos os recantos. *Chauffeurs*, rápidos, *garçons*, me-retrizes, jogadores, até quitandeiros e peixeiros e turcos de prestações, *manucures*, barbeiros, dentistas, médicos, quase todas as classes têm um representante revendedor da droga. Conheço até um

jornalista que, não se contentando com o que lhe dava a pena, era também revendedor de cocaína.

Mas toda essa cocaína espalhada por todos os meios sociais tem um vendedor por atacado. É o rei da cocaína no Rio de Janeiro. É o grande açambarcador. É uma criatura misteriosa que ninguém sabe quem é, que nem os próprios revendedores sabem quem é, mas que domina o mercado da droga vendida clandestinamente, fazendo-lhe o preço e organizando, na impunidade de seu anonimato, a sua distribuição e a sua venda criminosa.

Este rei da cocaína, rei do grande veneno do século, que a tanta gente tem vitimado, deve viver rodeado da consideração de seus semelhantes. Deve ser rico e respeitado. Tem ganho bastante para ser as duas coisas...

Mas, no jardim deserto e iluminado, eu não via quem procurava.

As alamedas muito claras e vazias.

Adivinhavam-se, apenas, ao longe, algumas raras silhuetas que passavam, pretas e rápidas, como uma visão de velha lanterna mágica.

Fui até o mictório da Glória.

Dormindo, encostado ao ladrilho, úmido e pouco perfumado, estava um homem de aspecto miserável.

— Será este?

Tossi. Fiz barulho. O homem não se mexeu. Estava dormindo de verdade. Estava dormindo o sono profundo dos desgraçados, o sono profundo dos que não têm cama...

Não era este. Não podia ser este o homem da cocaína.

Mas uns passos rápidos se aproximam.

No silêncio da hora, aqueles passos ressoam, estranhamente...

Os passos cessam.

O homem parou.

Está defronte do gradil do mictório, bem debaixo de sua lanterna pálida...

A luz branca da lâmpada ilumina-o todo.

Vejo-o perfeitamente.

Dirijo-me a ele:

— Boa noite...

O homem faz um gesto, como querendo fugir, mas domina-se e escuta-me:

— Boa noite... Eu “vim buscar aquilo”... Não sabe?...

É um mulato. Roupas boas, mas usadas. Roupas de belchior...

Debaixo de seu chapéu de feltro, dous olhos brilham, esquisitos, febris, doentes...

Olhos de viciado. Olhos de cocainômano.

Não há dúvida — é aquele!...

O homem trai-se logo com uma explicação idiota e amedrontada:

– Não sei, não, senhor... Eu sou marítimo... Venho aqui todas as noites, é verdade, mas é para ver minha namorada que mora na Rua do Catete.

– Não se assuste, “seu marítimo”... Eu “vim buscar aquilo”... Não sabe?

– Não sei, não senhor...

Reparo as mãos do pretense marítimo. São mais finas do que as minhas... Aliás, os seus olhos brilhantes e mórbidos, a sua fisionomia pálida e magra, as suas olheiras fundas, dão-me a certeza de que estou diante do vendedor misterioso e noturno da droga terrível. Mas uso de um estratagema...

– Bom... Queira desculpar, cavalheiro... Eu me enganei... Desejava falar com uma pessoa... Pensava que fosse o senhor... Já que não é, adeus!...

E fiz alguns passos esfregando a mão nas narinas e fungando, como um cocainômano.

O homem, mais tranqüilizado, e arrependido de não ter feito negócio, animou-se:

– Mas o que deseja o senhor?...

– Três!...

E mostrei-lhe três dedos, como fazem os viciados para indicar o número de gramas de cocaína que desejam:

– Três!

– Três quê?

– Três “poeira”, “fubá mimoso”, três pequeninos frascos daqueles que você sabe!

– Não tenho, não senhor...

– Sei que você tem... Não faço questão do preço...

– Quanto quer pagar?...

– Até vinte mil réis o grama!...

– Sessenta mil réis os três frasquinhos?...

– Perfeitamente.

– Então vou arranjar. Tenha a bondade de esperar um minuto...

Olhando desconfiado para o jardim deserto, o homem entrou no mictório e, pouco depois, safa com os três frasquinhos na mão.

Paguei. O homem suspirou aliviado, vendo, definitivamente, que eu não era polícia, e desapareceu...

A luz do primeiro lampião pus-me a olhar os três frasquinhos fatais, vidrinhos pequenos, amarelados, quase microscópicos, com a cocaína, brilhando, cristalizada...

O rótulo de cada vidro minúsculo dizia o seguinte:

1 g. Chlorhydrato de Cocaina Merck.
cryst, puriss.

Ph. A. V. Cod. fr. 08

243

E. Merck Darmstad.

Cocaína alemã!... Da melhor. Como a inglesa, a de John-Hime, a preferida pelos viciados!

Apesar de estreante no assunto, eu não havia sido roubado. No Palace Club, noites atrás, eu tinha sabido que um toxicômano, um rapaz da *jeunesse dorée*, havia dado 200\$ por um grama daqueles! Não podia me queixar. Estava fazendo meus estudos sobre cocaína, com economia...

Fui andando em direção à Rua da Glória, com a Lapa, o centro preferido dos cocainômanos.

Perto da estátua de Pedro Álvares Cabral e do relógio, algumas francesas sorriam, convidativas...

Umavam o bonde, outras preferiam ficar mais perto de suas pensões. Paradas, por ali mesmo, elas esperavam a aventura imprevista, sonhando com um coronel de algibeiras cheias...

Na esquina de Conde de Lage com a Rua da Glória estava o misterioso automóvel de que eu já tinha notícia.

Todas as noites, depois das dez horas, aquele Studebaker, de *carrosserie* nova, acha-se imóvel na esquina de Conde de Lage, à espera de um freguês hipotético que nunca aparece.

O estranho táxi ali fica, a noite toda, até às primeiras horas da manhã...

Eu já sabia encontrá-lo.

O *chauffeur*, perto do volante, pacificamente, fumava o seu cigarro.

Fui a ele. Abri a porta do carro. Dei-lhe um endereço qualquer:

– Não posso ir, não senhor. O carro está ocupado...

– Ah! perdão...

Mas foi o bastante para ver-lhe a fisionomia.

E o *chauffeur*, como o “marítimo”, tinha os mesmos olhos febris e a mesma face pálida...

Como no caso do homem do mictório, confirmava-se a denúncia que eu havia recebido sobre o *chauffeur* do carro misterioso da esquina da Rua Conde de Lage.

É um carro que nunca aceita fregueses e que volta, todas as manhãs, vazio como veio...

É apenas um ponto de venda de cocaína, conhecido pelos viciados.

E é assim que o *chauffeur* – também cocainômano como todos os vendedores do tóxico – sem gastar gasolina, faz uma fêria maior do que os seus colegas que rodam a noite inteira com os seus carros...

.....

O bairro da cocaína estava, naquele momento, em plena eferescência.

Dos cafés da Lapa às pensões elegantes da Glória, passando pelos becos nojentos da prostituição, o bairro da cocaína vibrava de luzes, de risos de mulheres, de espasmos humanos...

O bairro da cocaína!

Botafogo, Copacabana, Avenida Atlântica, Santa Teresa, Leblon, também tomam cocaína. Até Madureira já está contaminada...

Mas a zona de irradiação do vício, a zona do comércio miserável do terrível tóxico, é a Lapa e a Glória.

Entre dez meretrizes, nove são cocainômanas.

E a zona da prostituição não podia deixar de ser a zona do vício da "poeira" terrível.

Nos *clubs*, nas alcovas das horizontais, nos cafés noturnos, nas pensões *chics*, toda a Lapa e toda a Glória tomam cocaína em suas noites lúbricas e inquietas.

O templo mais concorrido dos viciados do "fubá mimoso" é uma pensão, na praia da Glória, da parisiense Gaby.

Ali os toxicômanos se reúnem.

E cheiram, e aspiram pitadas do pó branco em companhia das mulheres...

Quando, na sala de jantar da pensão *chic*, há algum elemento estranho à confraria do vício, e um toxicômano manifesta pela sua agitação a ânsia de tomar uma *prise* de cocaína, Gaby oferece o seu quarto...

— Quer botar "pó de arroz"? Entre no meu quarto, não faça cerimônia!...

Fazendo-me passar, na pensão de Gaby, por um cocainômano — bastou-me ter no bolso os meus vidrinhos Merk — compreendi a solidariedade tremenda que existe entre os viciados.

Um cocainômano para outro cocainômano é uma criatura sagrada.

Só por pensar que eu era um viciado, Gaby me distinguiu com mil amabilidades. A cada instante me atirava olhares cúmplices e carinhosos. Era seu irmão de tóxico e, só por isso, eu podia contar, com ela, para tudo.

E, quando lhe dei dous dos meus vidrinhos — guardei um como lembrança! — os seus olhos brilharam, olhando para a cocaína. E, toda ela, dos pés à cabeça, teve um frêmito de prazer diabólico!

Um rico colar de pérolas lhe teria causado menos sensação.

O vidro minúsculo de pó representa para o viciado o valor de vários mundos.

Com um grama do anestésico tem-se um cocainômano em completa escravidão.

Para conseguir o frasco do veneno, que lhe é mais caro do que a própria vida, o viciado é capaz de todas as torpezas e de todos os crimes.

Na pensão de Gaby, aquelas criaturas estranhas e desconhecidas entre si, ligadas pelo vínculo do mesmo terrível vício, são mais unidas do que se pertencessem à mesma família.

Chamam-se de "irmãos" e consideram-se como tais.

Se faltar dinheiro ou "pó" a alguma delas, logo há alguém da

confraria que lhe vem em auxílio.

A classe dos cocainômanos é a única classe, absolutamente solidária, que eu conheço...

– Gaby! Gaby!...

– Que é, meu pobrezinho...

E um viciado faz-lhe sinal, o clássico sinal aflito e desesperado dos cocainômanos, esfregando as narinas com as costas da mão.

– Gaby!... Gaby!...

– Sim, meu pobrezinho... Já te dou...

Gaby, que talvez negasse um pão a um pobre, precipita-se em socorro de seu colega de tóxico, arranja-lhe custe o que custar a “poeira fatal”, e é capaz de todos os heroísmos para satisfazer o seu vício e o vício dos outros...

Se alguém estiver morrendo de fome, talvez Gaby não o socorra com uma esmola.

Mas se for de tóxico que alguém necessitar, Gaby será capaz de vender a sua última *toilette* e a sua última jóia.

Ela é a sacerdotisa de uma nova religião – a cocaína!...

Quando os "cabarets" se abrem . . .

... E a dançarina de olhos azuis contou-me o fim de sua história:

– Desde a idade de quinze anos, eu dançava com minha irmã mais velha, nos *cabarets*. Mas era pura. Era virgem. Era inocente...

Ninguém acreditava. Ninguém concebia que, vivendo, todas as noites, neste meio de perdição, dançando seminua para os homens, pudesse existir uma donzela...

As minhas colegas, elas que sabiam da verdade, debochavam-me:

– Como vais, lírio de *cabaret*?...

Fiquei com o estranho apelido – lírio de *cabaret*.

Alguns pronunciavam esse "lírio" com descrença, com sérias dúvidas; outros diziam-no com desprezo, como se a minha virgindade fosse uma vergonha...

Assim passavam os dias e eu continuava a dançar.

Lírio de *cabaret*!

Comecei então a ter a sensação esquisita de que, no meio em que vivia, ser pura era uma desonra...

E a minha virgindade começou-me a pesar extraordinariamente!

Dançarina de *cabaret* e donzela!

As duas cousas juntas... Não podia ser...

Todas as minhas companheiras, como propositadamente, me falavam em seus amantes, em suas cenas de ciúmes, insistindo nos detalhes mais íntimos de suas ligações.

Eu não tinha ninguém de quem falar.

Ninguém...

Era só.

E isso já começava a ser um crime, uma vergonhosa anormalidade, nas noites vermelhas do *cabaret* berrante...

Um dia resolvi.

Naquela noite, não seria mais pura...

A um dos muitos homens que me perseguiam, entreguei-me naquela mesma noite, sem ser por amor, sem ser por interesse.

Apenas para acabar com o apelido irônico que me irritava – lírio de *cabaret*!

O homem era até feio, desajeitado, sem dinheiro.

Foi num passeio de automóvel à Tijuca.

Quando voltamos ao *cabaret*, tive um grito estúpido de vitória.

E eu, que me tinha dado sem amor, quase com repugnância, gritei, fingindo-me alegre, mas com soluços na voz:

— Lfrio? Sim, mas um pobre lfrio machucado...

.....

A dançarina de olhos azuis acabou a sua história, bebeu uns goles de *champagne* e foi dançar.

O *jazz* tonitruava.

Entre as mesas, os pares dançavam um *shimmy* desengonçado e mórbido.

Ao longe, ouvia-se o “tic-tac” distante das fichas — o jogo.

No meu cérebro cheio de barulho e de luz, passava a fisionomia de ingênua da dançarina de olhos azuis...

Pobrezinha... Não quiseram que ela fosse honesta... Ela bem o queria... Mas não quiseram...

Pecar sem ser por amor... sem ser por interesse... pecar por pecar... porque a virtude, na moral do *cabaret*, seria a vergonha...

Compreendi, então, a moral vermelha do *cabaret*.

Na noite da cidade, os *cabarets*, rubros e iluminados, têm uma vida à parte, cheia de mistérios.

Nesses palácios noturnos do jogo e da prostituição não se pensa, nem se age, como durante o dia na vida normal da cidade.

Há uma população de *cabaret*, diversa, inteiramente diversa, da outra que se deita às dez horas e se levanta às sete da manhã.

A população dos *cabarets* deita-se à hora em que a outra acorda e levanta-se nos primeiros momentos roxos do crepúsculo . . .

Troca o dia pela noite. Nunca avista o sol. É da família das aves noturnas e sinistras.

Nada, pois, de extraordinário que, vivendo eternamente sob uma luz artificial e falsa, a população dos *cabarets* pense de modo diverso da outra população da cidade — a que vive a plenos pulmões, em plena luz do dia!...

No silêncio das horas da noite, o *cabaret* é um berro constante, iluminado de luzes diabólicas e sangrentas.

Os risos são falsos, a alegria é enganadora e todos aqueles lábios mentem...

O *cabaret* e o jogo trabalham de combinação.

O primeiro é o pretexto para o segundo.

Aquelas mulheres, aqueles números de música, todas aquelas atrações luxuosas e caras, servem apenas de capa, de estonteante e colorida capa, para o monstro do jogo, soturna e disfarçadamente, apoderar-se do dinheiro alheio.

Atrás das danças, em expectativa, está o pano verde do *baccara*.

Atrás das canções alegres está a bola trágica da roleta.

Atrás de toda aquela encenação de mulheres lindas e de *toilettes* ricas, a mesinha do “campista” espera as suas vítimas...

Uma mulher; as lágrimas nos olhos, desnorçada, se queixa:

– Ganho sessenta mil réis por noite como cantora de *cabaret*. Podia viver muito feliz se depois de meu “número” eu fosse para casa. Mas não... O demônio da roleta me atrai. Assim é que, não só perco todo o meu ordenado no jogo, como tudo que é meu. O *cabaret* quando nos contrata já conta com isso... Sabe que o ordenado que nos der, ele o receberá de novo...

A mulher suspirou, teve um olhar de ódio e concluiu:

– O senhor repare, repare as recém-chegadas, as artistas que pela primeira vez vêm cantar num *club* de jogo. Repare os colares; os anéis, as pulseiras que trazem. Um mês depois, elas não têm mais nada ... Mais nada ... A roleta não perdoa ... E é com isso que contam os donos do *cabaret*, ao fazer os seus contratos, aparentemente vantajosos... Veja, é com cinco mil réis que acabaram me pagando uma semana de trabalho... Não jogo mais esse jogo miserável!...

E, furiosa, a mulher foi-se embora, com sua nota de cinco mil réis.

Diante da roleta, ela teve uma hesitação.

Deu ainda dous passos.

Compreendi a luta que a agitava.

Aqueles cinco mil réis eram os seus últimos recursos, a sua última esperança.

Seus olhos brilhavam e seus dedos nervosamente apalpavam a nota.

Ainda teve uma derradeira indecisão.

Mas depois resolveu-se.

E atirou a nota ao acaso.

Os cinco mil réis caíram no número vinte e três.

Uma voz gritou:

– Jogo!...

A roleta começou a rodar:

– Bola!

Aos pulos, sem se decidir, a bolinha dava piparotes na roleta, abeirando-se de vários números.

A mesma voz anunciou:

– Trinta e um!

A mulher levantou os ombros e se afastou, quase que mais tranqüilizada.

A febre do jogador só perdura enquanto ele tem dinheiro.

Sem mais um tostão no bolso – sem mais um tostão porque senão ainda é capaz de ir tentar a sorte na vermelhinha com os mandros dos morros – o jogador fica mais calmo.

A condição para seu sossego é que não tenha mais nada nos bolsos.

Sem dinheiro, o jogador então descansa.

Vem-lhe ao corpo e ao espírito a sensação agradável que se tem depois de um exercício violento.

É um êxtase paradoxal, mas é o êxtase que tem o jogador depois de tudo perdido...

Nas mesas de jogo, outras mulheres, nas mesmas condições da cantora dos cinco mil réis, tentavam a sorte e se desgraçavam.

Ao entrar para o jogo, a maioria daquelas mulheres recebe de casa trinta mil réis para jogar. A casa, na sua alta sabedoria, tem de antemão a certeza de que elas perderão aqueles trinta mil réis e mais alguns...

Muito decotadas, algumas lindas, as mulheres, contratadas para enfeitar o pano verde, atraem, com a sugestão de seus olhos sensuais, os jogadores neófitos e inexperientes e os iniciam na arte de perder dinheiro...

Elas valem muito mais do que os trinta mil réis que o *cabaret* lhes paga para refulgir à beira do jogo!

E são essas profissionais do *cabaret* que dão vida à instituição.

Passam a noite e parte da madrugada entre uma garrafa de *champagne* e uma bola de roleta, entre um *fox-trot* e um "bancô" no *baccara*.

O compromisso que têm com a casa é de fazer os homens gastarem.

No jogo ou nas bebidas.

Quase todas essas mulheres já têm horror ao *champagne*, porque o bebem sem vontade, por obrigação, todas as noites, e do tal *champagne* falsificado, feito na Rua do Núncio.

Essas pobres Vênus de *cabaret* não mentem só com a boca, não vendem só os seus beijos – mentem com o estômago, vendem os seus pobres estômagos, para dar consumo a um *champagne* caro e detestável, de rótulo falso, que as envenena, mas que enche os bolsos dos interessados.

– *Garçon, champagne!*

Elas já pedem a bebida falsificada e cara, mecanicamente...

Muitas delas prefeririam mil vezes um copo d'água pura.

Mas os *garçons* são espiões do gerente da casa.

E a mulher que não beber *champagne* é indesejável no *cabaret*.

No dia seguinte, ela terá a sua entrada vedada no templo do jogo e da prostituição...

Há um natural acordo entre o *cabaret* e as cortesãs de luxo.

O *cabaret* é o ambiente maravilhoso para elas exibirem as suas *toilettes* e os seus escandalosos decotes.

O *cabaret* a isso se presta de muito boa vontade e com todas as suas luzes sugestivas.

Mas as mulheres, em compensação, têm que fazer gastar os que lá vão...

Daf terem elas que cear sem fome e beber sem sede.

É a prostituição do estômago, complemento natural da outra...

– A dançarina nua!...

A voz do *cabaretier* faz-se ouvir, possante e estridente como a de um leiloeiro.

Banhada por uma luz sangrenta, surge a bailarina nua, sem um véu, despudorada...

Já ninguém mais olha. Já está muito vista.

A dançarina nua, sucesso de há dous anos atrás, já não é mais novidade.

E está mesmo envelhecida.

Seu corpo não tem mais a plástica vitoriosa e rija de outrora...

Mas não há outra bailarina nua no mercado.

Ela é a única mulher, no meio de tantas mulheres sem pudor, que se sujeita àquela exibição de Eva integralmente despida...

O tambor rufa...

A bailarina já dançou e já se cobriu com o seu manto negro.

E há uns fracos aplausos, destacando-se as palmas mais fortes do *cabaretier*, que aplaude por dever profissional...

Entre as mesas, passam figuras lânguidas de "gigolôs", muito pálidos, muito românticos, Alfreds de Musset do *shimmy*...

O *jazz-band* ronca e explode, como invariavelmente acontece, todas as vezes que não está calado.

Os "gigolôs" dançam.

É o momento de prestígio daqueles jovens esperançosos, de roupa cintada e de bolsos vazios...

Parada a dança, os "gigolôs", em pé, olhando para o teto, ficam à espera de nova dança.

Enquanto isso, os "coronéis" ceiam com as mulheres.

Os "gigolôs" olham de longe com água na boca, para os bifes com batatas que desfilam...

Olham e sonham.

Sonham que, daqui a alguns anos, eles serão também "coronéis", e poderão, por sua vez, comer bifes com batatas, enquanto outros "gigolôs", em pé, olhando para o teto, ficarão à espera de suas amantes, para dançar.

Mas um novo *shimmy* não tarda.

E, para o "gigolô" sem níquel, o *shimmy* é o almoço, é o jantar, é a ceia, é tudo, durante alguns segundos... Sendo a dançarina linda, o *shimmy* é até o paraíso!...

Enquanto o "gigolô" dança – vingando-se brilhantemente do bife com batatas que não comeu – o "coronel" pensa com saudades no passado, na época em que ele não tinha dinheiro, mas também não era o proprietário daquela formidável barriga e daquela calvície de bola de bilhar...

E olha, sem fome, e com desprezo, para o bife com batatas, que, em semelhante hora e em semelhante lugar, é a expressão máxima do poder do seu dinheiro...

.....
Surge uma mulher estranha e bela. Corpo de mármore grego, e

nua, toda nua, debaixo de uma soberba *toilette* de rendas pretas. As rendas desenham-se nas suas costas, no seu ventre e no seu busto, sobre uma carne muito branca e rija ...

Maravilhosa!

Explicam-me:

– Há um ano que esta mulher trabalha no *cabaret*. É dançarina. Danças clássicas. É muito acessível, muito boa camarada. Mas ninguém lhe conhece um amante... É séria. Vive do seu trabalho. Não lhe faltam admiradores, muito ricos, muito entusiastas. Ela nada quer. Contenta-se com o seu ordenado, conversa com todos, mas não é de ninguém. Guarda a sua beleza só para si...

Olhei para a linda e esquisita vestal da meia-noite e, sem espanto, murmurei:

– Tudo é possível num *cabaret*. Até a honestidade!...

A Favela que eu vi . . .

— Vamos ao morro do crime? . . .

— Vamos. . .

A Favela, ao longe, com os seus casebres minúsculos, parecia um presépio imenso.

Descemos na Rua da América. Uma das ruas mais sórdidas do Rio de Janeiro. Enlameada, imunda.

Ligada ao morro do Pinto pela Ponte dos Amores, a Favela, com os seus casebres, rebrilhava ao sol.

Ponte dos Amores! . . .

Ela bem podia se chamar Ponte dos Suspiros, como a sua colega de Veneza.

Apesar de não ser de mármore, como a ponte dos doges, e sim de madeira muito tosca, a ponte que liga o Pinto à Favela tem visto também suspirar muita gente. Tem visto muito suspiro de agonia . . .

Há bem pouco tempo, assaltava-se em pleno dia, na Ponte dos Amores. À noite, matava-se.

Hoje, tudo está melhor.

Mas ainda é perigosa, muito perigosa, a ponte de madeira, agasalhadora dos amores violentos dos malandros e das crioulas . . .

A Rua da América estendia-se, poeirenta.

À sua frente, do outro lado de um enorme paredão de pedras, cruzavam-se trens, apitando, enfumaçados, em manobras pelos desvios, a toda velocidade pelas linhas, com ruído de ferros, numa alucinação de vapor.

Bondes passavam levantando poeira.

Vinha um automóvel, aos solavancos, pelos buracos da rua.

Casas de sobrado, muito feias, muito sujas, todas fechadas, como se seus habitantes ainda estivessem dormindo àquela hora de manhã resplandecente.

— Quase todos os moradores desta Rua da América são ladrões e intrujões. O intrujão é o negociante do roubo. É o comprador e vendedor do objeto roubado. . . Com a Favela, esta zona daqui é a que mais fornece pensionistas para as prisões. Lá em cima, no morro, é o crime, é a facada, a violência, a vingança, a valentia; cá em baixo, na Rua da América, é o roubo, é a astúcia, é o profissional da gazua e do pé-de-cabra. . .

— Mas então as especialidades estão assim tão bem separadas?

— O crime tem seus especialistas e sua perfeita organização. Assim é que no morro do Pinto só moram vigaristas. Não há confusão. Cada especialista no crime tem a sua zona predileta para morar. E não é, geralmente, a zona em que ele age. O ladrão não mora no local onde opera. Se você quiser estar garantido contra o roubo, venha morar, com toda a paz de espírito, aqui na Rua da América. . .

— Não, muito obrigado. . .

Tínhamos chegado à subida da Favela, uma das muitas entradas do morro sinistro.

Quando as turmas de agentes dão batidas na Favela, para prender um criminoso renitente, refugiado e escondido no alto do morro, os policiais são distribuídos pelas várias entradas. Combinado o ataque para uma determinada hora, produz-se um verdadeiro assalto, subindo polícia por todos os lados, pela Saúde, pela Gamboa, pela Marfima e pelo Pinto.

Estávamos na subida que desemboca na Rua da América e que é conhecida por “Pedra Lisa”.

É um caminho de cabras. Não se anda, gravita-se. Os pés perdem a função normal de andar, transformam-se em garras.

Primeiro é uma rampa forte, talhada na própria rocha. Depois são pequenos degraus — e que degraus! — esperanças de degraus, degraus esboçados na rocha viva, escorregadios, perigosos, traiçoeiros; e lá embaixo é a rua, o precipício, a grande possibilidade de se quebrar o pescoço.

Anda-se. Sobe-se. Vai-se para diante como por um milagre.

E quanto mais se sobe, mais se arrisca a um tombo fatal, a uma queda na pedreira imensa.

Falavam-me sempre no perigo de subir à Favela. Nos seus terríveis valentes. Nos seus malandros que assaltam com a mesma facilidade com que se dá bom-dia.

O maior perigo que eu encontrei na Favela foi o risco, a cada passo, de despencar-me de lá de cima pela pedreira ou pelo morro abaixo.

E dizer que há uma população inteira que todos os dias desce e sobe a Favela, mulheres que fazem o terrível trajeto com latas cheias de água na cabeça, e bêbedos, alegres de cachaça, as pernas bambas, zigzagueando, por cima dos precipícios, sem sofrer um arranhão! . . .

Os pequeninos casebres feitos de latas de querosene também suspendem-se no ar, por cima de verdadeiros abismos, num milagre de equilíbrio, mas também não caem.

Deus protege a Favela! . . .

E a Favela merece a proteção divina porque ela é alegre na sua miséria.

Aquela gente, que não tem nada, dá uma profunda lição de alegria àqueles que têm tudo.

Sem higiene, sem conforto, naqueles pequeninos casebres fétidos

dos e imundos, que se arriscam, a cada instante, a voar com o vento ou despencar-se lá de cima; aquela população de homens valentes — estivadores, carvoeiros, embarcadiços — e de mulheres anemiadas e fracas, e de crianças mal alimentadas e em trapos, cria porcos, bebe cachaça, toca cavaquinho e canta! . . .

O dia inteiro, de dentro de um daqueles casebres feitos a lata de querosene, partem as vozes dolentes de um violão ou os arpejos saltitantes de um cavaquinho.

À noite, tudo samba.

Apesar da miséria em que vive, toda a Favela, sambando, é feliz sob um céu salpicado e lindo de estrelas! . . .

A favela não tem luz. Não tem esgotos. Não tem água. Não tem hospitais. Não tem escolas. Não tem assistência. Não tem nada . . .

Mas a Favela é alegre, lá em cima de seu esconderijo, com o maravilhoso panorama da cidade que se desdobra aos seus pés.

A Favela que samba, quando deveria chorar, é um maravilhoso exemplo para aqueles que têm tudo e que ainda não estão satisfeitos . . .

Pobre e admirável Favela! . . .

Subimos. Fomos subindo.

A Favela não tem ruas.

As choupanas se fazem umas sobre as outras, à vontade do proprietário.

O terreno é de ninguém, é de todos . . .

A sarjeta, a rua, o esgoto, é tudo a mesma coisa, e essa mesma coisa é uma enorme vala onde se passa aos pulos, saltando-se de buraco em buraco, e onde os porcos engordam, imensos e sonolentos, e as porcas, de ventre para o ar, as mamas inchadas de leite, alimentam a voracidade de uma quantidade de porquinhos . . .

A Favela tem seu comércio. Comércio exclusivamente feito de vendas, onde o parati é o artigo de primeira necessidade.

As vendas são construídas pelo mesmo processo da lata de querosene, pregadas umas nas outras, tendo as fachadas mais fantasistas, conforme os rótulos das latas e a felicidade com que foram pregadas.

É um estilo que se não vê na Avenida Atlântica.

É o estilo próprio e inconfundível da Favela!

Estamos no "quartirão" denominado "Portugal Pequeno", zona de portugueses.

— Aqui não há cinema?

Fizemos esta pergunta a uma negra, ainda moça e faceira, que na porta de seu casebre de zinco procurava alisar a sua carapinha.

— Pra que cinema?

E os olhos brilhando de inteligência e de malícia, a crioula caiu numa grande gargalhada.

— Cinema? Oh! meu santo! Pra quê? Mas não é "perciso"!

Temos aqui cinema todo dia, toda hora. Olhe, ainda a semana passada, "tá" vendo aquele barracão vermelho, lá "prus" lado do "Buraco Quente", uma crioula pegou fogo nas suas saias com querosene e se alumiu toda que nem uma fogueira! Tudo isso por causa de um menino bonito, de um "gigolote", como vocês chamam lá embaixo! . . . "Pra" que cinema? Temos cinema todos os dias. Mulheres nuas, tiros, facadas, paus-d'água. "Pra" que cinema na Favela, se a Favela já é um cinema? . . . "Pra" que cinema, meu santo? . . .

— A vida aqui é boa?

— É, vivo com o meu homem que trabalha no carvão dos "navio". É português, mas chega preto em casa . . .

— O homem é ciumento?

— "Terrive"! . . . Não me deixa nunca ir lá embaixo sem ele . . . Qualquer coisa que "percise": fósforos, feijão, arroz, ele mesmo é que traz! Qualquer desconfiança que tenha, lá vem bordoadada.

A negra suspirou:

— É. Mas sou feliz. Tenho experiência. Deixei aquela "bagunça" lá embaixo e agora vivo quietinha no meu canto . . . Já é tempo de descansar! . . .

Nos braços, no pescoço, nas costas da negra, via-se o que ela fora. Nomes de homens em horríveis tatuagens, talhos cicatrizados de navalha, vestígios de um brilhante passado no reino da "bagunça" e da malandragem.

No casebre da crioula — o tal casebre de 20\$000 de aluguel — havia uma moringa, com grandes e coloridas flores de barro enfeitando-lhe o bojo e com uma inscrição — AMOR.

— Muito bonita a sua moringa! . . .

— Tenho outras cousas mais bonitas ainda! . . .

E, amável, ela nos mostrou a sua camisa de dormir, com um enorme bordado tosco, de letras tortas, mas com ortografia. E que dizia o seguinte: — BOM DIA!

Havia também uma colcha com estes dizeres: — QUEM QUER É DEUS!

— É minha distração; não tenho "fios", então vou fazendo essas cousinhas para matar o tempo . . . Até logo, "sêu" moço. Vou preparar o almoço de meu "home". Se a carne estiver dura, eu estou certa de levar pancada. E é "mió" se viver em paz . . . Não acha? Até logo!

Deixamos, no seu retiro, a ex-Tafs da Saúde . . .

Subsamos ainda.

Ariscávamo-nos, na pedreira, escorregadia das chuvas da véspera, a quebrar o pescoço. Mas o panorama valia o risco . . .

O Rio desdobrava-se, com as suas casarias minúsculas, numa extensão imensa. O canal do Mangue era uma reta de palmeiras, pequeninas, como as árvores japonesas. As estradas de ferro, rasgando a cidade de trilhos, pareciam um brinquedo de criança. Na baía, o

Minas Gerais tinha proporções de um couraçado de bazar . . .

Estávamos, em plena Favela, fora do mundo.

Vinha-me, então, ao espírito, a crônica terrível do morro sinistro, o morro do crime.

Encravada no Rio de Janeiro, a Favela é uma cidade dentro da cidade. Perfeitamente diversa e absolutamente autônoma. Não atingida pelos regulamentos da prefeitura e longe das vistas da Polícia.

Na Favela ninguém paga impostos e não se vê um guarda civil.

Na Favela, a lei é a do mais forte e a do mais valente. A navalha líquida os casos. E a coragem dirime todas as contendas.

Há muito crime, muita morte, porque são essas as soluções para todos os gêneros de negócios — os negócios de honra como os negócios de dinheiro.

Na Favela, não há divórcios porque ninguém se casa. Não se fazem contratos. Não há inquilinos, nem senhorios. Não há despejos.

Se o inquilino for mais forte do que o senhorio, o aluguel nunca é pago. Se o senhorio for o mais valente, então, sim, a casa é paga, pontualmente, todos os começos de mês . . .

É a lei de inquilinato da Favela!

A bofetada e a navalha resolvem tudo . . .

É natural que os valentes e os malandros procurem a Favela, como uma moradia ideal. É um refúgio e é um paraíso.

Precisam de dinheiro? Vão buscá-lo no bolso dos outros.

Assim viviam Sete Coroas e seus companheiros.

Assaltavam, roubavam, matavam com uma simplicidade comovedora.

Durante a “espanhola”, subiu um padre à Favela para distribuir esmolas entre as famílias necessitadas.

Os malandros arrancaram a batina do padre, deram-lhe uma formidável surra e levaram-lhe todo o dinheiro! . . .

Nada mais comum.

Mas, um dia, chegou à Favela um homem — Zé da Barra. Vinha da Barra do Piraí. Já trazia grande fama. Suas proezas eram conhecidas. Era um valente, mas um grande coração. E Zé da Barra chegou e dominou a Favela . . .

E a Favela, que não conhece polícia, não conhece impostos, não conhece autoridades, conheceu Zé da Barra e a ele teve que obedecer!

E Zé da Barra ficou sendo o chefe incontestável da Favela!

Para defender o seu prestígio, Zé da Barra tem a sua coragem e a sua força. E, principalmente, um formidável cacete que cai como um raio na cabeça dos malandros. Ele também é capoeira. Ele também é valente. O rei dos valentes. E, todos os dias, em rixas, em barulhos, em “bagaunças”, ele tem que defender o seu reinado . . .

A casa de Zé da Barra, o presidente da pequena república da

Favela, é a única que tem telhado, feito de telha, de boa e verdadeira telha francesa.

É também a maior venda do morro, onde o consumidor tem um legítimo balcão de madeira para beber o seu parati.

Quando lá chegamos, Zé da Barra veio ao nosso encontro, sorridente, amável, os pés espalhados, o andar moroso dos malandros.

— “Seu” José, viemos ver esta Favela tão falada . . .

— Agora está tudo calmo por aqui. Só a semana passada é que houve uma morte. Uma rixa depois de um samba. Mas agora está tudo tranqüilo.

— Olho para Zé da Barra. É um mulato alto, forte, corpulento, o ar simpático, exprimindo-se bem. Tem a fisionomia autoritária e boa de um legítimo chefe. E como um verdadeiro chefe oferece-nos a sua hospitalidade e o seu almoço.

Almoçamos com Zé da Barra. E nunca comi uma galinha tão gostosa!

À hora do café, acesos os charutos, o chefe da Favela nos contou a sua história:

— Cheguei da Barra do Piraf ainda moço. Mas já trazia o meu prestígio. Aqui na Favela tenho lutado muito, mas tenho sido, graças a Deus, feliz! Várias emboscadas têm me sido armadas. Mas tenho me saído bem de todas elas. A última vez escapei por milagre. Ia subindo o morro, tarde da noite, quando atrás das pedras alvejaram-me a tiros. Eu não via quem estava atirando, só percebia a direção de onde partiam as balas . . .

— Não fugiu?

Zé da Barra teve um leve sorriso.

— Para que fugir? Fugir seria pior. Deve-se sempre ir de encontro ao perigo, para o perigo não nos alcançar. Quando atirarem para cima do senhor, não corra. É muito pior. Eu não fugi. Esperei. E contei. Uma, duas, três, quatro, cinco, seis! . . . Fui contando as detonações e calculando as balas de menos que o meu inimigo tinha no revólver. Quando, depois de contar as balas queimadas — nenhuma me tendo atingido — eu calculei que o meu adversário estava desarmado, então, sim, eu saquei da minha pistola e fiz fogo na direção de onde os tiros tinham partido . . . Mas, nada. Procurei em vão. Corri todas as pedras, por todos os recantos. Ninguém. Até hoje, não sei quem me quis matar aquela noite. Mas que imprta! Há muitos por aí, que, se pudessem me liquidar, me liquidariam. A questão é que eles não se atrevem. E, que diabo! se um dia eles se atrevessem e conseguissem, ora meu Deus, só se morre uma vez . . .

Não podíamos deixar o morro, sem visitar o “Buraco Quente”, a zona mais perigosa da Favela, a zona em que Sete Coroas improu, espalhando o terror e a morte.

Zé da Barra nos dissera:

— Sete Coroas não era o pior. Foi o que ganhou mais fama.

Mas não era o pior. Terríveis eram os seus dous companheiros que morreram: o Camisa e o Benedito.

— Morreram os dous?

— Morreram. O Camisa morreu num pavoroso tiroteio com a polícia, aqui no “Buraco Quente” . . .

— E o Benedito?

— Ah! o Benedito foi encontrado morto. Mas, na véspera, ele tinha sido descoberto pela polícia na casa de uma velha, onde se havia refugiado . . .

— Então, foi a polícia que o assassinou?!

— Não sei. São mistérios . . .

Não insistimos. Zé da Barra não queria nos contar o que sabia sobre a verdadeira morte do malandro Benedito, assassinado pela polícia, em represália à morte de dous agentes do Corpo de Segurança. Mas nós já sabíamos da história e tivemos apenas a satisfação de vê-la confirmada. A polícia tem também os seus mistérios. E se ela não os tivesse, não seria tão interessante . . .

Quando chegamos ao “Buraco Quente”, vinha, com a tarde, da barra, uma brisa fresca.

E, por uma linda ironia da vida, no mesmo local onde os companheiros de Sete Coroas haviam morrido, garotos, alegres, soltavam papagaios.

E os papagaios coloridos subiam ao céu da Favela, da esfarrapada e pobre Favela, como se ela estivesse se embandeirando para a alegria de uma festa.

Caíra a tarde.

Fomos até o Largo da Capela, o ponto mais alto do morro, onde também muita gente, como no “Buraco Quente”, tem morrido, atirando-se, ou sendo atirada, pela pedreira abaixo . . .

Vinha descendo a noite sobre a baía.

Já era hora de nos retirarmos, de descermos por aquelas rampas perigosas.

Nos casebres, lâmpadas de querosene já se iam acendendo, pouco a pouco . . .

Com muito custo descemos, chegamos, finalmente, à rua, ao pé do morro. Voltávamos à vida, à cidade, com luz, com ruas, com bondes.

A Favela, no escuro, só possuía, de quando em quando, a iluminação de seus pobres lampiões de querosene.

Mas, no “Buraco Quente”, nós avistávamos ainda os vultos agitados dos últimos papagaios dos garotos; papagaios loucos, tontos, que davam cabeçadas, e rodopiavam no espaço, em pleno escuro, como se estivessem gesticulando um derradeiro adeus para o dia que havia fugido, atrás das montanhas! . . .

Casas de amor

O automóvel ia parando à porta da casa vermelha.

– Toque... Toque mais adiante... Pare na esquina...

Saltamos.

Bondes passavam. Muita gente pelas calçadas. A Rua do Riachuelo, cheia de pó, tinha, àquela hora da tarde, um movimento inusitado. Não queríamos ser vistos. Despachamos o táxi e fizemos alguns metros a pé ...

– É aqui...

Era uma casa igual às outras.

Pequenina, baixinha, caiada de vermelho, era a irmã gêmea da sua vizinha.

Nada depunha contra a velha casa de um andar só, de construção antiga, da Rua do Riachuelo. Seu aspecto era quase burguês, perfeitamente honesto. Apenas, de estranho, uma porta envidraçada e fosca e uma campainha elétrica que devia tocar muitas vezes por dia, para muitas vezes a porta se abrir...

Estávamos diante de uma das mais célebres e características casas de *rendez-vous* do Rio de Janeiro – a casa da Judite.

Entramos.

Gorda, maciça, redonda, fisionomia de lua, Judite, amável, veio nos receber.

– Muitas meninas bonitas, Judite?

– Vocês sabem que na minha casa eu escolho a dedo. Não tenho “xavecos”. Todos os dias rejeito mulheres. Aqui elas têm de ser mais ou menos perfeitas. Mal uma mulher se apresenta, eu sei se ela serve ou não, se tem ou não um lindo corpo...

– Mas como? Despe-as?

– Não. Mas eu nunca me engano. Sabe, o olhar profissional...

A matrona sorriu com o seu mais belo sorriso de lua cheia e nos carregou para o interior da casa.

A casa da Judite é o modelo mais perfeito das casas de *rendez-vous* médias.

Na entrada, logo, um pequeno corredor dando para três quartos, todos eles independentes, mas comunicando, internamente, entre si.

Depois é a sala de jantar, também com comunicação interna para o último quarto, onde as mulheres se reúnem em torno da mesa

e bebem as cousas que a generosidade dos visitantes lhes oferece.

A sala de jantar tem uma porta para um pequeno terreno, maravilhoso ponto estratégico que liga a Rua do Riachuelo à Rua do Resende. As duas casas são uma mesmíssima casa com duas entradas diferentes.

Concebe-se a vantagem das duas entradas, das duas saídas, dos dois números diferentes em duas ruas diferentes para uma casa daquela ordem.

A casa é de amor, não nos esqueçamos. E o amor adora as complicações e as tragédias.

A função da gorda Judite é agasalhar amores sob o teto hospitaleiro de sua casa. Toda espécie de amores...

Ora, muitas vezes, um marido ou um amante desconfiado e ciumento, tendo recebido alguma denúncia, vem disposto a fazer uma cena de sangue na Rua do Riachuelo.

Judite o recebe, com o clássico sorriso de sua cara lunar, e o convida a esperar no corredor para se certificar se, em algum dos três quartos, se acha quem ele procura.

Como um cêrbero, o homem fica no corredor diante das três portas fechadas, à espera da adúltera. De um lado para o outro, sempre diante das três portas, andando, nervosamente, o ciumento, com más intenções, às vezes com o revólver já engatilhado – espera...

Então é que Judite age e entra em ação.

Apesar de muito gorda e de muita pesada, na hora do perigo, Judite fica leve como uma borboleta. Pela sala de jantar corre a um dos quartos, previne os amantes. Se eles estiverem no quarto nº 1, por exemplo, eles passam, rapidamente, para o de nº 2, do nº 2 para o de nº 3, do nº 3 para a sala de jantar, tudo isso pelas portas de comunicação interna, até chegarem ao pequeno pátio e ao terreno que os leva à saída da rua.

*A baratinha, iaiá,
A baratinha, ioiô,
A baratinha bateu asas e voou...*

Enquanto isso, o ciumento, eternamente à espera, fica diante das três portas sempre fechadas que, finalmente, quando se abrirem, darão passagem a outros casais, a outras mulheres, a outros homens...

O ciumento, tranqüilizado, irá embora.

E Judite poderá continuar, depois de um bom susto, o seu comérciuzinho, sossegada...

Dois categorias de mulheres têm as casas de *rendez-vous*, sem contar as de qualquer categoria que lá se pode levar...

Dois categorias bem distintas.

As que ficam na sala de jantar, ao redor da mesa, bem às claras, na expectativa de quem as queira, e as misteriosas, as que se

vendem caro, muito caro, e são apresentadas aos fregueses de marca, pela dona da pensão, no fundo escuro de um quarto, sob a luz cúmplice e sinistra de um *abat-jour* pálido.

As mulheres da sala de jantar, depois de qualquer copo de cerveja, estão apresentadas. Não são necessários outros sacramentos. As outras, as misteriosas, essas não. É preciso que o freguês esteja à altura delas, financeira e fisicamente. São as aristocratas do bordel. Elas não vão assim...

A função, pois, da dona da casa de *rendez-vous* é importantíssima. Ela é que, conhecendo a preferência e a exigência de cada um, faz a felicidade de todos...

Ela é a alma e a inteligência de toda aquela engrenagem de vícios e de vergonhas. Aos homens que gostam de ser iludidos, ela ilude. Aos que gostam de ser documentados, ela documenta...

Nada mais curioso do que a cena clássica.

Chega um "coronel". Um dos bons...

O "coronel" é sempre um iludido. Ele tem, geralmente, a volúpia de ser enganado...

A gorda Judite entra com a sua lábia:

– Sim, doutor... Tenho aqui um caso raro... Duas meninas, duas primas que safram para ir ao cinema... Têm que chegar à casa dos pais às sete horas!... São muito tímidas ainda... Não sei como vai ser... O senhor seja prudente... Não as assustê!

O "coronel", os olhos brilhando, entusiasmado, tranqüiliza a preciosa Judite.

– Tenha confiança em mim, D. Judite!...

– Pois bem, doutor. Eu vou buscá-las...

Às vezes há mesmo duas primas que safram de casa dizendo que iam ao cinema. Mas quase sempre não há nada disso. É apenas Judite que improvisou toda a encenação. Rapidamente, ela escolhe duas das criaturas mais adaptadas para o papel, conforme o físico. Há criaturas que "bancam" a casadinha de fresco, a recém-viúva, a solteirona, a separada do marido, a donzela. Segundo o desejo do freguês "coronel", a dona da pensão tem que armar o seu programa.

– Vamos, depressa, meninas!... Tenham cuidado... Olhem bem... Vocês são primas... Safram de casa para ir ao cinema... Mas uma grande curiosidade – uma de vocês tem que ser histérica – fez vocês virem até aqui, por indicação de uma amiguinha... Olhem, vocês têm que chegar em casa às sete horas, o mais tardar!... Esperem! Mais uma coisa – o "coronel" pensa que vocês moram em Botafogo... Inventem uma rua e um número! Sejam hábeis que o caso vale a pena!...

E, industriadas, as duas santas ovelhinhas vão ver, de perto, o lobo...

Os homens são imbecis. E, certas desta verdade, é que as mulheres de *rendez-vous* operam.

Noventa por cento dessas senhoras que eu chamo de funcioná-

rias públicas do amor – porque freqüentam as casas de amor com a mesma pontualidade do funcionário que tem de assinar o ponto, dentro de um horário preestabelecido e imutável – noventa por cento dessas ilustres senhoras são brilhantes profissionais da carreira que abraçaram. Mas dizem-se casadas. Meninas de família. Normalistas. Praticam, finalmente, uma série de mentiras com o único intuito de provocar a generosidade do homem, satisfazendo-lhe a vaidade. Mentiras perigosas que vêm dar uma impressão ainda mais nefasta dos costumes, já bem nefastos, da época. Não estamos, entretanto, em situação tão deplorável quanto querem nos fazer crer as imaginosas e ilustres senhoras das casas de amor...

Todas se dizem casadas. Todas usam aliança no dedo. Uma aliança falsa, sem nada gravado, que um turco, especialista em negócios com mulheres de *rendez-vous*, vende a prestações.

Todas apresentam-se de chapéu, de véu espesso, o ar misterioso e culpado de uma adúltera. Dão gritinhos. Fingem-se amedrontadas com os ciúmes e a vingança de um marido hipotético. Choram e se arrependem...

Mas, no meio de muito *bluff*, há muito drama latente nas tardes líbricas das casas de amor...

É assim que todos os dias, acompanhada de sua mãe, de sua própria mãe – vejam que horror! – freqüenta a casa de Judite a senhorita Z.A., menina de dezoito anos, corpo de donzela e olhos de ingênuas.

Enquanto a senhorita Z.A., num dos três famosos quartos, é apresentada ao príncipe encantado, a viúva A., na clássica sala de jantar, fica à espera de sua filha, como uma boa mãe de família, fazendo, pacatamente, um trabalho de *crochet*...

Acabada a sessão do príncipe encantado, volta a senhorita Z.A., olhos de ingênuas e corpo de donzela, para perto de sua cuidadora mãe!...

Não é de arrepiar os cabelos?

E o mais triste é que a viúva A. tem outra filha, essa de quinze anos, que vai pelo mesmo caminho. Sempre acompanhada de sua mãe, ela já faz grandes passeios de automóvel pela estrada deserta da Avenida Niemeyer, grandes passeios, à noite, em automóveis de homens respeitabilíssimos que a digna viúva faz questão de escolher a dedo antes de apresentar à sua filha mais moça.

A desvelada senhora segue, assim, a carreira espinhosa de suas filhas, gerindo os negócios e tomando conta do dinheiro – são tão inexperientes as pobrezinhas! – que elas conseguem ganhar com os príncipes encantados e com os homens respeitáveis ...

À casa da Judite também vão duas irmãs que moram na Rua do Matoso. Uma é morena, outra loura. A família delas é o que há de aparentemente distinto. As duas irmãs são perfeitamente educadas. Conversam, trocam idéias, na casa de *rendez-vous*, como se estives-

sem em um salão aristocrático em Botafogo. Elas têm linha, muita linha mesmo ...

Às seis e meia em ponto saem da casa de amor. Saem, haja o que houver. Às sete horas, elas têm que se achar na Rua do Matoso. Os pais, em matéria de pontualidade, são intransigentes. A própria Judite nunca conseguiu tê-las por mais tempo, depois das seis e meia. Mas a razão principal é a seguinte: as duas irmãs da Rua do Matoso têm, ambas, dous namorados que as julgam virgens e que são, aliás, dous magníficos partidos...

Do *rendez-vous* à pretoria?

Por que não? É só chegar às sete horas, em ponto, à Rua do Matoso, para o jantar!...

Querem outro caso igualmente verídico?

Ela é muito linda. Ele muito feio. Mas são casados... Ele se diz advogado e se chama G.P.

Ela, a senhora V.P., comparece, todas as tardes, à hora regulamentar, das duas às seis horas, à casa da Judite. O marido tem conhecimento disto. E, quando, por acaso, ele precisa da mulher para alguma coisa, não hesita em telefonar para o próprio *rendez-vous*:

– É o XXXX Central?

– Sim, senhor.

– Casa da Judite?

– Sim, senhor.

– Faça o favor de chamar V. Diga a ela que é G., o seu marido, que a está chamando!

– Olhe, Dr. G.P., queira desculpar, mas V. não pode atender.

Está ocupada...

– Bom. Eu telefonarei mais tarde!...

São sete horas.

A casa de amor se esvazia, pouco a pouco.

Acabou-se o expediente.

As funcionárias da prostituição retiram-se para casa.

A maioria continua a prostituição fora dali. Outras não; depois das sete horas são honestas...

Estranhos costumes de uma estranha época!

Meninas de família, senhoras casadas, quanta desgraça e quanto mistério!

Mas na casa da Judite uma voz aflita ressoa:

– Missussa! Missussa! Onde está Missussa?...

Uma mulher aloirada, cabelos oxigenados, alta e gorda, é que chama:

– Missussa! Onde está Missussa? ...

Judite corre com uma criancinha nos braços, uma criancinha dos seus dous anos...

– Calma, minha querida... Ela está aqui. Não foi nada...

– Oh! minha filhinha, minha pobre filhinha! Meu anjinho querido!...

E explicando a todos nós, muito naturalmente, a sua desgraça, ela que tinha que levar a sua filhinha para o bordel, a criatura de cabelos oxigenados, as lágrimas nos olhos, foi dizendo nervosamente:

– Imaginem que eu ouvi Missussa cair... Mas estava no quarto!... Ouvi a pobrezinha cair e chorar, chorar muito, gritar como se estivesse com o seu corpinho quebrado!... Mas eu estava no quarto... Não podia sair! Ainda demorei muito! Muito... Foi um suplício!... Minha Missussa, minha pobre filhinha!...

E, à sua boca de Madalena, veio o grito do naufrágio, o grito de amor e de fé:

– Ah! meu Deus!...

O jogo do Bull-Dog

– Quem é?

Em todas aquelas caras patibulares a expressão foi de surpresa. Em todas aquelas fisionomias sinistras houve uma pergunta muda. Todas aquelas bocas silenciosas pareciam interrogar:

– Quem é?

Sem uma palavra de acolhimento, esperando uma explicação de nossa audácia, o ar severo, a testa enrugada, dirigiu-se a nós um homem pequenino, magro, com o nariz quebrado dos boxeadores profissionais.

Não havia tempo a perder. Tínhamos mesmo que entrar em explicações. Passada a surpresa, as fisionomias estavam se tornando ameaçadoras...

Pela descrição que me haviam feito, vendo o homem de nariz quebrado vir a nós, logo compreendi que me achava diante do dono da casa. O homem do nariz quebrado não podia deixar de ser o “Bull-Dog”, um dos grandes chefes da misteriosa população de malandros do Rio de Janeiro.

– O sr. Bull-Dog?

– Sim, senhor. Ele mesmo. Os senhores desejam?...

Olhei para o meu companheiro, o meu magnífico ilustrador Tarquino. O artista italiano examinava o ambiente para reproduzi-lo depois em traços. Os olhos do desenhista fixavam-se com atenção e com espanto...

Não podia ser mais inesperada a visão que tínhamos diante de nós.

Estávamos em um dos mais perigosos antros do Rio de Janeiro.

Imaginem uma espécie de porão, a luz ali é de porão, uma espécie de alcova, sem uma janela, sem ar, sem luz, uma alcova cimentada e fétida, terrivelmente fétida – um fedor de urina acumulada, de vespasiana, de mictório sujo – estreita, tendo como parede, de um lado, uma divisão de madeira, com um tanque, uma bica d’água, uma mesa feita por dois cavaletes e algumas tábuas, um pequenino pano verde roto e manchado, sobre esse trapo um baralho usado e sebento, alguns n’queis e ao redor de tudo isso umas caras, atentas e febris... E que caras!... Que fisionomias! Que máscaras patibulares e sinistras!

– Sr. Bull-Dog. O seu jogo é muito afamado no Rio de Janeiro.

Não somos da polícia nem queremos prejudicá-lo em nada. Somos artistas e curiosos...

Ofereci-lhe logo um cigarro.

O cigarro, é interessante, tem um maravilhoso efeito sobre as decisões dos homens. Quando desejar alguma coisa de alguém e esse alguém lhe aceitar um cigarro, é que aquela alguma coisa já está em meio do caminho de ser obtida. Bull-Dog aceitou um cigarro, e imediatamente compreendi que eu podia ver o seu jogo em paz...

E, de fato, o jogo interrompido pela nossa inesperada entrada continuou, como se nós já fôssemos da casa.

Veio aumentar a minha intimidade no ambiente dos malandros a chegada de um carregador conhecido, também valentão, mas bom camarada meu e das minhas gorjetas...

Agora já estávamos à vontade.

— Então “seu” Bull-Dog; muito movimento, muita freguesia sempre?

— Sim, toda a noite, todo o dia. Aqui não se pára...

Mas arrependeu-se do que nos havia dito: A sua reserva profissional voltou-lhe à fisionomia fria e impassível. Compreendi que não arrancaria mais nada. Ficava-me, porém, o carregador e o argumento máximo de minhas gorjetas...

O jogo, sobre o pano verde em farrapos e sobre aquela mesa improvisada com tábuas e cavaletes, continuava movimentado, em meio das pilhérias grossas, dos palavrões e dos ditos dos malandros.

As paradas mais altas eram de dous mil réis.

Eram paradas de sensação!...

A maioria dos parceiros arriscava de dous tostões a quatrocentos réis.

Um negro, de grandes beiços pendentes, a cara cônica, dava as cartas com as suas imensas mãos muito sujas:

— “Vomos vê, quem qué vê!...”

Um menino de quatorze anos, tipo de tuberculoso, o lenço na boca, tossindo, encostado ao enorme preto, seguia com toda atenção os seus menores gestos. No meio daquelas fisionomias patibulares de homens possantes, a sua cara de menino, quase de uma criança, minado pela tuberculose, aristocratizado pela doença, oferecia um doloroso contraste...

Perguntei ao meu camarada, o carregador:

— Quem é aquele menino?

E com a maior naturalidade deste mundo o homem respondeu-me:

— Um *pivette*...

— Está doente?

— Sim, não pode mais “trabalhar”. Então fica aqui encostado, fiscalizando o jogo...

De vez em quando, um dos malandros, cuja consciência não

devia estar muito tranqüila, olhava de esguelha, desconfiado, para nós...

Havia um marinheiro e um soldado do batalhão naval, fardados. O resto era embarcações em mangas de camisa, homens do mar de blusas azuis, e muitos malandros, desses que têm como única ocupação viver contando com o bolso do vizinho...

O carregador chamou-me a atenção. Vinha entrando um rapaz simpático, de seus vinte anos, branco, quase alourado, de tamancos, mas com uma camisa fina envolvendo-lhe o corpo forte, de jovem efebo das ruas:

– Sabe quem é aquele?...

– Não...

E o carregador, em voz baixa, num tom de admiração, como se me apontasse uma notabilidade:

– Um grande arrombador!

Esse grande foi dito como quem dissesse com entusiasmo – um ilustre arrombador!

– É bom de fato?

– Maravilhoso arrombador. Não há cofre, não há fechadura, não há portão que resista à sua habilidade. É um dos mais famosos arrombadores que temos...

– Veja, tão moço. E já em plena glória!...

O eminente arrombador entrou, no passo clássico e moroso da gente de sua nobre classe, gente que não tem pressa na vida senão quando a polícia lhe corre aos calcanhares...

– Boa tarde, senhores...

E com elegância, como se estivesse no Jockey Club, teve um cumprimento amável, de homem de sociedade, para todos os lados...

Bull-Dog seguia atentamente, com o seu nariz quebrado, fa-rejando os niqueis, o movimento do jogo e os tostões que iam caindo, a cada golpe, no “barato” da casa. Naquele “barato” é que estava a sua defesa. Dali ele tinha que tirar as suas despesas e os seus lucros.

Foi ainda o carregador que me industriou nos segredos financeiros do jogo do Bull-Dog, o infernal pequeno cubículo sem ar nem luz, com cheiro de mictório, ali ao lado do Arsenal de Mari-nha...

– Para manter uma casa destas é necessário muito dinheiro. Mas o “barato” dá. Cada minuto, durante todo o dia e toda a noite, porque isso aqui nunca fecha, enquanto tem parceiros com dinheiro, o “barato” recebe a sua percentagem sobre as paradas. Isso durante quarenta e oito horas seguidas que emendam com outras quarenta e oito horas e assim indefinidamente! Mas as despesas do Bull-Dog são enormes – é assim que ele tem quatro empregados que se revezam, fiscalizando o “barato” e tomando conta do jogo, que ganha dez mil réis cada um!...

– Quarenta mil réis por dia, um conto e duzentos por mês. Adiante!...

– O aluguel desses dous metros de cimento, com esse tanque, custa-lhe quatrocentos mil réis por mês!...

– Quatrocentos mil réis, isso?...

– O proprietário sabe que aqui se joga clandestinamente. E cobra de acordo...

– Sim, não há dúvida. O proprietário deve ser um homem sério. E castiga o vício fazendo-o pagar caro... Acomoda assim a sua virtude aos seus interesses... É uma polfíca excelente e é uma deliciosa maneira de harmonizar as cousas...

– Agora, ainda tem...

– Ainda mais despesas?

– Sim, seiscentos mil réis por mês para o distrito!...

– Que história é essa de distrito?

– Para os homens da polfícia não atrapalharem isso aqui e deixarem a gente viver...

– Ah! excelente!!... Então temos um conto e duzentos de empregados, quatrocentos mil réis de aluguel e seiscentos mil réis para o distrito! Não é isso? Um total, pois, de dous contos e duzentos por mês! Mas isso aqui é um Cassino de Copacabana em proporções menores...

– Sim, o distrito de lá deve ser um pouco mais exigente...

.....

De repente, compreendi a causa daquele horrível cheiro de mictório mal lavado que envolvia de uma camada espessa e fedorenta toda a atmosfera do jogo do Bull-Dog.

Compreendi a utilidade do misterioso tanque ao lado da sórdida mesa de jogo.

Um dos pretos que jogavam levantou-se.

Com uma grande calma e uma absoluta sem-cerimônia, utilizou-se do tanque para um uso a que os tanques geralmente não estão habituados...

Acabada a operação, voltou tranqüilamente ao seu lugar.

Não teve nem o cuidado de abrir a bica do improvisado mictório. Mesmo porque a bica estava rodeada de teias de aranha, revelando a absoluta ausência de água pelo seu cano...

Bem em frente ao inédito W.C. dos ilustres freqüentadores do Bull-Dog, um grande cartaz anunciava:

É PROIBIDA A ENTRADA A LADRÕES CONHECIDOS

Podfamos, pois, estar tranqüilos.

Em frente à higiene, tñhamos a virtude...

A massa de jogadores sobre a mesa tosca cada vez se fazia mais compacta.

Todos, de chapéu na cabeça, inclinavam-se sobre as cartas.

As cartas sebatas provocavam exclamações, palavras meigas, desaforos.

Os jogadores conversavam com as cartas. Chamavam-nas pelo seu nome, com carinho.

– Vem, vem, minha damazinha de ouro.

Descompunham-nas:

– Ah! safado de rei!... Ah! valete de mer...

Choravam os níqueis perdidos. Alegravam-se com o prejuízo do parceiro. Irritavam-se. Berravam. Ameaçavam.

Mas, no meio de todo esse barulho, o *pivette* fiscal não perdia nem um movimento dos jogadores, e o “barato” do Bull-Dog não deixava de receber, qual um filtro de níqueis, os seus tostões, que, um a um, gota a gota, sistematicamente, caíam na caixinha, para não voltar mais, para nunca mais voltar, sob o sorriso complacente e satisfeito do Bull-Dog e do seu nariz quebrado...

.....
 ... E o jogo continuaria assim indefinidamente noite e dia, para recomeçar novamente de dia e continuar de noite, isso todos os dias e todas as noites!...

Homens de trabalho da estiva, homens honrados acotovelando-se com malandros renitentes, pervertendo-se pelo contágio. Marinheiros, fuzileiros navais, ali nas barbas das autoridades, a dez metros do Arsenal de Marinha, na maior intimidade com arrombadores e ladrões. *Pivettes*, esperançosos gatunos, jovens estreantes na carreira do crime, crianças...

Mas o jogo do Bull-Dog pelo menos tinha uma grande, uma enorme superioridade sobre os outros *clubs* do Rio de Janeiro. Era a sinceridade de seu cartaz:

É PROIBIDA A ENTRADA A LADRÕES CONHECIDOS

Em quantos lugares da cidade, nas mais elegantes rodas da mais alta sociedade, se poderia colocar, com vantagem, um cartaz idêntico?...

Mas roubar cinco mil réis é ser gatuno.

Roubar acima de cem contos de réis é ser um grande homem de negócios...

Nem todos os que roubam podem ser chamados de ladrão.

E a cadeia só existe para os que roubam pouco, e roubam mal!...

Os fumantes da morte

— *A Noite! A Noite! Olha A Noite!*

E os vendedores de jornais, garotos rotinhos e barulhentos, passavam como uma avalanche, num berreiro infernal, no meio da multidão indiferente e cansada que voltava a casa àquela hora da tarde.

Fazia calor. O calor estafante de um dia que havia sido muito claro. Um dia de sol impiedoso. Um céu de verão — muito azul e iluminado, quente, fervendo, sem a ruga de uma nuvem.

O calor condensara-se no asfalto. E o asfalto amolecido desprendia um bafio pesado e morno.

— *A Noite! Olha A Noite!*

Automóveis, buzinando, dirigiam-se, velozes, para os bairros elegantes.

Na avenida, uma multidão se apressava para o ponto dos bondes.

A tarde já era quase noite.

Escurecia lentamente, mas escurecia...

Uma brisa fresca, inesperada, vinha do mar; e as lojas, aos poucos, se iam acendendo.

De repente, foi a visão mágica.

Milhares de globos elétricos dos milhares de seus lampiões iluminaram-se como de improviso.

Jorrou luz por toda a parte.

A cidade, novamente, clareou.

Fez-se um novo dia!...

Neste instante, alguém me disse ao ouvido:

— Os chineses te esperam... Sim, os chineses... Tudo está pronto... Tenho a senha... Vamos!...

Fui. Fomos. Meu companheiro e eu.

Deixamos a claridade intensa da Avenida e nos embarafustamos na meia escuridão da Rua São José.

Viramos o Beco do Cotovelo, o beco sinistro e fétido, com a sua ladeirinha que sobe para as ruínas do Castelo.

Pouco depois estávamos na Travessa dos Ferreiros. Em pleno bairro chinês!

Mas pode-se chamar aquilo um bairro? Não. É apenas uma travessa. E que travessa! Pequeninha, estreita, tem-se a impressão de

que, abrindo os braços, fecha-se o trânsito da estranha viela. As casas são bastante altas e durante o dia mal se avista o céu. O céu, para aquela pobre gente que ali vive, é apenas uma fatia, uma pequenina fatia de azul iluminado!

Mas, à noite, a Travessa dos Ferreiros é apavorante.

Mal acesa, quase escura, adivinha-se mais do que se vê.

E não se vê mesmo nada.

Anda-se às apalpadelas.

Pisa-se, com incerteza, como cegos.

E o receio de ser assassinado, ali, sem mais nem menos, sem barulho, em pleno silêncio, sobe à garganta de quem passa.

Percebe-se, de quando em quando, uma sombra.

Só se percebem sombras.

Sombras e formas indecisas.

Espera-se ver surgir um punhal a cada instante.

Uma sombra que se mexe — um chim!

Passa-se.

O chinês não se alterou.

Ficou-se esperando a facada.

Ela não veio.

Será para outra vez.

Mais uma sombra, mais uma outra.

Mais um vulto encostado à parede, mais outro.

E vai-se, andando, surpreendido de não se ter sido assassinado ainda...

— É aqui! Já chegamos... Deve ser o número 17...

Meu companheiro segurou-me o braço e parou.

A porta do número 17 estava fechada.

De dentro da casa, não vinha o menor ruído.

Parecia inabitada.

Não se via nenhuma luz no interior.

O silêncio e a escuridão envolviam o número 17.

— Como é que sabes que é o número 17? Não se exerga nada!

— Não te impressions! Eu tenho certeza!

E, como melhor argumento, ele começou a bater, primeiro de leve, depois com força, para depois ir batendo de novo, levemente, como um tambor que fosse, pouco a pouco, desaparecendo, ao longe...

— É o sinal!

Mal ele havia acabado de tamborinar na porta, lentamente ela se abriu, e a cara expressiva e desconfiada de um chinês fez-se ver.

— Boa noite! Lu-Ki-Kong!

O chim teve um risinho nervoso, indefinido, não sei se de alegria ou de raiva, um risinho trágico, risinho diabólico, risinho sinistro. E com a sua voz gutural, voz de boneco e de ventríloquo, ele deu a licença desejada:

— Entrar... Entrar... Pode!... Entrar!... Entrar!...

E repetiu uma porção de vezes aquele “entrar”, dito numa pronúncia curiosa.

Entramos.

A cena foi inesperada.

Estávamos em um andar térreo imenso, às escuras. Perto da porta, uma escada subia para os outros andares.

Adivinhava-se o tamanho da loja porque muito distante via-se uma luz fraca que tremeluzia.

Uma luz, não. Havia três luzes, espaçadas.

Três luzes anêmicas, jogadas aqui, mais além, acolá, sem simetria, em meio de toda aquela escuridão.

O ar era abafado.

Um ar de cômodo eternamente fechado, onde o sol não entra.

Respirava-se com dificuldade.

Sentia-se, em meio do cheiro desagradável das habitações coletivas, um perfume adocicado e estranho, um perfume de planta e de fruta – o ópio!

O ópio!

Estávamos em uma das célebres *fumeries* chinesas, *fumeries* onde só os iniciados conseguem penetrar, templos misteriosos de um grande vício.

Seguimos Lu-Ki-Kong. Fomos para o fundo da loja.

O cômodo estava abarrotado de sacos e de diversos utensílios próprios para o principal negócio dos chineses – o amendoim.

Caixas e caixas, sacos e sacos, empilhados; e, dentro de várias peneiras, o amendoim descascado.

Diante das três luzes misteriosas, estendidos sobre tábuas nuas, alguns chins fumavam...

As lâmpadas de querosene, com a sua luz vacilante e amarelada, iluminavam as fisionomias mais amarelas ainda dos viciados, em êxtase!

Os olhos em amêndoa, semifechados, os chineses aspiravam fortemente – com um ruído de fole – três, quatro, cinco vezes a fumaça dos cachimbos compridos e caíam prostrados, de gozo.

E recomeçavam a operação até dormir, dormir o sono ilusório e maravilhoso do ópio!

Tamanha era a prostração de um deles que só conservava a força de fumar, de aspirar as fumaças azuis e adocicadas do veneno.

A seu lado, deitado, havia um outro que lhe preparava o cachimbo.

Lentamente, com a agulha comprida, tirava do pequeno boião repleto de ópio líquido – uma massa escura como um óleo grosso – a ligeira dose para cada cachimbada, o suficiente para aquela meia dúzia de fortes aspirações.

Na ponta da agulha, o ópio formava uma bolinha miúda.

Aquecida ao calor da lâmpada, a pequena dose entrava em combustão, acendia-se; avermelhava-se, como um minúsculo sol.

E era aquele minúsculo sol que, dentro do comprido e negro cachimbo, iluminava o cérebro do chinês para os vários e novos mundos das grandes sensações e das grandes fantasias.

– Lu-Ki-Kong! Onde estão os brasileiros que fumam?

O filho do céu fez uma careta horrível. Bateu violentamente a palma da mão no peito:

– Oh! Oh! “Mentiro”! “Mentiro”!... Só chim... Só chim... Brasileiro, não!...

Tornei a insistir:

– E as mulheres? As criaturas viciadas que, à noite, vêm procurar no ópio o esquecimento de uma vida vergonhosa e um prazer novo para as suas sensações insaciáveis...

Lu-Ki-Kong, imóvel, escutava, como se não entendesse.

– Vamos!... Diga-nos a verdade!...

O chinês, mudo, não respondia. A sua cara era um enigma. Não sabia se ele estava com vontade de me morder ou de me abraçar. Os chineses são assim – um mistério. A fria impassibilidade daqueles olhos em amêndoa, aquelas criaturas amarelas e secas, não demonstram o que são. Só eles sabem o que pretendem. Toda a psicologia prática falha diante daquelas máscaras lívidas, sem movimento, de olhos pequeninos e traiçoeiros.

– Não nos quer dizer... Pois bem... Não faz mal!

Mas o chinês teve um frêmito. Rápido, fez um gesto.

Na porta, agora, batiam como o meu companheiro havia batido – as mesmas pancadas precipitadas; primeiro fracas, depois fortes, para depois irem esmorecendo, aos poucos...

Lu-Ki-Kong precipitou-se. Seus passos pareciam feitos de algodão. Não faziam barulho...

Correu à porta. Abriu-a.

Então vimos um casal entrar.

Conheci, imediatamente, o homem, pela sua gordura de bem-aventurado gozador da vida. Parente de um muito ilustre político já morto, o sr. X.Y. é a figura indispensável de todos os recantos do Rio que se diverte. Acompanhava-o uma mulherzinha loura – uma francesa vulgar.

Lu-Ki-Kong fez o casal subir as escadas e, rapidamente, desaparecer.

Isso foi feito no espaço de um segundo. Mas o bastante para satisfazer a nossa curiosidade.

Quando Lu-Ki-Kong voltou, conservava-se imperturbável, como se nada tivesse acontecido.

– Então os brasileiros fumam ou não?

Lu-Ki-Kong, abanando a cabeça, tornou a repetir:

– “Mentiro”! “Mentiro”! Só chim... Só chim...

As três lâmpadas de querosene continuavam a iluminar o sonho dos fumadores de ópio.

Perto de uma daquelas camas de madeira, nua, acorçado no

chão, havia um chinês, em estranha e silenciosa operação.

Aproximamo-nos.

Os dedos nervosos e apressados, o filho do céu descascava amendoim.

Com uma rapidez entontecedora, os amendoins saíam de um grande saco e iam se encontrar descascados dentro de uma peneira, em frente ao homem acororado.

Impassível, como se ninguém estivesse ali a contemplá-lo, o chinês fazia conscienciosamente o seu trabalho noturno, aproveitando a luz da lâmpada, muito pálida e muito amarelada, dos opiomaníacos. Depois, seria a sua vez de ir para o ópio e de um outro vir descascar amendoim...

Então soube da vida estranha que levam aquelas criaturas.

Ganham seis mil réis por saco de amendoim descascado. Essa operação dura três dias de um trabalho intenso. Não fazem outra coisa. Trabalham noite e dia. Nunca saem à rua, nunca vão ao sol respirar o ar puro da vida...

Ficam ali, a semana toda. Às vezes, aos domingos, dão um ligeiro passeio e vendem doces pelas praças mais movimentadas da cidade. Nada mais.

E assim passam a existência: acororados, descascando amendoim; deitados, fumando ópio. Vão do ópio para o amendoim e do amendoim para o ópio. O que ganham com um, gastam com o outro. E é a vida que levam, alimentando-se com um pouco de arroz cozido...

Vegetam e sonham!

Terão eles descoberto a ciência da vida? Quem sabe?

Diante de duas lâmpadas de ópio, dous chineses já dormiam, envolvidos pelo grande sono anestésico.

Na terceira cama, porém, o chinês — o mais velho de todos — continuava a aspirar, violentamente, as cachimbadas que o seu auxiliar preparava.

Fazia todos os esforços para dormir, mas não conseguia. Mais uma cachimbada, mais outra. Café, extenuado e mole. A cabeça pendente. Mas o sono não vinha...

O organismo calejado e gasto do velho chinês resistia contra a dosagem tremenda de ópio, dosagem que seria bastante para levar ao sono eterno, à morte, qualquer outro menos iniciado.

O chinês se exasperava. As cachimbadas sucediam-se. Uma sobre as outras. Mas o sono não vinha...

Recomeçava, tornava a aspirar, com um ruído oco, o cachimbo comprido.

Pelos seus olhos miúdos, passava uma chama, rápida, de esperança. Esperança de libertação. Esperança para o sono que faz esquecer.

O sono não queria vir. O organismo envenenado já era quase tão forte quanto o veneno. E o chinês sofria, horrivelmente, do cas-

tigo de não poder dormir, de não poder dormir...

Mas o sono não vinha!

De repente, ele viu que eu o olhava, que eu compreendia a luta atroz em que ele se achava, que eu analisava as suas contorções e os seus gestos com a mesma frieza com que se observa uma cobaia de laboratório sob a ação de qualquer mal.

Então, os seus olhinhos se fizeram terríveis. E, estremeçando, tive a impressão de que eles me amaldiçoassem, de que eles me atirassem um pavoroso anátema:

— Ah! Estás procurando violar os segredos do ópio! Imbecil! Temerário! Não sabes o que fazes... O ópio não perdoa... E ele não te perdoará! Não há ninguém que o respire uma só vez — e tu já o respiraste! — que não fique seu escravo a vida inteira. O ópio é uma força que subjuga e que domina. Tem mais cantos do que as sereias e é mais envolvente do que a mais linda mulher. Leva ao delírio, leva ao aniquilamento, leva à morte. Mas quem o aspirou uma só vez não se esquece nunca mais!... Nunca mais!... O ópio não perdoa, entendes? Não perdoa!... Não perdoa!...

Os olhinhos ameaçadores, finalmente, fecharam-se. O velho chinês conseguiu, enfim, dormir. Sua expressão ansiosa e trágica descansou. Ficou tranqüilo. Quase feliz. Devia ser doce o seu sono.

Agora, a *fumerie*, toda ela, dormia. O homem acorçado tinha abandonado os seus amendoins.

Safmos.

Eu levava no espírito a terrível visão do velho chinês e ainda sentia o perfume adocicado e perigoso do divino veneno.

No Beco do Cotovelo, uns primeiros pingos grossos de chuva de verão, de grossa chuvarada de verão, começaram a cair.

Pouco depois, era a pancada d'água.

Chovia fortemente e trovejava.

Relâmpagos zigzagueavam pelo espaço com enorme estrondo.

E até nas nuvens, nas nuvens iluminadas pelos raios e pelo trovão, parecia-me rever as fisionomias sinistras e lívidas dos fumantes da morte!...

O túnel do pavor

- Está livre?
- Sim, senhor.
- Pode ir à hora?
- Pois não.

Entramos no táxi.

O agente Vulpiano, com a sua voz forte e autoritária, ordenou:
- Vamos ao túnel do Rio Comprido!

O *chauffeur*, que ia pôr o carro em marcha, voltou-se pálido, amedrontado:

- Onde?

O agente repetiu com a sua voz pausada e calma:

- Ao túnel do Rio Comprido!
- Ao túnel? Não é possível! Ao túnel a essas horas?
- O que é que tem?
- Não, não é possível! Não há *chauffeur* que os conduza...

E o homem olhou desconfiado para nós, como se se tratasse de três facinoras,

- Estamos armados, não há perigo...

- Não!

- Quanto quer para nos levar até lá?

- Por dinheiro nenhum. Tenho muito amor ao meu corpo...

- Mas quanto quer? Está bem duzentos mil réis?

- Nem por uma fortuna! Sou casado e tenho filhos. Só quando quiser me suicidar é que lá irei nessas horas da noite!

O agente Vulpiano julgou que devia intervir e, tirando a sua carteira, provou a sua qualidade:

- Você vai com a polícia, não tenha receio. Estamos todos armados e se formos atacados saberemos reagir. Vamos embora e deixe-se de histórias!...

- "Seu" agente, eu prefiro ir para a "geladeira" e para a Colônia Correccional! Não sou valente, mas também não sou medroso e duvido que o senhor encontre um *chauffeur* que o queira conduzir até o túnel do Rio Comprido!

Eram mais de onze horas da noite.

A Avenida estava cheia de automóveis à espera da saída dos cinemas e dos teatros.

Carros e *chauffeurs* não faltavam...

Fomos a vários deles.

Todos se recusaram.

— Ao túnel do Rio Comprido, a essas horas? Mas por dinheiro nenhum!...

Tivemos, finalmente, uma indicação. Alguém nos disse:

— Querem um *chauffeur* maluco, mas maluco mesmo? Vão à Lapa e procurem pelo Osvaldo. É um menino atirado, perigoso e hábil na direção... É o pavor do bairro. Já matou um transeunte numa de suas fantásticas correrias!...

Fomos à Lapa, à procura do tal sr. Osvaldo.

Encontramo-lo no Café Olímpia.

Aí eu tive a palavra:

— “Seu” Osvaldo. Soubemos de sua coragem e do seu destemor. Soubemos, finalmente, que o seu carro é o único capaz de nos levar, a essas horas, ao túnel do Rio Comprido!

— Como? Onde?

— Ao túnel do Rio Comprido. .

— Mas não é possível!...

— Por quê?

— Por que não! Ninguém está disposto a ser atacado pelas costas, no escuro, sem mais nem menos!

— Mas nós não seremos atacados!

— Que garantias o senhor me dá?

— Vamos com o sr. Vulpiano Machado, investigador do 6º Distrito, e ele se responsabiliza pela nossa vida!

O *chauffeur* sorriu:

— Vê-se que o senhor não sabe o que é o túnel do Rio Comprido...

E decidindo-se:

— Pois bem. Vamos jogar a cartada. O senhor vai gastar duzentos mil réis e vai passar um bom susto! Vamos!

Eu já estava perdendo a vontade de me meter em semelhante aventura. Os argumentos que eu usava para com os outros não eram bastantes para me convencer. A promessa do sr. Vulpiano de garantir a nossa vida dava-me uma tranqüilidade toda relativa. O meu brilhante ilustrador Tarquino não estava mais sossegado. Embarcamos no automóvel do sr. Osvaldo — o terror da Lapa — como se encontrássemos para uma força, sem um gesto, calados, entregando-nos à fatalidade. O policial e o *chauffeur* eram os únicos que trocavam palavras ...

O automóvel, em carreira vertiginosa, deixou o Largo da Lapa, barulhento dos *jazz-bands* de seus *cabarets*, e dirigiu-se, dentro da noite, para um rumo desconhecido.

Não falávamos.

A cidade corria, iluminada, diante de mim e eu não a via, não me interessava por ela, tão agitados tinha o cérebro e os pensamentos.

Postes acesos, lanternas, vitrinas brilhantes de luzes, bondes iluminados passavam, passavam, às pressas, como fagulhas, vertiginosos relâmpagos, e deixavam no meu espírito ausente um rastro luminoso e rápido.

Eu só pensava e só tornava a pensar no túnel do Rio Comprido, no túnel do pavor, que a todos causava espanto e medo.

Morrer, morrer naquela noite linda de verão e luar, seria uma profunda estupidez!

Não me conformava. Mas o automóvel, em disparada, continuava o seu caminho para o desconhecido...

Morrer! Mas que idéia lúgubre. Era, porém, a idéia que a todos nos vinha...

E, depois, por quê?

Atravessar o túnel do pavor àquela hora era reduzir de cinqüenta por cento a nossa probabilidade de existência.

Ligando as Laranjeiras ao Rio Comprido, toda aquela zona do túnel é o lugar mais ermo e mais perigoso do Rio de Janeiro.*

A Favela é sinistra, mas é povoada. A Saúde, o túnel João Ricardo, a ponte dos Amores, a Marítima, são zonas trágicas, mas habitadas. Lugares onde, se há o bandido, há também muita gente honesta. Há a cavalaria e o guarda noturno...

Mas na zona do túnel do pavor não há nada disso. É o pleno deserto. A plena solidão. E o que é pior: há habitantes transitórios que, de quando em quando, vão povoar as suas cavernas – existem verdadeiras cavernas pré-históricas entre as suas rochas – e as suas pequenas casas de sapê, improvisadas, nas encostas do morro. E esses habitantes transitórios são terríveis! Vêm, todos eles, da Colônia Correccional e da Detenção. Acabaram as penas ou fugiram. São muitas vezes bandidos que a polícia persegue, criminosos que se escondem e que fogem, ladrões que procuram desaparecer com os seus roubos, assassinos que, com a faca ainda quente de sangue, vão, durante uma noite, um dia, se refugiar com a sua consciência maldita em uma das grutas desertas.

Não se deixam ali ficar por muito tempo. Mas se revezam e se substituem. Hoje há uma leva de gatunos, amanhã virá uma outra de criminosos. Eles são todos da mesma família. E se entendem, maravilhosamente...

Na falta de casebres e de grutas para aquela população de bandidos, de passagem por ali, há uma hospedaria maravilhosa, um abrigo esplêndido – o túnel!

E no túnel eles se instalam, como se em sua própria casa estivessem, certos de não serem incomodados. Dormem, comem e amam...

N. do A. * Hoje esses perigos desapareceram por completo.

Agora imaginem como deve ser divertido passar no famoso túnel, em plena noite, em pleno escuro, em plena solidão!

Quem passar por ali joga um jogo como outro qualquer. Pode não acontecer nada, como pode acontecer muita coisa.

O mínimo que tem acontecido a certos temerários é voltar de lá a pé, sem dinheiro, sem roupa, em tristes e ridículas ceroulas, depois de ter levado dos malandros uma boa e magistral surra!

Isso é o mínimo. É a mais doce violência que os bandidos possam cometer.

Contam que, num dos inúmeros assaltos no túnel do Rio Comprido, a vítima era um advogado, um bacharel em direito.

Os malandros ao assaltarem-no nada encontraram. Nada nos bolsos e a carteira vazia. Devia ser um advogado sem causas...

Os bandidos já se julgavam roubados e iam soltar o pobre bacharel, depois de alguns trancos, quando viram reluzir no seu dedo um grande e rico anel de grau, o anel simbólico de rubi com o seu chaveiro de brilhantes!

Mas o anel preso no dedo não havia meios de sair. Os bandidos envidavam todos os esforços, a própria vítima os ajudava, e o anel seguro ao dedo, preso na carne, não saía. Os bandidos já estavam furiosos e consideravam-se pela segunda vez roubados, quando um deles sugeriu:

— Que lhe cortem o dedo!

Um grito agudo de dor, um esguicho de sangue e uma navalha, rapidamente, fez a operação...

De histórias como essas de arrepiar os cabelos está cheia a crônica do túnel do pavor.

E era dessas histórias que eu me recordava quando a voz do agente Vulpiano, no automóvel veloz, fez-se ouvir:

— Estamos chegando!

Tínhamos passado pelo Cemitério da Ordem Terceira, em Catumbi. Subíamos a rua iluminada, onde há bondes, onde há casas e vida, e galgávamos a Ladeira Barão de Petrópolis, no morro escuro, deserto e pavoroso.

— Estamos chegando! repetiu o agente.

E de um gesto profissional sacou o revólver e ficou à espreita. Fizemos o mesmo. Três revólveres ficaram reluzindo à luz de um luar magnífico.

A lua, enorme, banhava de uma claridade doce e anêmica a Ladeira Barão de Petrópolis.

O automóvel subia devagar. A estrada era péssima, toda esburacada pelas últimas chuvas. Pelas últimas e pelas antigas. Aquilo é uma zona esquecida de Deus e da Prefeitura...

O automóvel subia.

A cidade tinha ficado lá embaixo, cheia de luzes, de casas, de bondes e de automóveis.

Estávamos em pleno mato, rodeados de capoeiras. Como ilu-

minação, apenas o luar, às vezes escurecido por densas nuvens.

Não trocávamos uma palavra. Olhávamos todos para a frente, com toda a força de nossos olhos...

Subfamos cada vez mais. E cada vez mais espessas se faziam as capoeiras.

Só havia mato ao nosso redor e a lua no céu. Nada mais. O silêncio envolvendo tudo aquilo, nós e nossa angústia.

De quando em quando, o automóvel mudava de velocidade, capengava nos buracos de lama e prosseguia, lentamente...

O *chauffeur* Osvaldo dizia, entre os dentes cerrados:

– O primeiro tiro deve ser para mim... É sempre o *chauffeur* o primeiro a ser assassinado nos assaltos à mão armada!

Não respondíamos. Olhávamos para a frente, para os lados, à espera de uma agressão. Nada vinha. E continuávamos...

O agente Vulpiano tornou a nos avisar:

– Agora estamos chegando ao túnel!

O automóvel dirigia-se contra a montanha, contra um buraco escuro cavado na montanha. Tive a impressão de que o carro se enfurnasse na terra, desaparecesse enterrado, fosse engolido por aquele buraco escuro. Estávamos no túnel do pavor!

Então foi o momento impressionante!

As paredes do túnel escuro gotejavam. Caía água. E nós rodávamos para o desconhecido em plenas trevas. Tinha desaparecido a paisagem, o mato, tudo. E nem mais a lua via-se no céu!

O ruído do motor repercutia na abóbada do túnel com um estrondo de cem motores.

Com toda a calma, o agente Vulpiano nos avisou:

– Aqui dentro é que temos mais probabilidade de ser atacados! Os malandros, escondidos nas grutas e capoeiras, cá de cima, vêm o automóvel galgar a Ladeira Barão de Petrópolis. E eles têm amplamente o tempo de se concentrarem em uma das bocas do túnel para exercer uma ação conjunta contra o turista incauto. Vamos ver se teremos a sorte de ser assaltados!

Os faróis do automóvel projetavam-se no chão enlameado; iluminavam o caminho.

Nossos corações batiam mais forte. Apertávamos instintivamente os revólveres, o dedo no gatilho.

O automóvel ia cada vez mais devagar. Grandes buracos alagados dificultavam a sua marcha.

Continuava a chover da abóbada escura.

Já estávamos todos molhados daquela misteriosa água safda das trevas...

Chegávamos à outra extremidade do túnel sem ver ninguém. Nada. Nem uma alma.

De repente, o automóvel estacou:

– É agora...

Um vulto preto, um homem, chapéu desabado e sinistro, estava na nossa frente.

Um tiro ecoou no espaço.

Era um de nós que com precipitação havia atirado.

O vulto preto pôs-se a fugir.

Pela estrada enlameada, o desconhecido pulava e corria.

Pouco depois desapareceria dentro das capoeiras.

O medo havia-lhe dado asas...

— Era um bandido?

— Quem sabe!...

A lua impassível e branca clareava as Laranjeiras aos nossos pés.

O Pão de Açúcar e a sua massa de granito surgiam de um mar prateado de reflexos.

O ambiente era de calma, de tranqüilidade e de beleza.

O automóvel, agora, descia.

E eu pensava:

— Quem sabe se aquele vulto tão veloz de pernas não era o de um honestíssimo transeunte que tivesse ido ao alto do morro apreciar a lua sobre a bafa? Um artista, um pintor ou um esteta anônimo... É bem possível. Talvez um inglês, um original!...

E, sorrindo na minha imaginação a idéia do inglês aos pulos, de “kodack” na mão, embrenhando-se pelos matos, eu dizia aos meus companheiros:

— Creio que fomos nós, esta noite, os bandidos do túnel do pavor!...

A pequena operária

— Levem esta mulher para a Santa Casa... É uma questão de dias!...

Na ambulância da polícia, estendida na padiola de lona, Helena tinha compreendido a terrível significação daquele “é uma questão de dias”.

Era mesmo uma questão de dias. E tudo estaria acabado!

Na sua miséria física, Helena estava com o espírito perfeitamente lúcido.

E tamanho era o seu desencanto pela vida, que não sofria à idéia de morrer com dezoito anos...

Morrer?

Que seria a morte?

Pior do que a vida por ela vivida?

Não era possível!...

Pela segunda vez ela iria entrar para a Santa Casa.

Mas agora, seria a última...

Deitada na padiola gelada, Helena sofria, ressoando com enorme estrondo na sua cabeça fraca, os solavancos que a ambulância, sem maiores cuidados de seu *chauffeur*, ia dando contra os buracos das ruas e nas curvas bruscas.

O automóvel trágico disparava, levando a sua carga dolorida.

Dentro da ambulância escura, Helena não via o caminho percorrido.

Só percebia, pelas frestas de ventilação do carro, os postes da Light que, pretos, lúgubres, corriam...

A Santa Casa!...

Novamente, ela iria voltar ao grande, ao imenso casarão da dor!

Voltar àquelas salas enormes e frias, todas de azulejo branco, onde centenas de criaturas, lado a lado, leito contra leito, de todas as idades, de todas as cores, de todas as moléstias, com todos os horrores — suspiram, gemem e morrem!...

Não havia um mês que Helena tinha deixado a Santa Casa. A enfermaria 27, a enfermaria da boa irmã Filomena, a triste maternidade, onde mais de cem parturientes, até em colchões, pelo chão, têm os seus filhinhos...

Helena também tinha tido o seu. Uma criança vermelhinha, aloirada, os bracinhos agitados continuamente para o ar, a minúscula boca, ávida de leite, ávida de vida...

Mas havia morrido.

O ser de seu ser, o sangue de seu sangue, havia morrido...

E Helena, sozinha, voltava agora à Santa Casa. Sem filho, sem a sua pequenina criatura, sem ninguém... Apenas com os seus dezoito anos em agonia!...

E, enquanto o automóvel da polícia sacudia o seu pobre corpo de menina, feita mulher antes do tempo, Helena lembrando-se de sua triste história, sonhava, que podia ter sido uma menina feliz como as outras, como tantas outras...

E o delfrio, na sua cabeça oca e enfraquecida, transformava a trepidação da sinistra ambulância na trepidação de um *landaulet* nupcial e florido, onde Helena se via toda de branco, com muitas flores de laranjeira, com muitas flores, com uma quantidade de flores, seguida por uma fila interminável de automóveis...

E quase desmaiada de fraqueza, sacudida pelo automóvel horrível e escuro como uma prisão. Helena, no seu sonho de agonia, pela primeira vez em sua vida, era feliz, absolutamente feliz!...

Helena podia ter sido como outras meninas, como tantas outras meninas.

Mas tinha nascido pobre. E isso é um crime que a vida, mais tarde, não perdoa...

Muito cedo havia perdido os pais. Estava só no mundo.

Com quinze anos, era costureira, pequena operária.

Engraçadinha, bonita mesmo — arranjou logo emprego. Um emprego na maior casa de modas da cidade.

As empregadinhas das grandes casas de modas são escolhidas a dedo. Devem ser moças e bonitas. Isso é feito para animar a generosidade dos homens casados quando vão fazer compras com as suas respeitáveis senhoras...

Há em torno dessas pobres meninas, vendedores das grandes casas, um caftinismo inconsciente pelo ar. Caftinismo do dono da casa que as escolhe, cuidadosamente, como um verdadeiro rufião, para chamar a freguesia. Caftinismo de certas senhoras casadas que sabem que conseguirão do marido uma linda *toilette*, se quem a vender for uma menina de meigos olhos e de vozinha convidativa...

Helena, nos seus quinze anos inocentes, pensou que, vendendo cousas bonitas, passaria a vida toda num paraíso.

Apesar do seu magro ordenado não lhe dar para viver, e sim, e exclusivamente, para se vestir de acordo com as próprias exigências da grande e luxuosa casa de modas, a pequena operária julgava-se feliz, entre aquelas rendas, aqueles bordados e aquelas sedas!

Mas, rápidas, vieram as desilusões.

Não se tem quinze anos, não se é linda, e não se é pobre — impunemente.

A mocidade, a beleza e a miséria têm que pagar o seu tributo.

Na organização social de hoje, é assim...

Desde o patrão até o último varredor do armazém; desde o cai-

xeiro até um freguês que, sistematicamente, todos os dias, ia comprar alfinetes como pretexto — todos os homens sem exceção começaram a persegui-la, a assediá-la, a fazer um verdadeiro cerco ao redor da inocência da pobre menina.

Quanto mais desamparada a viam, quanto mais abandonada e só, quanto mais se convenciam de que no mundo ela nada tinha senão a sua virtude — maiores assaltos, maiores traições, maiores banditismos faziam, para arrancar da pequenina Helena o seu último bem...

Ela era uma magnífica presa para a covardia dos homens.

Os homens têm o faro dos animais que só atacam os bichos indefesos ou agonizantes...

E, como faro e como covardia, eles são magistras!

Certa vez, Helena viu que a situação não podia continuar.

Despediu-se da grande casa de modas.

Voltou a ser a pequena operária que era miseravelmente paga, mas honesta e tranqüila.

No seu minúsculo quarto — que quarto! — sem ar, sem luz, sem higiene, Helena recomeçou a vida.

Na casa de cômodos da Rua do Lavradio, onde os casais, aos tapas, os homens bêbedos, as mulheres descabeladas, as crianças rotas e imundas, aos berros, viviam numa promiscuidade barulhenta — Helena passava o dia costurando, e muita vez entrava pela noite a dentro, sob a pálida e amarelada luz de um velho lampião de querosene...

Os dias sucediam-se iguais e trabalhosos.

E, na alma da criaturinha, passava, às vezes, a grande neuras-tenia de não mais viver em contato com as elegantes freguesas da grande casa de modas, muito perfumadas e de lábios muito vermelhos...

Mas Helena não tinha tempo de ter saudades. Para não morrer de fome e pagar o seu miserável quarto na infecta habitação coletiva em que vivia, o dia inteiro e grande parte da noite não eram suficientes.

Trabalhava para uma casa e para um turco a prestações.

A casa, uma casa muito elegante da Avenida, pagava-lhe cinco mil réis a feitura de uma dúzia de camisas; e o turco — o generosíssimo turco — duzentos réis a feitura de cada ceroula!*

Para fazer uma dúzia de camisas e ganhar os seus cinco mil réis, Helena cosia da madrugada até tarde da noite, sem intervalo, sem repouso, não tendo nem o tempo de cozinhar um sopa para si. Alimentava-se com um pedaço de pão e um pouco de carne da véspera que um ordinário restaurante da Rua do Senado cedia-lhe a bom preço, por estar quase sempre estragada...

N. do A. * Essa era a tabela real quando *Mistérios do Rio* foi escrito, isto é, em 1924.

Sem ar, sem luz, sem alimentação, Helena sacrificando os seus olhos e a sua saúde, trabalhava noite e dia, a agulha entre os dedos, como tantas costureirinhas, como milhares de outras costureirinhas, para a fortuna da elegante casa da Avenida e para enriquecer o generoso turco das prestações...

Com sacrifício da mocidade e da existência da pequena Helena, o mundo não deixava por isso, de rodar, sobre si mesmo, todos os dias...

Mas como uma flor que murchasse, a pequenina operária ia empalidecendo, pouco a pouco, e ao redor dos seus olhos, grandes e largas manchas arroxeadas iam se formando. Magra, muito magra, muito anêmica, Helena tinha o aspecto de velhice precoce, essa velhice que as próprias crianças miseráveis e mal alimentadas têm...

Era uma velha antes de ter sido uma moça!...

E isso simplesmente porque, para não morrer de fome e não se prostituir, tinha que trabalhar dezoito horas por dia para ganhar os cinco magros mil réis de uma dúzia de camisas, às vezes camisas de seda, que a elegante casa* da Avenida vendia a cento e vinte mil réis cada uma!

Isso, simplesmente devido a uma organização social injusta e miserável, que, distribuindo mal a riqueza, mata gente de fome e mata gente de indigestão. Uns com o estômago oco, outros com estômago transbordante. Uns que expelem sangue, de fraqueza, em caminho para a tuberculose; outros que expelem peru, de abundância, depois de bacanaís!

Organização social errada e bandida, que a certas meninas veste de seda e de pérolas e a outras meninas, também vibrando da mesma mocidade e das mesmas esperanças, não dá nem o direito elementar de viver!

Ah! a existência das pequeninas operárias, das pequeninas costureiras! Ah! o crime organizado, sistematizado, legalizado, dos *ateliers* de costuras! Aquelas patroas, severas, irascíveis, egoístas; aqueles patrões, que só se lembram de melhorar a sorte de suas empregadinhas à condição de levá-las para o lupanar! Ah! bandidos, de ventre farto e de algibeira cheia!

Sem associação de classe, sem defesa, as operárias costureiras, devido ao seu sexo e ao trabalho anônimo e escondido que fazem, nos *ateliers* ou nos seus quartos particulares e miseráveis – são, na organização social de hoje, as mais desprotegidas e as mais desamparadas.

Mistérios do Rio não são as fachadas que o “Papagaio” deu na Correção em um sentenciado. Mistérios do Rio não são os crimes desses desinteressantes moleques beijudos que freqüentam o sórdido

N. do A. * A seleta Casa Moutinho.

jogo do Bull-Dog. Mistérios do Rio não são histórias de “bagunça”, navalha e revólveres... Não!.

Mistérios do Rio são essas meninas costureiras que ganham trinta mil réis por mês e que ainda servem como criadas de suas patroas. Trinta mil réis sem casa nem comida! Sabem o que isso quer dizer, hoje em dia? – a fome e a morte.

Mistérios do Rio são essas meninas que morrem de inanição, porque não têm quem as defenda e quem grite por elas!

Ordenados – 70\$000 a 150\$000, a seco. Isso mesmo nas melhores casas para as melhores costureiras!

É à custa da miséria das costureiras que vivem os grandes armazéns.

E esses palácios da moda são construídos sobre os gemidos e a fome de milhares de criaturas.

Setenta mil réis por mês!

Pagar um quarto, alimentação, viver com setenta mil réis por mês!

Depois não querem que as casas de *rendez-vous* andem repletas!...

Helena, pois, ainda era muito feliz em ter encomendas da elegante casa da Avenida, que lhe dava a ganhar cinco mil réis por dia!...

Mas, pouco a pouco, com aquelas dezoito horas de costura diárias, a pequena operária ia se definhando...

Sem ar e sem luz, morrem as plantas e morrem as criaturas.

Na sua vida de desencantada surgiram, porém, inesperadamente, alguns dias cheios de sol.

Era primavera.

E toda a primavera cantou dentro do seu dolorido coração!

Pela primeira vez Helena amava.

Um encontro, um acaso, e o amor nasceu...

Foi um jato de claridade na sua existência triste.

Durante alguns dias a pequena operária sonhou o sonho de todas as meninas – um marido, uns filhos, uma casa... A felicidade!

E o que ela não tinha feito por interesse, ela o fez por amor.

Entregou-se de corpo e alma ao desconhecido que amava.

Um último golpe lhe estava destinado. O amor de sua vida, o amor de seu amor, o seu amante, o seu futuro marido, era um vil conquistador, especialista na desonra das criaturinhas desamparadas e sós.

As mesmas palavras e as mesmas promessas, ele repetia a todas. Com o mesmo entusiasmo e com o mesmo cinismo...

Alguns meses depois, Helena conhecia a Santa Casa e a 27ª Enfermaria, a enfermaria da irmã Filomena.

Depauperada, ela teve a criança em condições atrozes.

Dez dias depois davam-lhe alta. A alta quem a dá é o médico e não o paciente. O médico é que determina se o paciente sofre ou

não... O paciente pode padecer mil dores; com a alta do facultativo ele está oficialmente bom, tem que se levantar da cama, não se queixar mais, sair do hospital, ir para a rua, e dar lugar a outro...

Helena nunca se sentiu tão fraca como quando o médico lhe comunicou que ela estava curada e que, com o seu filho, devia deixar, naquele mesmo dia, a Santa Casa.

– Doutor, o que vai ser de mim?...

– A senhora está boa. Dou-lhe alta...

Apontaram-lhe a porta.

Cambaleando, Helena deixou o imenso casarão da dor.

Dias depois, tropeçando pelas ruas, sem recursos, não tendo coragem de estender a mão, fraca, anemiada – sem sangue nas veias, o estômago vazio, Helena perdia o seu filhinho, a última esperança de sua pobre vida...

.....

Com estrondo e aos solavancos, a ambulância policial entrou no pátio da Santa Casa, pela grande porta do Necrotério.

O *chauffeur*, habituado àqueles transportes diários, foi até o fundo do pátio e alegremente saudou uns enfermeiros que, de avental branco, tomavam fresco, fumando.

Ao ouvir o ruído do automóvel, o médico de serviço na portaria, precipitando-se, gritou logo da janela:

– Volte!... Volte!... Não há lugar... Não há nem uma cama!...

Em nenhuma enfermaria!...

O *chauffeur*, com a guia da polícia na mão, embaraçado, protestou respeitosa-

– Mas doutor, onde vou levá-la agora?

– É uma mulher?

– Uma mulher, moça ainda, quase uma menina... Tem um corpo de criança...

O médico coçou a cabeça incomodado, murmurando:

– É o diabo!... É o diabo!...

Lembrou-se, porém, do rigor da administração da Santa Casa, das ordens taxativas recebidas:

– Não posso aceitá-la! Volte!

– Voltar para onde?

– Você é que deve saber! Esta mulher não estava em casa de alguém?

– Não senhor. Tinha sido despejada há dous dias pelo seu senhorio, por falta de pagamento. Estava na rua morrendo. E da delegacia do 16º Distrito é que a mandaram aqui... O seu estado é grave. O médico disse que é uma questão de dias... Não quer vê-la?

– Não, já lhe disse! A Santa Casa não pode recebê-la. Não há leitos. Solte-a onde quiser... Deixe-a morrer embaixo de uma árvore, aí mesmo em frente... Vamos ver se assim os poderes competentes tomam providências. Deixe-a morrer, como exemplo, aí mesmo de frente... Eu não posso fazer nada. Tenho ordens terminantes de não

receber ninguém acima da lotação. Isso aqui é como um hotel repleto. Quando sai um hóspede é que há lugar para um novo... E a Santa Casa é o hotel mais concorrido do Rio de Janeiro. Todos os dias se rejeitam hóspedes...

E, caindo na gargalhada, satisfeito com a sua pilhéria, o médico foi-se embora, envolvido no seu grande avental branco.

O *chauffeur* cuspiu, levantou os ombros, acendeu um cigarro.

Uma curiosidade, porém, o assaltou.

Foi à ambulância.

Abriu-a.

Olhou para dentro.

Na escuridão do carro, o corpo pequenino de Helena estava imóvel, sem vida.

Um lindo sorriso de criança sonhando inundava-lhe a fisionomia magra e esquelética.

Helena parecia sonhar. Mas estava morta!

Morta, gelada!

O *chauffeur*, calejado por esses espetáculos, murmurou entre os dentes:

— Esta, pelo menos, teve espírito. Adivinhou que a Santa Casa não a receberia. E então se foi... E fez muito bem!...

Na ambulância tétrica e negra como uma prisão, a pequena operária sorria, meigamente, para o céu!...

A criatura do ventre nu

... Flávio Guimarães acordou no dia seguinte às quatro horas da tarde.

Depois de um banho tépido e perfumado, vestiu o seu quimono de seda, fez uma ligeira refeição regada a água mineral, acendeu o cachimbo e pôs-se, então, a recordar, sob as fumaradas azuis do Navy Cut, a sua estranha noite da véspera.

Tinha ido ao Baile dos Artistas. Um baile onde há de tudo, menos artistas. Há muito suplente de polcia, de chapéu na cabeça, bengalão na mão e distintivo na lapela. Muita corista do Teatro S. José. Muito menino bonito; pernas, coxas, peitos depilados, à mostra. E espectadores de tudo aquilo – até que enfim – alguns artistas. Sempre os mesmos. E que todos os anos ali se reúnem para conversar, com precauções de conspiradores, de sua arte. A arte no Brasil é uma conspiração entre meia dúzia de sonhadores . . .

O Baile dos Artistas, de que tanto mistério se faz, é um pobre plágio do baile das Quatz-Arts, de Paris, o baile nababesco, espetaculoso e imoral, que enche, no dia seguinte, de madrugada, as ruas da cidade-luz – de ninfas nuas e de faunos despidos, bêbedos e alegres!

É todo o Montmartre dos artistas; é todo o Quartier Latin dos estudantes; é todo o grande exército das costureirinhas e dos modelos que se dão encontro no baile dos Quatz-Arts.

Vestidas, ou melhor, despidas de gregas, aquelas estátuas humanas e maravilhosas perambulam, impudicas, por Paris afora, escandalizando a moral e inspirando as artes. Quase sempre, o último e tenfssimo véu que as cobre, cai-lhes aos pés. Surgem brancas e esculpidas como as Vênus de mármore. Vênus ligeiramente bebidas de *champagne*. Vênus que falam o *argot* parisiense . . .

Entre artistas e modelos, a bacanal prolonga-se até tarde, pela manhã seguinte.

E não são raros as ninfas e os faunos presos por atentado ao pudor, por exibirem as suas plásticas por demais vivas, à hora em que o burguês, de chinelos, já está tomando o seu café com leite!

No Rio, nada disso. O Baile dos Artistas não existe. Não existem modelos. Os únicos modelos profissionais de que a Escola de Belas Artes dispunha eram as plásticas de uma senhora respeitável e gorda e de um velho de veneráveis barbas brancas. Mais nada.

Quanto aos freqüentadores do nosso Baile dos Artistas, temos apenas a sra. Araci Côrtes, a Mistinguett do Largo do Rocio, já quarentona e desinteressante, dançando vestida de baiana com um dos inúmeros suplentes que enchem o baile sem pagar. Nada mais.

... Flávio Guimarães se recordava de sua estranha noite da véspera.

Tinha ido ao Baile dos Artistas. Tinha bebido muito. E tinha cheirado muito éter . . .

Na falta de mulheres sugestivas, ele e seus companheiros haviam praticado um *ether party*. O moderno *sport* que consiste em molhar o lenço com um lança-perfume – ou com um frasquinho que se traz no bolso – e respirar, respirar o éter, até que os olhos fiquem injetados de sangue e o cérebro povoado de sonhos . . .

Tinha bebido muito. E tinha respirado muito éter.

As horas passavam. O *jazz-band* tonitruava. E o grupo eterômano continuava a cheirar, a cheirar com delícias, o anestésico entorpecedor . . .

Flávio Guimarães já percebia as cousas através de um véu espesso, quando, de repente, foi sacudido por uma visão nova e inesperada.

Encostada a uma coluna, à margem dos dançarinos, uma figura oriental, o ventre nu, pernas e bustos envolvidos em um veludo cor-de-rosa, tonalidade de morango, o olhava com longuidéz . . .

Um corpo de menina impúbere, de seus quatorze anos, de formas apenas desenhadas, rígida de carne, o olhar experimentado, porém, de uma grande amorosa, de uma profissional do amor, a esquisita criatura parecia estar ali à espera de alguém.

De fato, pouco demorou para surgir um rapaz a interpelá-la. Uma violenta discussão se seguiu. A voz fina da criatura do ventre nu, vestida de veludo róseo, fez-se ouvir:

– Não. Não vou! Não te acompanho. Não quero mais saber de ti!

– Vamos embora, deixe-se de histórias . . .

– Não. Não irei. Então pensas que, porque és filho de teu pai, o grande advogado Dr. X.Y; porque tens dinheiro e boas relações, pensas então que vou me vender e me escravizar a ti? Estás louco!

– Você vem ou não? Cuidado comigo. Você não sabe do que eu sou capaz! . . .

– Pois seja capaz. Seja capaz de tudo . . .

O escândalo já estava tomando sérias proporções. O rapaz, que se queria fingir de violento, achou de boa prática bater em retirada.

Ainda sonolento de éter, Flávio Guimarães dirigiu-se à criatura oriental. Ela estava rubra de indignação, rubra e linda. Seu corpo raivoso, ereto, fazia-se mais fino ainda. E nas suas atitudes havia alguma coisa de pequeno garnisé aprontando-se para a luta . . .

– Ah! Esse imbecil que pensa que me amedronta!

E com um gesto de ameaça bem feminino:

— Se ele fizesse menção de me tocar, quebrar-lhe-ia o meu lança-perfume na cara . . .

Flávio Guimarães, ainda tonto de éter, sorriu e murmurou, galante, para a criaturinha e o seu pequenino ventre nu:

— Mas, minha pequenina e cor-de-rosa Salomé — não é a indumentária de Salomé que tem a felicidade de tão completamente a despir? — pelo que vejo trata-se de uma cena de ciúmes. Não são ciúmes, hein? Pois bem. Não se impressione. O ciúme é ainda, desde o tempo do pai Adão, a maior homenagem que se possa prestar a um corpo lindo como o seu! Hein! Não é verdade? Vamos, pois, tomar juntos uns goles de *champagne* e discorrer sobre a imbecilidade dos homens! . . . Duas cousas deliciosas ao mesmo tempo . . . Uma gota de éter no seu lençozinho? Não! Não gosta? Oh! . . . Que pena! Vamos, então, à *champagne*. Vamos . . .

E os dous foram. Flávio Guimarães estava interessante, porque estava bêbedo. A pequena Salomé não se fez de rogada. Sentou-se e, pouco depois, sob a influência de algumas taças doiradas e espumantes, começou a sua história:

— Aquele rapaz é que me tirou da casa de meus pais. Tentou-me com o dinheiro e com o luxo que me prometia. Fez-me sair de casa para me perder . . . Ele é muito rico. É filho do notável advogado X.Y. Mas há muito tempo que vejo que não o posso mais atuar. É por demais ciumento e brutal. Ele mora em Botafogo, mas alugou para mim um quarto na Lapa. E é lá que nos encontrávamos. Agora vou me separar dele para sempre . . .

Flávio Guimarães, encantado, ouvia aquelas rápidas revelações. Nunca pensara que a linda criatura do ventre nu fosse tão depressa às confidências. Mais algumas taças de *champagne* e a pequena Salomé seria sua . . .

— Você está triste por ter brigado com o seu amante? . . .

— Absolutamente. Estou alegre, muito alegre mesmo . . .

E, mostrando os seus lindos dentes, com um gesto feminino de despreocupação e de deliciosa insolência, a pequena criatura do ventre nu pôs-se a rir e, com um olhar cheio de carfcias, passou a mão pela cabeça, pelos cabelos de Flávio Guimarães.

— Que idade tens, pequena Salomé de sonho oriental? Que idade?

— Dezesseis anos . . . Apenas feitos . . .

— Como consegues ser tão interessante, tão sugestiva, tão provocadora com esse corpozinho de efebó, apenas desenhado, apenas em esboço?

— Isso é meu segredo . . .

— Teu nome? Teu nome, minha divina Salomezinha?

— Adolfo!

— Como?

— Adolfo, ou, se preferes, Adolfozinho ou Adolfinho . . .

— Como? Que história é essa? . . .

Se um raio tivesse caído na cabeça de Flávio Guimarães não teria provocado maior estrondo do que aquela fantástica revelação. Um homem! Estava diante de um homem! A deliciosa Salomezinha de ventre nu era um homem, era um Adolfo, Adolfozinho, um Adolfinho qualquer . . .

Mas Flávio Guimarães não teve tempo de protestar. Mais dous “moços bonitos”, companheiros de Adolfo, se aproximavam. Um vestido de rajá, outro de “bailado russo”, segundo sua própria informação.

Adolfo fez as apresentações:

– Meu novo amigo . . .

E apontando o homem do “bailado russo”:

– Jaimezinho! Não conhece? O Jaimezinho da Lapa! . . .

Depois foi a vez do “rajá”:

– Este aqui é o Ernestozinho, apelidado por “Mimi”. Nunca ouviu falar no “Mimi” da Glória?

Não, Flávio Guimarães não tinha a honra de conhecer aqueles distintos cavalheiros – sr. Mimi e o sr. Jaimezinho. Cumprimentou-os com todas as homenagens, ainda meio tonto.

Mas Adolfinho não deu tempo a Flávio Guimarães de respirar e continuou:

– Foi por causa do Mimi e do Jaimezinho que o meu amigo brigou comigo. Ele não queria que eu dançasse com eles. Chegou a me proibir. Ciúmes, apenas ciúmes. E ciúmes tolos. Ora, eu não me sujeitei. A gente não pode ser grosseiro, principalmente com colegas, não acha?

Jaimezinho e Mimi, com as suas vozezinhas de falsete, aplaudiram:

– Não há dúvida . . . Adolfozinho tem razão . . . Depois, um menino novo como ele não precisa dever favores a ninguém . . . Ele só não conseguirá o que não quiser . . . Não acha?

Flávio Guimarães concordava com tudo, dizia “sim” para todos os lados, completamente embrutecido.

– Sim . . . Não há dúvida . . . Tem razão . . .

Jaimezinho, como uma velha meretriz, fazia cálculos, argumentava:

– Adolfozinho é muito inexperiente ainda . . . Deixa-se levar demais pelo coração . . . Ah! se ele soubesse tirar partido de seu palminho de cara dos seus dezesseis anos! . . . Ora! Eu conheço um respeitável senador que . . .

Daf por diante Flávio Guimarães não ouviu mais nada. O éter e o *champagne* tinham-no levado nas suas nuvens vaporosas.

Dormiu.

Quando acordou – o “rajá”, o “bailado russo” e a pequena Salomé cor-de-rosa tinham desaparecido.

Na noite do subúrbio

O silêncio era profundo.

No barracão escuro, de janelas hermeticamente fechadas, só se via luz pelas frestas do teto, um teto de madeira, mal pregado.

Ao redor do barracão um capinzal espesso. E ninguém — o deserto ...

Já deviam ser umas onze horas.

Desde as dez que estávamos ali, atentos, em observação, correndo o risco de uma dentada de cobra, sem que nada de anormal se produzisse, sem que ninguém entrasse ou saísse do barracão sinistro, sem ouvir um ruído, um sinal, alguma coisa que nos dissesse que além daquela luz, fugindo pelo teto, existia alguém, uma alma, uma criatura, naquela casa estranha e isolada.

Tínhamos chegado às oito horas em Ramos.

Duas horas havíamos andado por aquelas ruas esburacadas de subúrbio, na noite negra, à procura do barracão que nos haviam indicado.

Era aquele, não podia ser outro.

Mas fora daquela luz pálida, jorrando do telhado de madeira, nada mais se produzia na habitação misteriosa.

Nada.

O profundo silêncio e aquela pequena claridade.

E era só.

Mas nós continuávamos a esperar...

.....

Em ruas largas e mal iluminadas, Ramos dormia o seu sono exausto de subúrbio.

O sono dos subúrbios é um sono pesado, é um sono triste.

Nas ruas muito largas, muito esburacadas e quase escuras de Ramos, aquelas simples casas caiadas, que não vêem passar um automóvel, um bonde, um caminhão, têm o ar lúgubre das casas abandonadas.

A população é uma população exausta que faz duas viagens por dia, muitas vezes em pé, nos carros repletos da Leopoldina.

É uma gente que acorda já cansada, pensando nas duas viagens de trem, no calor, na poeira, no dia que recomeça, idêntico ao da véspera e que se repetirá na manhã seguinte.

É a vida suburbana, triste e monótona. Igual, sempre igual, eternamente igual!...

Algumas ruas, largas como avenidas, mas esburacadas pelas chuvas e quase sem luz, um cinema cheio de cartazes de fitas sensacionais do século passado, com um piano desafinado; uma farmácia que vende mais ervas de curandeiros do que receitas de médicos; uma delegacia com um “prontidão” sonolento e magro... E eis tudo. Eis a vida noturna dos subúrbios.

Os habitantes daquelas casas tristes e pobres vivem no Rio o dia todo nas suas ocupações. Só voltam ao subúrbio para dormir.

O Rio, distante, como um monstro insaciável, absorve nas suas usinas, nos seus escritórios, nas suas repartições, aquela população inteira que, à noite, ele devolve, extenuada, aos seus lares.

Enquanto a grande cidade, numa orgia de luz, espreguiça-se pelas suas avenidas lindas e floridas, passa a noite nos seus *cabarets* luxuosos, bebendo e cantando, fuma “havas” nos *bungalows* do Leblon, joga *bridge* nos palacetes da Avenida Atlântica, ama nas pensões *chics*, ouve música no Municipal e dança o *shimmy* por toda a parte – os subúrbios, soturnos e tristes, adormecem estafados, uma noite curta que acabará cedo, pela madrugada, ao apito do primeiro trem...

.....

Sob a placidez suburbana de Ramos dormindo, esperávamos, escondidos pelo capinzal, um acontecimento que não se produzia.

O barracão, todo fechado, com a sua fresta de luz, continuava silencioso.

Não se avistava um vulto na noite deserta.

Murmurei para o meu companheiro:

– Perdemos a nossa viagem. Fomos “bluffados”...

– Não acredito. Esperemos ainda até a meia-noite...

Uma lua minguante empalidecia no céu. Em compensação, as estrelas, muito brilhantes, e a poeira de ouro da Via Láctea, faziam um formigueiro de luz, piscando para a terra escura.

– Já que os homens não nos querem dar espetáculo, olhemos para o espetáculo dos mundos por cima das nossas cabeças...

– Meu velho, eu não entendo a linguagem das estrelas. Nem como poeta, nem como astrônomo. Só entendo as estrelas cá de baixo – essas de cabelo cortado à inglesa e iluminadas de carmim...

Mas um gesto de meu companheiro fechou-me a boca.

– Está ouvindo?...

– Não, não ouço nada!

– Preste atenção... Não fale. Oiça...

– Sim, parece-me que alguma cousa vem do barracão!

Era como um gemido, um gemido sinistro, um gemido atroz, um gemido de *grand-guignol* saído da boca, em surdina, de muitas criaturas ao mesmo tempo. Vozes abafadas, mas muitas vozes!...

– Não faça barulho...Oiça... São eles que começam...

O gemido era agora um canto lúgubre, um cântico de desespero, um cântico de morte.

– Mas isso é de arrepiar os cabelos!...

– É assim mesmo.

– Mas o que estão fazendo?

– Estão rezando. Estão chamando pelo espírito do caboclo...

Era a música como a de um “samba”, muito triste, muito longínquo, agonizando nas gargantas...

– Deve ser essa a música macabra dos mortos nos cemitérios, à meia-noite!...

– É assim mesmo. Eles estão chamando os espíritos, reunindo, com aquela música de gemidos, a corrente magnética que permitirá, daqui a pouco, o “pai-de-santo”, o feiticeiro, receber o espírito dos caboclos e dos índios desaparecidos.

– Mas temos que entrar, temos que surpreender o “candomblé” no seu momento agudo!

– Entraremos... Um pouco mais de paciência!...

O meu cicerone pôs-se a andar. Eu o segui.

– Vamos bater à porta do feiticeiro...

– Mas, como?

– Você vai ver!...

Andamos uns cinquenta metros, dentro do capinzal. Eu só pensava nas cobras...

– É aqui...

E o meu “cicerone”, especialista em “candomblés”, pôs-se a assobiar, repetidamente, baixo, na mesma toada, de uma maneira estranha.

Agora, já se ouvia o que de dentro do barracão cantavam:

Lá no mato tem foia

Tem rosário de Nossa Senhora

Araru é de S. Binidito

S. Binidito que me valha nesta hora.

De repente, as vozes estacaram, obedecendo a uma ordem. Haviam, certamente, ouvido o nosso sinal.

Houve um grande momento de hesitação.

Meu companheiro tornou a assobiar. Um assobio idêntico ao seu fez-se ouvir em resposta.

– Os homens abrem ou não?...

– Espere... Eles pensam que é a polícia e têm medo...

Novo assobio. Nova resposta. E, vagarosamente, a porta foi se abrindo, aos poucos, para deixar passar uma cabeça de negro gigante, os olhos arregalados, fumando um enorme charuto.

– Que querem?

– Gente de paz. Indicaram-me o seu “candomblé” e viemos por uma consulta...

O negro disse uma porção de cousas numa linguagem desco-

nhecida, com uma velocidade espantosa, e, apesar de ainda muito desconfiado, nos deixou entrar. O seu enorme charuto fumegava como uma locomotiva.

Entramos.

Num pequenino espaço, com divisões de madeira para outras dependências, comprimiam-se umas trinta pessoas. A porta de entrada, rapidamente, se havia fechado e não havia uma janela que desse um pouco de ar àquela aglomeração de gente, suando e fétida.

Pensei morrer asfixiado. Mas a curiosidade dava-me forças.

O negro, na sua linguagem africana, recomeçou a soltar a sua eloquência terrível e diabólica.

Uma lâmpada de querosene, com o pavio fumegando, iluminava a cena.

Na meia-luz do querosene, aquelas criaturas, quase todas pretas, pareciam ter saído de uma gravura em madeira. Eram sinistras...

O preto feiticeiro, o “pai-de-santo”, soltando para o teto enormes fumaradas, agitava-se, tremendamente, com grandes gestos, grandes gritos, batendo no peito com terrível estrondo.

As vozes dos assistentes recomeçaram o seu cântico triste.

Todos agora cantavam. O “pai-de-santo” e o coro.

De repente, o feiticeiro começou a dar pulos, a rodopiar, num samba infernal. Parecia uma carrapeta viva. Sem parar, sambava, batendo, violentamente, com os pés descalços no soalho. Todo o baracão de madeira tremia. Os olhares, fixos, dos assistentes pareciam magnetizar o feiticeiro e impedir-lhe a queda. Cada vez mais violentos e rápidos se faziam os rodopios. A carrapeta humana não se cansava. Era vertiginosa e louca. É cada vez mais o seu imenso charuto soltava fumaça, largas baforadas de fumaça, como se sua cabeça negra estivesse a incendiar-se!...

Continuavam os cânticos, eternamente...

Chegô generá de Umbanda
Chegô generá, chegô
Com seu cavalo de Umbanda
Chegô generá, chegô.

Transfigurado, agora, o preto, sorrindo com os seus dentes muito brancos, um grande sorriso de ternura, abençoava a assistência, rodopiando sempre, a fisionomia em êxtase, os olhos cada vez mais esgazeados.

– Obrigado, meu pai...

– Obrigado, meu pai...

O mesmo murmúrio de reconhecimento passava pelos lábios de todos, dito com muita meiguice e muita fé.

O “pai-de-santo” continuava a rodar e a lançar suas bênçãos para todos os seus filhos.

Finalmente parou.

E, erecto, como uma estátua de bronze, o braço levantado, imponente de atitude, uma linda musculatura pulando-lhe da camisa de meia branca, recomeçou a falar, velozmente, na sua linguagem africana.

Havia chegado o momento da consulta.

Uma velha gorda, gemendo, queixava-se de dores de cabeça.

O preto e o seu inseparável charutão – já devia ser outro porque ele era enorme – fumegando, lançando fumaça como uma chaminé, dirigiu-se para a velha gorda e, como querendo hipnotizá-la, abriu os braços, fazendo uma série de “passes” diante de sua pobre cabeça dolorida.

– Não está agora boa, “mia fia”?

– Estou, meu pai!... Louvado seja Nosso “Sinhô” “Jesu” Cristo!

– Para sempre seja louvado...

Veio depois a vez de uma criança recém-nascida, que devia estar doente

Nos braços de sua própria mãe, uma portuguesinha com menos de vinte anos, o gigantesco preto a abençoou, fez uma quantidade de trejeitos com os seus braços enormes e a criança estava medicada...

Depois, foi a vez de uma mulatinha.

Ela falou ao ouvido do “pai-de-santo”. Devia ser infeliz nos amores, ter uma rival.

O “pai-de-santo”, atentamente, a ouviu e prometeu providenciar. A mulatinha, os olhos rebrilhando de esperança, voltou ao seu lugar.

Não havendo mais consultas, tornaram os cânticos, alegres agora, como uma aleluia, um grito de gratidão, para o espírito do caboclo curandeiro.

*Chegô generá de Umbanda
Chegô generá, chegô
Com seu cavalo de Umbanda
Chegô generá, chegô.*

O “pai-de-santo” tornou, novamente, a sambar.

Um português, de óculos de ouro, mangas de camisa e pés no chão, uma espécie de sacristão do “pai-de-santo”, dava-lhe agora um copo de parati que, sempre rodopiando, o enorme preto, de olhos arregalados, bebia.

A um dado momento, o “pai-de-santo” atirou um pouco de cachaça no chão. Todos se precipitaram. E com o dedo molhado na cachaça faziam o sinal da cruz.

*Lá em cima daquele morro
Os caboco vem chegando
É do povo de Umbanda
É do povo de Umbanda*

A música apressava o seu ritmo. As vozes faziam-se fortes.

De repente, um grito, e um dos assistentes, caindo em transe, a cara convulsionada, olhos revirados, boca torta, atira-se para o centro do grupo, ao lado do “pai-de-santo”, e põe-se também a sambar.

Não se passa um segundo e cai em transe uma mulher, que também samba, que também roda, sinistramente, como uma sonâmbula...

Mais um. Mais outra.

E, rapidamente, dentro do barracão, tendo como centro o “pai-de-santo”, rodopiam furiosamente quatro homens e quatro mulheres, fazendo um barulho de mil infernos com os seus pés nus, no soalho que vibra, estremecendo a casa, como um terremoto contínuo, enquanto a lâmpada de querosene ameaça, a cada instante, se apagar!...

É uma visão louca!

As mulheres se descabelam. Há uma pequena, redonda como um baiacu. Há uma muito magra e alta, com um imenso ventre de oito meses. É a mais sinistra. A mais desfigurada. Magra, esquelética, com aquela enorme barriga que pula. É pavorosa.

É tudo roda, e tudo vira, e tudo samba, um samba doido e diabólico, numa alucinação tremenda.

A mulher grávida atirou-se ao chão. E é no chão que se contorce!

Não se compreende como os outros *mediuns* não lhe esmagam os dedos, o ventre, a cabeça descabelada.

No chão, ela se contorce, e o seu ventre enorme, no mesmo ritmo infernal do samba, sacode-se contra o soalho, bate e torna a bater, violentamente, como um “Zé-Pereira” humano, enquanto os cânticos se fazem mais histéricos e agudos, e os outros sambadores, mais depressa, ofegantes, os olhos revirados e as fisionomias atroz, turbilhonam, enlouquecidos, uns contra os outros, no pequeno espaço do barracão de madeira que, sacudido também samba!

.....

Safmos, meio tontos. Asfixiados pelo ruído e pelo pestilento ar do “candomblé”.

Cá fora, ainda era noite, mas no céu já havia indícios de uma manhã próxima.

Os galos, na vizinhança, lançavam o seu grito de alvorada!

O subúrbio devia estar acordando.

Havia luzes em algumas das casas, perdidas e salpicadas, de quando em quando, pela avenida deserta.

Estava quase na hora da romaria para o Rio de Janeiro, para a

voragem da grande cidade, a romaria habitual, a romaria de todos os dias.

Ao longe, um trem apitou. Os galos repetiam o seu canto. O céu, de escuro, começou a empalidecer...

Era a manhã!

E, em direção ao nosso trem, eu pensava na pobre mulatinha infeliz em amores, que tinha ido consultar o “pai-de-santo” do “candomblé”. Pensei no “despacho”, na mistura sinistra de penas de galinha preta com farofa amarela, que o feiticeiro, na sexta-feira, à meia-noite, iria colocar na encruzilhada, para “despachar” a rival da mulatinha. Pensei na esperança de felicidade que o feiticeiro havia dado à mulatinha; a deliciosa ilusão em que, agora, ela iria viver, na certeza de realizar um dia o seu sonho de amor!

Pensei...

E senti uma infinita melancolia em não ser mulatinha e não acreditar em feiticeiros!

Uma história de “manucure”

- Alô!
- Tenha a bondade de ligar para o barbeiro do hotel?
- Sim, senhor. Pode falar...
- O barbeiro do hotel?
- Ele mesmo.
- Ah!... A *manucure* está?
- Está, sim, senhor.
- Faça-me a gentileza de mandá-la ao quarto 149.
- Pois não. Ela já vai...

E o barbeiro, um tipozinho muito bem penteado, com muito óleo nos cabelos e muito pó de arroz na cara, teve um gesto efeminado, e virando-se para a *manucure*, o olhar cínico:

- *Melle*, Anita! Estão lhe chamando no 149!
- Sim, senhor. Já vou...

A pequena *manucure*, fechando o romance que estava lendo, levantou-se.

Rápida, aprontou a sua habitual bagagem – o estojo preto com as tesourinhas, as pinças, os minúsculos frascos de éter e de *rouge*, e um batalhão de ferrinhos muito reluzentes, muito luzidios...

E, apressadamente, dirigiu-se para os corredores atapetados e brilhantes de verniz, do hotel maravilhoso.

Encostado à sua cadeira mecânica e confortável de “Fígaro” moderno, no salão todo branco de azulejo, o barbeiro seguiu com o olhar, um olhar canalha e obsceno, os passos miúdos da *manucure*, e sorriu, sorriu para si mesmo através de um espelho que lhe refletia a fisionomia cínica, sorriu e murmurou:

- Quem será o 149?

.....

Anita ainda era menina, muito menina mesmo, criança de seus treze anos, quando o grande e maravilhoso hotel começou a ser construído.

O Rio sofria, então, a sua formidável transformação. De cidade provinciana transformava-se, em poucos anos, em grande centro cosmopolita. De cidade bem brasileira, com as suas chácaras como as da Tijuca e suas casas como as de Botafogo, sempre com a velha e esguia palmeira dizendo o número de boas e pacatas gerações que por ali passaram – o Rio começou a ser a grande cidade internacio-

nal com Copacabana, e com Leblon, construídos à americana, feitos de *bungalows* e de jardinetes simétricos e asfaltados. Grandes hotéis surgiram. Enormes formigueiros humanos, luxuosos, confortáveis, de criadagem irrepreensível. *Concierges, grooms, classeurs, sommeliers* — toda uma população nova de criados fardados e encasacadados que o velho Rio ignorava, o velho Rio que só conhecia, para fazer todos esses serviços ao mesmo tempo, a tradicional “bá” preta, que foi, mais ou menos, a ama-seca de todos nós, ou a velha portuguesa de lenço vermelho à cabeça...

Há cinqüenta anos, Anita, a pequena Anita, por mais necessitada que fosse a sua mãe viúva, viveria em casa de seus pais. Uma casa que podia estar mal caiada, com o forro caído, comido pelos cupins, com as suas velhas e pesadas telhas quebradas, uma casa de pobre, lá para os lados de S. Cristóvão, mas onde se era feliz.

Naquela época as meninas não necessitavam de meias de seda, nem se pintavam. E as viúvas, mesmo miseráveis, viviam com as suas filhas em casa.

Mas no Rio os grandes palácios iluminados se construíam. Uma nova vida surgia. A antiga cidade bem brasileira passava a ser a cidade de todo o mundo. Todas as raças e todos os povos desembarcavam nas suas docas, com os seus vícios e a sua civilização requintada.

Paris mandou-lhe as suas mulheres, Londres o seu conforto e Nova York os seus *shimmies*!

Anita, que há cinqüenta anos atrás estaria em casa de sua mãe, cosendo e cuidando de seus irmãozinhos, não podia deixar de ser a *manucure*, a “manucurezinha” de homens, do grande e luxuoso hotel que acabava de se construir.

Anita ainda não tinha quinze anos quando o grande hotel ficou pronto. Convidada pelo gerente, um belga, das relações de sua mãe, que lhe prometia glória e fortuna na arte de cortar as unhas dos outros, Anita aceitou, encantada. Ia trabalhar, ganhar dinheiro, ajudar a sua mãe e os irmãos!

Uma bela noite, o grande hotel se inaugurou, feérico de luz.

Automóveis e mais automóveis, elegantíssimas *limousines* e possantes *double-phaetons* depositavam mulheres decotadas e homens de casaca na grande entrada de mármore e cristal do suntuoso palácio.

Anita, no “sereno”, do outro lado da calçada, assistia, deslumbrada!

Era aquela gente, aquelas mulheres tão belas e aqueles homens tão nobres que ela iria servir! Era com aquela gente maravilhosa, elegante e perfumada, que ela iria viver! E um grande sonho de felicidade entontecia-lhe a pequenina cabeça de criança, a pequenina cabeça de mulher...

No dia seguinte, bem cedo, era um dia muito claro de outono, no vasto e branco salão de barbeiro, Anita começou as suas funções.

Intimidada, ela chegou:

– Bom dia...

Sua voz estava trêmula. Trêmula, hesitante, mas cheia de contentamento. Era naquele maravilhoso palácio que ela iria viver!

O barbeiro olhou espantado:

– A menina deseja?

– Eu sou a *manucure*.

– Mas não é possível!

– Por quê?

– Porque... porque não! A senhora tão criança, tão menina, tão inocente... *Manucure* de um hotel?... Mas não é possível!

Anita caiu na gargalhada, com toda a alegria de seus quinze anos:

– Pois sou eu mesma a *manucure*!

E, radiante, ela desfez o seu estojo preto na mesinha laqueada de branco, que iria ser sua, só sua, para o seu trabalho e a sua fortuna...

Não demoraram as decepções.

A pequena *manucure* não tardou em despertar a curiosidade e a concupiscência dos homens.

Os homens são covardes. Eles nunca se interessam pelas meninas que têm irmãos e pais decididos. Eles as admiram de longe, de muito longe... As meninas pobres, filhas de viúvas, são as mais procuradas. Essas, sim, são sempre muito interessantes e não há homem, por mais tímido que seja, que não tenha a absoluta coragem de declarar-lhes, com palavras e gestos, o seu entusiasmo e a sua admiração. Para a covardia dos homens, Anita era uma presa fácil e deliciosa!

No ambiente cosmopolita do grande hotel; na imensidade daqueles corredores brancos e daquelas portas de números dourados; naquele *hall* onde todas as nacionalidades estavam representadas e se sentavam nos mesmos *maples* de couro; no *bar*, à hora do *cocktail*; no salão, à hora das refeições, onde uma orquestra gemia entre o barulho dos talheres; nos terraços, à noite, quando os charutos Havana se acendiam e os homens, fazendo a digestão, começavam a sonhar diante da noite e diante das estrelas – pairava um desejo único, uma preocupação única... Anita!... Os quinze anos ingênuos da pequena *manucure*!

Começou, então, a tremenda perseguição.

Não havia nenhum daqueles cavalheiros que não quisesse fazer as unhas. Dos ingleses mais frios aos italianos mais exaltados. A única diferença estava nos processos de declaração. O inglês fazia a sua declaração como quem propõe um negócio comercial. O italiano a fazia com lirismo, os olhos cheios de lágrimas, citando versos de *Steccheti* e frases de *D' Annunzio*.

Mas os homens, em suma, eram todos os mesmos!

A princípio, Anita não compreendia. Sua inocência estava acima da maldade.

Mas um dia ela teve o primeiro chamado para um quarto de hóspede. Foi.

Recebeu-a um cavalheiro de pijama de seda, moço ainda, o olhar atrevido, a boca sensual:

– Sente-se, minha pequenina *manucure*!...

Anita sentou-se. Tirou do seu estojo preto os seus potezinhos, o seu alicate e as suas tesouras.

O hóspede, cínico, exclamou:

– Mas para que isto?

Anita olhou-o espantada, não compreendendo.

– Então pensas que eu te mandei vir para me fazer as unhas?

Oh! pequenina ingênua...

E, dando uma grande gargalhada:

– Eu só faço as minhas unhas com *manucures* velhas e feias!

Ah! não sabia?... Pois é, sim! Só faço as minhas unhas com *manucures* velhas e feias! Sim, porque, quando as *manucures* são bonitas, nunca conseguem acabar as minhas mãos!... Quando são bonitas, eu não as deixo passar do segundo dedo... E quando elas são lindas e interessantes, como você, pequenina *manucure* de sonho, eu não as deixo nem começar!

Anita, bruscamente, compreendeu. Recebeu, como um choque, em pleno peito, o insulto. Quis fugir. Foi à porta. O hóspede a tinha fechado.

– Oh! pequenina *manucure*, você parece um passarinho espantado, dentro de uma gaiola!

– Pelo amor de Deus, deixe-me ir embora!

Mas já era tarde. O homem de pijama de seda, sádico como todos os homens, mais excitado ainda pelas lágrimas da criaturinha, não a deixou sair sem ter antes tido o seu grande e voluptuoso grito de vitória!...

... Cambaleando, Anita voltou aquela manhã para casa e durante uma semana teve febre.

No dia seguinte, o hóspede de pijama de seda mudava de hotel...

Quando a menina, restabelecida, tornou ao hotel, procurou o gerente, e, em lágrimas, contou-lhe a sua terrível aventura.

O bom belga, muito vermelho e muito bem nutrido, tratou de consolá-la:

– Oh! *sais-tu*, menina!* Isso acontece com todo o mundo... A vida é isso mesmo! Você não precisa chorar...

Soluçando, Anita pediu ao respeitável gerente não ter mais que servir os hóspedes nos quartos.

N.do E.* Oh, sabe, menina!

Escandalizado, o digno súdito do rei Alberto protestou:

– Oh! Oh! Mas isso não é possível, *sais-tu!* Não! Absolutamente não! O principal dever de um bom hoteleiro é servir os hóspedes em todos os seus caprichos! Querem *manucure* no quarto, a gente dá *manucure* no quarto! Querem barbeiro, têm barbeiro... Querem jantar, têm jantar... O que o hóspede desejar é sagrado!...

Anita continuava a chorar.

O impecável gerente pontificava:

– Um grande hotel deve estar habilitado a fornecer tudo que o freguês pedir. As *manucures* são obrigadas a ir aos quartos dos hóspedes... Aliás, *sais-tu*, não deves chorar... Isso devia acontecer um dia ou outro... É como um mau dente que se deve tirar hoje ou amanhã! Não podias ser *manucure* de outro modo... Agora já estás habilitada, *sais-tu*... Isso, que diabo, é o segredo das *manucures*... Então, acreditas, verdadeiramente, que uma quantidade de homens que nem toma banho, se preocuparia tanto com o brilho de suas unhas, se no meio de tudo isso não houvesse o segredo das *manucures*? Oh! *sais-tu*, és muito ingênua ainda... Mas hás de chegar a ser a *manucure* digna deste nosso suntuoso hotel!...

E abotoando a sua imponente sobrecasaca, o perfeito hoteleiro se foi...

Anita pensou morrer de desespero e de vergonha. Mas tudo e todos induziam-na a se perder. Aquele hotel formidável, rebrilhando de luzes, aqueles empregados encasacados, aqueles hóspedes ricos e estranhos, até a sua própria mãe, que, não lhe percebendo o suplício, contava avidamente o seu dinheiro ganho nas unhas e no resto...

Ela era a pobre vítima indefesa de seu meio e do seu século.

Ela seria pura, seria ingênua, seria honesta, se não fossem os outros!

Era como tantas meninas, tantas pobres meninas, datilógrafas, costureirinhas, empregadas, a vítima da organização mais perigosa que existe de rufiões, rufiões que não são presos, que andam por aí, às soltas, e que pertencem a todas as categorias sociais – os rufiões inconscientes!

.....

Diante do quarto 149, Anita parou. Seu coração batia. Olhou para o grande número dourado, pregado na porta envernizada de branco. Teve uma ligeira hesitação. Mas bateu. Tinha que bater... Bateu ligeiramente, quase com temor, apenas com as pontas dos dedos...

E uma voz desconhecida e amável, de homem, fez-se, rapidamente, ouvir:

– Entre, *mademoiselle*... Queira entrar!...

Os mistérios do “baccara”

Sobre o pano verde, fisionomias angustiadas debruçavam-se.

Homens sizudos, calados, mudos, os dedos nervosos, agitando num “tic-tac” inconsciente as fichas de marfim, o olhar febril como querendo hipnotizar o baralho ou sendo hipnotizados por ele.

Mulheres decotadas, lindas, os lábios muito vermelhos de carmim, as faces pálidas, muito pálidas, sem tinta, com grandes olheiras pretas e sensuais...

A sala de jogo ardia de claridade.

Enormes candelabros elétricos iluminavam, de uma luz de dia, a mesa comprida e verde do *baccara*.

– “Bancô” de três contos!...

A voz do *croupier* fez-se ouvir forte, aguda, convincente como a de um leiloeiro:

– “Bancô” de três contos!...

Tornou a insistir e apontando a sua *raquette* – a pá comprida e fina com que arrecada o dinheiro e as cartas – para um senhor respeitável e velho, mais sizudo do que os outros, o ar apatetado:

– “Coronel”! Não quer o “bancô”?

O “coronel” não teve um segundo de hesitação. Como que obedecendo a uma ordem superior, contou as fichas e fez o “bancô” de três contos.

Houve um momento de silêncio e de atenção geral. Não se ouvia nem o “tic-tac” de uma ficha contra a outra.

Viraram as cartas.

O *croupier* anunciou:

– Nove no “ponto”! Sete na “banca”!...

O “coronel” tinha ganho.

Na sua fisionomia inexpressiva e apalermada não correu o menor sinal de satisfação. Recolheu as fichas, os grandes fichões de quinhentos mil réis, com a mesma impassibilidade com que os havia mandado para a sorte. Estava ali como que por obrigação. O grande lucro que já ia acumulando não parecia lhe interessar...

Veio a vez do “coronel” bancar. Ele anunciou, de uma voz pálida e sonolenta, que ia fazer um “bancô” de cinco contos:

– “Bancô”, gritou e sustentou a grande vítima da partida, o conhecido capitalista paulista M.

Tiraram-se as cartas.

– Sete na “banca”! Cinco no “ponto”!

Tinha ganho, desta vez, a “banca”. E com a “banca”, mais uma vez, o “coronel”...

O capitalista M. abriu, nervosamente, a sua carteira e comprou mais dez contos de fichas...

Agora a luta era quase que exclusivamente entre o “coronel” e o capitalista. Os outros parceiros se abstinham. O jogo tomava proporções apavorantes. As paradas cresciam. A batalha era entre gigantes do dinheiro. O “coronel” muito calmo, indiferente, ganhando. O capitalista, muito nervoso, exaltado, perdendo...

E assim, sob a luz forte dos candelabros, na comprida mesa verde do *baccara*, o jogo, formidável, prosseguia...

Debaixo, do *cabaret*, subiam os roncões de um *jazz*, intercalados pelos gemidos agudos de um tango argentino.

Aquela claridade estonteante, aquele jogo mais estonteante ainda, faziam-me mal à cabeça, aos nervos, à vista.

Fui à janela respirar um pouco de ar puro e descansar os olhos sobre a escuridão da rua...

O Castelo, ao lado, ostentava as suas ruínas sob a palidez de um luar anêmico.

De quando em quando, chegava um automóvel, parava sob a *marquise* do *club*, uma criatura descia e a rua retomava o seu silêncio.

E, com o pensamento distante, eu seguia, mecanicamente, o menor movimento da rua deserta...

– Você já viu que jogo imoral?

Virei-me. Era o Antenor Nunes. Um rapaz simpático, de boas maneiras, mas dessas relações que só convém ter depois da meia-noite.

De excelente família, Antenor Nunes, depois de uma tentativa de estudos na Escola Politécnica, havia feito um pouco de tudo nas rodas de jogo. Desde “ficheiro” até *croupier*. Agora, era apenas um “sapo” elegante, um dos muitos indivíduos que, tendo vivido sempre do jogo, não podem se afastar do pano verde, como a mariposa não se pode afastar da luz...

– Imoral, por quê?

– Não se faça de ingênuo! Você sabe tão bem quanto eu!

– Sei, nas suas linhas gerais, mas não sei nos seus detalhes.

Meu caro Antenor, faça como nos contos do sr. Júlio Dantas: acenda o seu *bout-doré* e comece a sua história. Narre-me esse mistério terrível do *baccara*, que eu ainda não consegui penetrar...

Ofereci-lhe um cigarro que Antenor, cuidadosamente, escolheu entre os outros, como se todos não fossem iguais, e começou, a voz trêmula, as suas terríveis revelações:

– Todo jogo é roubado. Roubado e nem pode deixar de ser roubado. O *club*, o *cercle*, o *casino* têm que ganhar na certa. As despesas de uma casa de jogo como esta são tremendas. Cada *crou-*

pier tem de ordenado certo um conto e quinhentos, fora as percentagens nos lucros, que elevam, normalmente, esse conto e quinhentos a quatro ou cinco contos. Qualquer desses mocinhos que você vê de *smoking*, de *raquette* na mão, vendendo, ou contando fichas, ganha mais do que um senador, e trabalha apenas das onze da noite às quatro da manhã!...

– Mas é uma tentação, um emprego destes!...

– Sim, não há dúvida. Para uma quantidade de rapazes, habituados a gastar, e que perderam o hábito do trabalho, ser *croupier* é uma situação esplêndida. E, muitas vezes, os atuais *croupiers* são antigos jogadores, vítimas do jogo, que se vingam tirando do próprio jogo a sua defesa e o seu partido...

– Mas como?

– Espere. Vamos por partes. A premissa, pois, está bem clara – as casas de jogo têm que ganhar na certa. Não agüentariam se não fosse assim. Há cassinos, por exemplo, que têm uma despesa diária de oito contos! Oito contos de despesa por dia, quer chova, quer faça sol, só com os empregados de sua sala de jogo! Esse dinheiro tem que sair do bolso de alguém!...

– Mais isso não é novidade! Todo mundo sabe... O que eu quero é o segredo do *baccara*!...

– Já chego a ele... Quando eu lhe narrei que o *croupier* ganha mais do que um senador, tendo apenas o incômodo de envergar um *smoking*, das onze da noite às quatro da manhã, você não achou que o homenzinho do *smoking* é remunerado demais pelo trabalho de se tornar elegante?...

– Não há dúvida...

– Pois ele não o é!... Você está enganado!... Você só viu, no *croupier*, o *smoking* e a *raquette* com que ele paga e recebe. Você se esqueceu do principal – habilidade, a ligeireza, os dons de prestidigitador de que o *croupier* deve dispor!...

– Ah! a cousa está se tornando interessante...

– Numa casa de jogo, apesar de, aparentemente, usarem das mesmas atribuições, há várias classes de *croupiers*. Há o *croupier* chefe, que na gíria dos profissionais do jogo chama-se “espada”. O “espada”, depois do dono da casa, é o chefe absoluto de tudo e de todos. Ele deve ser obedecido cegamente. O mais ligeiro de seus desejos deve ser cumprido, como uma ordem, por todos os comparsas do *baccara*. Ao redor do *croupier* chefe, do “espada”, uma verdadeira corte de jogadores se forma. O “espada” possui as mais lindas amantes e os secretários mais prestativos. Usa as melhores roupas e tem as mais finas camisas. É um pequeno milionário... No mundo do jogo, o “espada” é uma personalidade de alto prestígio...

– Mas, por quê?

– Porque o “espada” é aquele que faz a casa ganhar!...

– Mas como?

Af, Antunes, olhando desconfiado para os lados, abaixou a voz, e murmurou:

– Ao embaralhar, ao colocar as próprias cartas na “cumbuca”, e com auxílio de uma carta “guia”, o “espada” – ele se chama assim porque é rápido e eficaz como uma espada – prepara o baralho para fazer o que se chama, na gíria do jogo, a “operação” . . .

– Não compreendo bem . . .

– É muito simples. Quando o *croupier* com a *raquette* e a mão, arrecada e coloca as cartas dentro da “cumbuca” (a caixa de onde elas sairão para o próximo baralho), ele já prepara a “escrita” do novo baralho e, graças à carta “guia”, ele sabe, matematicamente, o momento do “chorrilho”, quer dizer, o momento da seguida fatal ou intercalada, dentro e uma determinada combinação de “banca”, “banca” e mais “banca” . . .

– Mas qual o interesse da casa em que dê “banca” e não “ponto”? . . .

– É porque nas apostas de “banca” é que a casa leva a sua comissão. Comissão que ela diz ser de 10%, mas que é de cinco mil réis em cada vinte mil réis, o que, no meu fraco entender, é de 25%! . . . Preparar, pois, um jogo de “banca”, é preparar uma defesa prévia para a casa . . .

Antenor apertou-me o braço:

– Olhe para a mesa do *baccara* e repare como o capitalista paulista está sendo “operado” pelo *croupier*, em combinação com o “farol”, o nosso respeitabilíssimo “coronel”!

– Mas o “coronel” não é um jogador? . . .

– Não. É um simples “farol”. É um simples cavalheiro que joga com o dinheiro da casa. O “farol” é um elemento de primeiríssima ordem. Não só dá movimento ao jogo, como dá dinheiro à casa. O *club*, às vezes, aparentando ter perdido 20, 30, 50 contos numa noite – boato esse que é espalhado por especialistas no gênero e que é sempre animador para os parceiros e para os “trouxas” – o *club*, de fato, nada perdeu, porque os cinqüenta contos estão nas mãos dos “faróis”, quando não tem outros cinquenta no “barato”, a pequena caixa da tal comissão de 10%, que é de 25%, e que se abre, misteriosamente, pela manhã, depois da saída do último parceiro . . .

– Mas o “farol” o que faz? . . .

– O “farol” joga, aponta o jogo, aceita as paradas, conforme as indicações do *croupier* “espada”, que sabe como preparou o baralho . . .

– Mas essas indicações não são visíveis?

– Qual nada. São tantos os *trucs* que ninguém descobre. É, às vezes, um simples movimento da *raquette* e o “farol” já compreendeu e já agiu! . . . E depois os “faróis” são escolhidos a dedo . . . São fisionomias austeras, mesmo um pouco ingênuas, para passarem por fazendeiros, ricos e tolos, às quais o *croupier* ora chama de “coronel”, ora de “almirante”, ora de “doutor”. O incauto não pode

desconfiar de personalidades tão eminentes, ostentando físicos tão respeitáveis . . .

Antenor fez uma pausa:

– E depois, com a fisionomia apalermada de um “coronel”, como esse daqui, o jogador ingênuo se diz: “Se aquele imbecil está ganhando tanto, por que não hei de ganhar também?” E o “trouxa” joga e perde, porque o segredo do “chorrilho”, da carta “guia”, no momento de operação, tudo isso está nas mãos do “espada”, que só revela aos seus auxiliares o justo necessário, por um sinal, por um gesto, no momento preciso de agir . . .

– Se assim é, não podem os “espadas” roubar a casa, de combinação com um terceiro de fora?

– Podem. Mas nas casas de jogo há fiscais por toda parte. Há fiscais de fiscais. E depois o “espada” ganha mais com a casa do que estando contra ela. Estando com a casa, é vastíssimo o campo em que o “espada” pode exercer a sua habilidade e os seus dons prestidigitatórios . . . Agora, acontece, às vezes, que o tiro sai pela culatra, como no caso do empresário Velasco! . . .

– Que caso foi esse?

– Não sabe? Pois todo o mundo do jogo só falou nisso durante uma semana. Foi no Palace. O *croupier*, de combinação com o empresário Velasco, avisou-lhe o momento do “chorrilho”, tirando o lenço do bolso. O empresário jogou dous contos. Fez quatro. Deixou dobrar. Fez oito. Fez dezesseis. Deixou. Passou a fazer trinta e dous contos. Deixou ainda. Fez sessenta e quatro. Conservou os sessenta e quatro. Fez cento e vinte e oito. Manteve ainda os cento e vinte e oito. E ganhou, finalmente, duzentos e cinquenta e seis contos . . . Foi a partida mais notável de *baccara* nos *clubs* do Rio de Janeiro. Houve um momento de sensação. As outras mesas de jogo pararam de jogar. O dono do *club*, Vítor Fernandes, que estava dormindo em casa, foi acordado pelo telefone. No *club*, não havia bastante dinheiro para pagar ao empresário Velasco. Mas o gerente do Palace, João Peru, pagou-o com um cheque . . .

– E como descobriram a combinação com o *croupier*?

– Um “sapo”, que percebeu a história do lenço e que não teve a sua parte nos lucros, contou-a ao Vítor Fernandes, que despediu o seu *croupier* . . .

– Mas isso são cousas interessantíssimas que o público desconhece! . . .

– O público, como os maridos enganados, é sempre o último a ser informado. Ele é o eterno crente e o eterno imbecil! . . .

Despedi-me do Antenor Nunes. Aproximei-me do pano verde. O “coronel” e o capitalista continuavam a se digladiar. Então compreendi a organizada e maravilhosa “camorra” das casas de jogo.

Toda aquela população de jogadores profissionais: “espada”, “coronéis”, “almirantes”, “faróis”, “ficheiros”, “*jockeys*”, “fiscais”, etc., etc., toda aquela gente vivia à custa dos ingênuos como

o capitalista M., que pensava estar lutando com a sorte, quando, de facto, ele estava lutando com uma poderosíssima organização, preparada, adestrada, ensinada, exercitada, para tirar-lhe dinheiro da carteira.

— “Último golpe”! . . . avisou o *croupier*.

Eram quatro horas da manhã.

O *club*, o monstro insaciável do jogo, já devia estar com o seu ventre repleto. O capitalista M. perdia 120 contos de réis.

Pela primeira vez, o velho “coronel” teve um pálido sorriso. Não lhe interessavam os contos e contos de réis que se amontoavam diante de si e que não eram seus. Interessava-lhe, isso sim, a sua velha cama, voltar para casa de seus filhos e seus netinhos, tomar o seu bonde de Rio Comprido e descansar os seus pés de sexagenário naquelas boas e largas chinelas, que, logo ao entrar em casa, ele encontraria atrás da porta . . .

Para o diabo, os contos de réis dos outros! . . . Abençoadas as suas chinelazinhas! . . .

E enquanto o capitalista M. esfregava os olhos, como se fosse vítima de um terrível pesadelo, o tranqüilo “coronel”, com uma fortuna diante de si em fichas de marfim, sorria um bom e pacato sorriso de avô, um sorriso de velho funcionário público, que vai para casa depois de terminado o expediente da sua repartição . . .

O circo

- Eu gostei mais dos tigres!
- Sim, mas as focas são extraordinárias!
- E os cavalos pretos?

A grande massa de povo ia se mexendo com dificuldade. Encurralada na saída do circo, ela avançava com lentidão.

Lá na Avenida, os *chauffeurs*, irrequietos, buzonavam e os auto-ônibus inteiramente lotados recusavam gente e substituíam-se a cada instante.

Pouco a pouco, a onda humana foi diminuindo em intensidade. Foi ficando menos densa.

Apenas alguns pequenos grupos de retardatários ainda se demoravam em comentários sobre o espetáculo.

Instantes depois, as imediações do circo estavam desertas.

E a grande armação de lona, como um imenso balão que tivesse repentinamente a sua bucha apagada, ficou às escuras.

O silêncio envolvia o circo.

No escuro, apenas a luz do bar fosforescia dentro da noite.

Era o único recanto animado àquela hora.

Vindos dos seus carros-camarim, os artistas reúnem-se, depois do espetáculo, em torno dos *chopps* aloirados e cheios de espuma.

São melhores fregueses do que o público. Bebem mais. Vêm mais cansados. E depois a maioria é alemã . . . E todo *chopp* é pouco.

– *Prosit! Prosit!*

É a saudação. O grito de guerra diante da cerveja!

– *Prosit! Prosit!*

Falam raramente. Mas bebem muito. Bebem com uma severidade ritual. Bebem como se beber fosse uma obrigação que eles tivessem que cumprir à risca . . . A obrigação do fim do dia. Uma espécie de prece antes de dormir. Uma homenagem que prestam às suas gargantas respeitáveis de saxões . . . E uma forma amável que eles têm de devolver os seus ordenados ao diretor do circo, interessado no bar . . .

– Boa noite!

Entreolharam-se espantados. Era eu que chegava. Expliquei-lhes rapidamente.

– Sim, vim ver vocês . . . Saber como vocês vivem . . . Se o

circo de hoje é igual ao circo da lenda, ao circo da literatura e do sentimento, ao circo último da cinematografia que Carlitos evocou com os seus grandes passos engraçados e dolorosos, os seus sapatos largos e rotos, que, mostrando os grandes ridículos da vida, mostram melhor ainda as suas grandes tragédias . . .

Eu preleccionava. Um pouco em inglês, um pouco em francês, às vezes em italiano, e até em português, e aquele pessoal do circo habituado à pantomima, entendia-me mais pelos gestos e pela quantidade de línguas que eu gastava, mas na qual faltava fundamentalmente uma única eficiente — o alemão.

Depois do quinto *chopp*, já nos entendíamos perfeitamente.

Os antigos diziam que, no vinho, está a verdade. Eu fiquei convencido de que na cerveja está o entendimento entre os homens . . .

Começamos então a conversar.

Mas, de repente, a nossa pequena reunião foi inteiramente estragada por uma briga intempestiva.

Era uma senhora gorda, contra um homem magro e franzino. Ela o ameaçava num alemão que me parecia perigosíssimo para as costas do homenzinho.

Perguntei:

— Quem é?

— Ciúmes de mulher . . . É a esposa dele . . .

Naquele momento, o homenzinho estava quase apanhando. E eu comecei a calcular como um tabefe, daquela senhora gigante, reduziria o pobre infeliz, e olhei, instintivamente, para a coberta do bar, calculando a trajetória que ele faria no espaço se a matrona pusesse em execução as suas ameaças . . .

Fiquei com pena. Pretendi intervir. Mas quis saber de quem se tratava. E informei-me cheio de piedade:

— Quem é aquele pobre e pacífico cavalheiro?

E todos me responderam ao mesmo tempo:

— É o domador de elefantes!

A briga tinha prejudicado a reunião.

Pouco depois, todos se despediram . . . Eu fiquei diante de uma imensidade de rodelas de *chopp*, que tinham qualquer coisa da melancolia de uma quarta-feira de cinzas . . . *Confetti* gigantes que eu devia pagar . . .

Na minha frente ficara apenas um homem. Aloirado e pequeno, uma cara boa de criança grande.

— Ah! você ficou? Felizmente! Posso ainda fazer a minha reportagem! Aqueles idiotas beberam-me a cerveja e foram-se embora e não me contaram nada . . . Quem é você? E por que ficou por último?

— Porque eu sou a alma do circo . . .

— Como?

— Sou o palhaço . . .

O circo dormia.

Os artistas todos tinham se retirado para os pequenos hotéis das ruas adjacentes. Só alguns empregados haviam ficado no seu papel de guarda do sono imenso das feras.

Ouvia-se, de quando em quando, um resfolegar maior.

Devia ser algum leão, algum tigre que sonhava com as flores sem fim e as árvores gigantes de outros tempos . . . sonhos de prisioneiros . . . sonhos vãos . . . entre as grades fechadas, sem outro horizonte do que a lona do circo . . . a lona . . . uma paisagem branca e desesperadora . . .

Elas deviam estar sonhando com a liberdade . . . A liberdade . . . o ar livre . . . o sol em cheio . . . a liberdade, a pátria dos bichos! . . .

Longe, muito longe, do papel degradante de polichinelos . . . longe dos homens que pagam para vê-los sob o chicote e aos pulos . . . Longe, muito longe . . . nas terras maravilhosas e inacessíveis das feras soltas e felizes . . .

E foi sob a atmosfera pesada do sono silencioso e imenso dos animais do circo, que o palhaço me contou a sua história.

— A minha vida é igual à vida de todos os palhaços.

— Como se faz para ser palhaço?

— Nada se faz. Nasce-se palhaço. Eu já pertencço à terceira geração de palhaços da minha família . . . Meu pai e meu avô também foram palhaços. Meu pai chegou à alta celebridade em Espanha. Foi único em seu gênero. Era o *clown* Pichel, recebido com todas as honras, em toda parte, como uma notabilidade nacional. Teve um prestígio e uma nomeada de grande artista. Como ele, eu também nasci num circo . . . E toda a minha vida, por mais longa que ainda seja, será vivida no pequeno círculo do picadeiro . . .

— Gosta da sua profissão?

— Tenho isso no sangue. Não poderia fazer outra coisa. É uma existência de aventuras. Hoje tem-se muito dinheiro, amanhã não se tem nada. Vive-se, de surpresa em surpresa. Hoje se está num circo que ganha dinheiro. Amanhã, o empresário quebra, e nos deixa no fim do mundo . . . Ficamos, às vezes, num país inteiramente estranho, sem um níquel . . . Não fazemos nós, pilhérias com a vida? Pois ela, também, às vezes, gosta de fazer pilhérias conosco! . . .

— Quais são as condições para ser um bom *clown*?

— Antes de mais nada irradiar simpatia. Ter esse elemento imponderável que conquista o público. E essa mesma força de penetração de todos os grandes artistas, seja ele escritor ou comediante.

— E depois?

— Depois é correr a caçar a glória! . . .

— É uma caça difícil!

— É uma caça de rei . . . É formidável e empolgante! . . .

— Mas em que consiste a glória do palhaço?

— Oh! em muito pouco . . . muito pouco . . . mas tão diff-

cil! . . . Nos aplausos, nas palmas quentes do público e no riso claro das crianças . . .

– Custa muito para conseguir?

– Sim . . . Mas não há glória maior, e é o único sonho dos palhaços! . . . Podemos ter sofrido todas as dores . . . ter passado por todas as privações, ter tido fome e frio . . . Mas as gargalhadas que despertamos e os aplausos que nos concedem são o grande sol da nossa alegria que tudo compensa e nos faz esquecer o resto . . . E, à noite, mesmo esfomeados, mesmo infelizes, vamos dormir, vitoriosos como uma grande batalha ganha, a batalha decisiva; vamos dormir sonhando com as estrelas, porque também naquele dia chegamos perto da glória! . . .

O palhaço teve um gesto largo de entusiasmo e cresceu aos meus olhos.

– É verdade que, dentro de um circo, há muito drama passional?

– Sim. A vida em comum facilita certas rivalidades e muitos ciúmes. Depois, o gênero de nossa profissão torna-nos de uma sensibilidade doentia . . . O contato constante com o público, a dependência em que vivemos das suas palmas e do seu humor, torna-nos nervosos ao extremo. E daí sermos facilmente tomados pelo amor como pela irritação . . .

– Seus amores foram muitos?

– Tive um grande amor. O maior de todos. Um dia que eu trabalhava, apareceu num camarote uma criatura de uma beleza estranha . . . Trabalhei só para ela, aquele dia . . . Devia ter trabalhado muito mal. As graças que eu fazia, desejava transformá-las em frases apaixonadas, e dizer-lhe tanta coisa! . . . tanta coisa! . . . Mas eu tinha que dar e levar bofetadas, para que as galerias rissem . . .

– E ela?

– Ela olhava-me, sorrindo. Mas no seu sorriso, havia alguma coisa mais . . .

– E depois?

– Depois, ela voltou . . . várias vezes . . . E uma bela noite, eu fui com ela . . . e não voltei mais ao circo . . .

O homem suspirou:

– Foi a minha história mais bonita. Os dias maiores da minha pobre existência de palhaço. Enquanto tive dinheiro, fiquei perto dela . . . lá para os lados da *Côte d'Azur*, onde o Mediterrâneo é mais suave aos olhos, e onde todos os grandes apaixonados da Europa se encontram . . . É a paisagem que o sentimento escolheu para se expandir . . .

– Quando voltou ao circo?

– Quando o dinheiro acabou. Voltei a pedir de novo o meu emprego. E a vida recomeçou igual para mim . . .

– E a dama do camarote?

– Não sei dela. Esqueceu-se, certamente, de mim. Mas aben-

ção-lhe ainda o nome, baixinho, ela que me mostrou, um dia, o quanto a vida era boa de ser vivida! . . .

– Palhaço Pichel, você é um romântico!

– Sou um artista . . .

O ronco de um bicho qualquer nos fez voltar à realidade. Eu confesso que a minha imaginação tinha me levado até às praias azuis do Mediterrâneo com a dama do camarote . . .

O circo, dentro da noite, surgia branco como um fantasma.

O palhaço tinha me contado a mais bela história de sua vida . . . a sua história de amor . . .

E as rodela que haviam ficado da nossa mesa vazia, pareciam, aos meus olhos, mais do que nunca, os *confetti* imensos de um Carnaval que se tinha acabado . . .

O segredo dos sanatórios

- Há quanto tempo, meu velho! . . . Onde tens andado? . . .
- Estive fora, é verdade! . . .
- Onde?

Depois de uma ligeira hesitação, o outro responde:

- Numa fazenda . . . Sim, numa fazenda . . .
- Longe daqui?
- Sim, em São Paulo . . .

O interlocutor amável e imprudente insiste:

- Em que zona?

O outro, mais atrapalhado ainda, depois de uma hesitação maior, torna a responder ao indiscreto:

- Oh! Na zona do café . . . Na zona cafeeira naturalmente . . .

Eu não compreendo São Paulo sem café, sem ser numa admirável fazenda de café . . .

E, ganhando coragem, ele insiste então nos detalhes:

- Estive em uma fazenda maravilhosa. Léguas e mais léguas de grandes plantações. Tomava leite todas as manhãs e andava a cavalo. Ah! a vida ao ar livre. Não há nada melhor para a saúde! . . .

- É, você engordou muito!
- Sim, engordei . . .

Livre, finalmente, do indiscreto, desvencilhado das suas perguntas, o homem que tomava leite e andava a cavalo todas as manhãs numa fazenda de São Paulo, vai-se embora, alarmado, olhando para trás e apressando o passo com medo que o indiscreto, novamente, o chame.

É uma cena habitual.

Os homens que estiveram em São Paulo em uma fazenda de café, e que todos os dias pela manhã tomavam leite e andavam a cavalo, cada vez se fazem mais numerosos.

- Onde estiveste?
- Estive em São Paulo . . .

Eles não podem dizer que estiveram em um sanatório, presos, como criminosos, curando um vício.

Não.

Eles não podem confessar . . .

Desaparecem da circulação.

E têm que dar uma desculpa, qualquer que ela seja.

A desculpa é sempre a mesma, como o vício que a provoca.

O fato é que — e o fenômeno se produz assustadoramente na alta sociedade — de um dia para outro desaparecem criaturas muito conhecidas.

Morreram? . . .

Não.

Estão internadas em sanatórios particulares.

Um belo dia reaparecem à sociedade. Ainda trazendo em si a atmosfera impregnada de medicamentos das casas de saúde. Mas lá vem a história da fazenda, do leite e do cavalo! . . .

Em plena cidade, nos bairros elegantes, os sanatórios, ferozmente, guardam o seu segredo.

É o segredo da honra de muitas famílias e de muita gente boa.

A sociedade não se vexa com os seus vícios, vexa-se com a divulgação do seu tratamento.

Não há mal para um elegante do dia saber-se que ele é um viciado de tóxicos.

Pelo contrário.

Há até, para ele, um certo encanto . . .

Com isso ele sabe que provoca a curiosidade perante as mulheres.

Curiosidade! E com a curiosidade das mulheres se vai longe . . .

O almofadinha imbecil tem mesmo a volúpia de passar por um toxicômano.

Acha profundamente elegante.

De alto bom-tom.

E, apesar de ter sido reprovado em todos os seus exames no Pedro II, o almofadinha imbecil, graças a um pouco de pó de cocaína, toma atitudes pálidas e românticas, e frequenta exaustivamente a porta do Garnier.

E assim o Brasil ganha mais um intelectual . . .

Possuir olheiras fundas, olhos faiscantes e febris, mulheres e fama de poeta — é uma cousa que tenta.

O almofadinha reprovado no Pedro II acha, pois, como tantos outros o vício uma instigação elegante e útil. E não esconde que o tem. Pelo contrário. Insinua vícios que nunca teve e nunca terá . . .

Mas o que os viciados não querem que se saiba é o tratamento que sofrem nos sanatórios.

A elegante caixinha de cocaína perde o seu encanto quando se divulga a série de purgantes e de lavagens que ela provocou.

O viciado perde a sua auréola.

Não há poesia que resista a uma lavagem . . .

Dá ser o tratamento do vício, secreto, apesar do próprio vício ser público e notório.

E dá terem os sanatórios o seu segredo fechado a sete chaves.

Perdi uma longa e preciosa semana tentando entrar num desses sanatórios. Em menos tempo, Deus fez o mundo . . .

Afinal consegui.

Afinal violei o grande segredo dos sanatórios.

Lá entrei.

Lá estive.

E lá vi tudo o que me interessava ver . . .

Não direi o complicado processo que me fez penetrar naquele templo de mistérios. Não quero comprometer ninguém.

Direi apenas que, para conseguir entrar num dos nossos mais célebres sanatórios, situado em um dos bairros mais pitorescos da cidade, onde sabia que se passavam cousas interessantes, eu estava disposto a tudo — a picar-me de morfina, a intoxicar-me de cocaína, a cheirar éter até ser transportado para lá como simples viciado . . .

Não foram necessários esses meios extremos.

E, mesmo sem eles, o célebre sanatório, defendido pelo segredo profissional de mil cêrberos: diretores, médicos, assistentes, enfermeiros, porteiros, não teve mais segredos para mim . . .

O aspecto externo do sanatório não revela nem de longe o que se passa lá por dentro. É uma casa de família. Absolutamente. Igual às outras.

Rodeado de jardins, jardins discretos onde o convalescente pode passear sem ser visto pelos que passam na rua, o sanatório tem a agradável aparência de uma velha e confortável casa de família. Dessas famílias numerosas, bem antigas e bem brasileiras, onde os netos, os genros e as noras do chefe da casa moram todos juntos, reunidos em torno da mesma mesa e ligados todos pelo mesmo afeto e pela mesma tradição.

O sanatório, à primeira vista, não assusta. Pelo contrário, é convidativo . . .

Compreende-se, facilmente, a vantagem dessa primeira impressão.

Nem sempre o doente se interna pela sua livre vontade.

Parentes, amigos ou curadores usam de estratagemas.

Inventam uma consulta médica, arranjam o pretexto de uma visita, arnam, em suma, ao viciado uma verdadeira cilada, até fazerem-no entrar pelos portões do sanatório adentro.

Por isso é que a entrada do sanatório não os deve espantar.

Passado o portão do estabelecimento — adeus liberdade! —, o doente pode gritar, esbravejar, berrar por socorro, que, sem saber como, ele já se acha nas mãos de meia dúzia de enfermeiros posantes que o carregam para um quarto muito branquinho, muito limpo, um primor de quarto, de lindas janelinhas de vidro, mas que, quando o doente procurar fugir, se transformará na mais segura das prisões.

A saleta de entrada, a sala de jantar — semelhante a uma sala de jantar de pensão familiar —, a sala de leitura, onde um piano aberto

parece sorrir com os seus grandes dentes de marfim — ainda dão, por muito tempo, ao sanatório, o ar burguês e tranqüilo que ele quer ter.

Nada, nessa primeira impressão, das casas de saúde.

Nada de verniz branco pelas paredes, nem de tetos arredondados, nem de cartazes impondo silêncio.

A vida inteiramente como lá fora.

A sala de jantar, o piano, o pequeno sofá, o relógio, a cadeira de balanço, a atmosfera perfeita das cousas que estamos habituados a ver em torno de nós, nas nossas casas.

Instintivamente, o olhar procura às janelas uma gaiola de passarinho. Um sabiá ou um canário belga. E a gaiola lá se acha. Estamos em casa. Não há dúvida . . .

A atmosfera familiar dessa primeira parte dos sanatórios — dos doentes em convalescença, dos doentes tranqüilos — só é, de vez em quando, perturbada pela visão branca de um enfermeiro que passa. Avental branco até o pescoço, *bonnet* branco, calças brancas, meias brancas, sapatos brancos, terrivelmente branco! . . .

A visão do enfermeiro já assusta um pouco.

E o enfermeiro, tão ameaçadoramente branco, já é o indício de que atrás daquele primeiro corpo do sanatório, igual a uma casa de família feliz, existe, em pavilhões isolados, fora do mundo, o trágico espetáculo de criaturas perigosas, doentes, alucinados, fisionomias loucas e, desesperadas, através de grades intransponíveis! . . .

E de fato essas criaturas existem e lá estão.

São os intoxicados na primeira fase da cura.

Qualquer que seja o tóxico usado pelo doente — éter, morfina, cocaína, heroína, ópio — o primeiro cuidado do médico é segregá-lo, impedir que ele tenha a menor comunicação com o mundo exterior.

Nos primeiros dias, os mais terríveis para o viciado, dias em que lhe é arrancado, paulatinamente, pela diminuição das doses, o vício, o doente é um verdadeiro detento incomunicável. Nem pai nem mãe ele pode receber na sua cela.

Tamanha é a fome, tamanha é a sede pelo vício, que o toxicômano, depois de usar de todos os argumentos e de todos os processos para obtê-lo, transforma-se num verdadeiro louco furioso.

Ele implora, ameaça, chora, grita e procura subornar por qualquer quantia os enfermeiros.

Todo cuidado é pouco.

O toxicômano sempre arranja meios de esconder entre as roupas, entre o sapato e a meia, dentro de ramos de flores, o estupefaciente que lhe é mais caro do que a própria existência.

Dá a extrema vigilância a que ele deve se achar sujeito e a completa separação em que deve viver, fora de qualquer contato possível com a vida cá de fora.

O vício tem a sua maçonaria.

E os viciados são solidários, entre si, até o sacrifício, até o heroísmo.

Sabendo que um dos seus "irmãos", como eles mesmos se chamam, acha-se preso num sanatório, a corporação dos viciados faz prodígios para levar a droga fatal até o doente encarcerado.

A fiscalização, para impedir que a astúcia dos toxicômanos chegue aos seus fins, tem que ser rigorosíssima.

Até médicos, amigos também da confraria do vício, sob o pretexto de irem examinar o paciente, têm chegado a levar a ampola de morfina, o pequeno tubo de cocaína, a pílula de ópio, o frasco de éter, para saciar o desespero do viciado, na primeira e terrível fase da cura!

Apesar do tóxico não ser retirado bruscamente e sim pelo processo da diminuição nas dosagens, dez dias para os morfímanos e dous dias para o cocainômano, o viciado sofre as mais horríveis torturas, faltando-lhe o tóxico e a dosagem violenta a que se habituara.

O sofrimento é atroz. É como se nos tirassem a água que estamos habituados a beber e o ar que estamos habituados a respirar . . .

O toxicômano padece mil mortes dentro da sua cela branca.
Quase enlouquece.

Ao seu organismo falta um elemento vital — a droga.

A droga que o envenena, mas que o faz viver.

A droga que o mata lentamente em pouco tempo o leva ao manicômio.

A droga . . .

Mas que para ele é tudo, tudo, absolutamente tudo! . . .

No segundo corpo do sanatório, escondidos da rua, lá estão eles, os infelizes viciados, presos como criminosos, atrás de grandes grades de madeira, disfarçadas e enfeitadas por pequeninas vidraças, graciosas e elegantes, mas não menos grades por isso, não menos prisão, não menos jaula, não menos essa cousa sinistra e horrenda que caracteriza as prisões e os hospícios!

Grades!

E atrás das grades, a fisionomia aristocrática de rapazes distintos, vestidos de pijamas caros, das melhores famílias da nossa melhor sociedade.

Uma emoção estranha aperta-me a garganta. E, instintivamente, penso nos pais daqueles pobres rapazes, e nos sonhos que, naturalmente, eles formularam pelo futuro de cada um deles . . .

Subo aos quartos.

É uma perfeita prisão. Mas uma prisão elegante.

As janelas e as pequeninas vidraças de *bungalow* são verdadeiras e possantes grades.

Cada quarto tem duas camas. E dous viciados, de pijama, em palestra.

A visão, de perto, é menos trágica do que lá de fora, do que a visão lá de fora, daquelas caras, encostadas às grades, respirando o

ar livre, numa expressão ansiosa de liberdade. Vistos de perto, os viciados são menos impressionantes.

Há doentes calmos e há agitados, conforme a fase do tratamento.

Há convalescentes gordos e há doentes lívidos!

Há de tudo. Há até um padre.

O vício é que é o mesmo . . .

O vício paira pelo ar.

E é o único pensamento e o único assunto de todos aqueles internados . . .

Vem descendo a tarde. E a irritabilidade dos doentes vai se tornando maior.

Aproxima-se, para muitos, o momento terrível em que todo o organismo, como mil bocas insaciáveis, com sede, apela e clama pelo tóxico, pela droga, pelo veneno! . . .

De um dos quartos, um urro parte, ferindo o ar:

— Ai!

Os enfermeiros acodem.

É um viciado, no período de alucinação, que grita. Um cocainômano.

— Ai! Tirem-me este bicho do corpo! . . . Não vêem? . . . Está aqui! . . . Sim, aqui! É um percevejo enorme, pavoroso, que corre pelas minhas pernas. Ai! aqui está ele . . . Agora sobe-me à cabeça! Ai! Que pavor! . . . Tirem-me este bicho, tirem-me esse horrível bicho, pelo amor de Deus! . . .

Muito pálido, muito magro, os olhos pulando de terror fora das órbitas, o cocainômano tem suores frios provocados pelo medo.

— Matem, pelo amor de Deus, esse monstruoso percevejo! Não o vêem? . . . Oh! horror! O percevejo está se multiplicando em uma quantidade de outros percevejos que me invadem as costas, o corpo todo! Ai! É terrível . . . Não posso mais . . . Morro de aflição! . . .

E, desesperado, o cocainômano gesticula, furiosamente, querendo agarrar os pavorosos insetos que lhe escapam sempre das mãos nervosas, mas que não lhe saem do cérebro, em delírio!

.....

É noite.

Distante, mas igual ao pavilhão dos viciados, o pavilhão das mulheres ilumina-se.

E entre as pequeninas venezianas percebem-se algumas silhuetas de elegantes, penteando-se, fazendo uma pequena *toilette* antes do jantar . . .

Muitas daquelas senhoras que ali estão, há algumas semanas atrás ainda dançavam no *Tennis Club*, de Petrópolis.

Agora, acham-se internadas . . .

Daqui a alguns dias, nós as cumprimentaremos nos chás do Copacabana.

O estágio no sanatório é uma pequena estação de cura. Nada mais.

Não pensem que são viciadas – oh! a horrível e pesada palavra para criaturas tão finas!

Não.

São apenas senhoras altamente elegantes, que ao lado da sua caixinha de pó-de-arroz – o pó-de-arroz passadista – gostam também de ter a caixinha daquele outro pó mais moderno, aquele pozinho branco tão na moda, a “poeira”, a divina “poeira”, da branca e imponderável cocafna . . .

.....

Através das janelas acesas reconheço fisionomias.

Ao lado de criaturas da sociedade há muita francesa da Lapa e da Glória.

Mas recebo um choque, como se me dessem um soco:

– Ela! Não é possível! Mas não há dúvida. É ela mesma. A menina, a criança loira, que, há poucos anos atrás, comigo ainda brincava, a criança loira, de grandes olhos azuis . . .

O seu nome veio-me aos lábios:

– Pobrezinha . . .

Lembrei-me, então, do caso que toda a sociedade fartamente já havia comentado.

A minha boneca loira de olhos azuis, com os seus lindos dezessete anos, se havia casado com um esplêndido exemplar da *jeunesse dorée* do Rio, um cocainômano terrível.

Poucos meses depois do casamento, um casamento de amor, a pequenina criatura de grandes olhos azuis, inteiramente pervertida pelas *parties à deux* do tóxico fatal, estava tão viciada quanto o marido.

E é assim que o final de sua lua-de-mel, os dous jovens esposos o passavam, cada um segregado, em um pavilhão diferente, de um sanatório comum . . .

Arrepiado, fugi, na noite escura, do sanatório e do seu segredo.

E, pensando no triste caso da boneca loira, de olhos azuis, do meu passado, eu argumentava comigo mesmo:

– Os velhos e lindos contos de fadas de antigamente, os velhos e lindos contos de amor acabavam assim: “E eles se casaram e tiveram muitos filhos . . .”

Que estranha época será esta, meu Deus, em que até os contos de fadas estão inteiramente desmoralizados! . . .

GLOSSÁRIO

A

- Anátema** Maldição, execração.
Argot Gíria.

B

- Baccara** Jogo carteadado de origem francesa, em que tomam parte um banqueiro e vários jogadores; bacará.
Baiacu Nome popular de um peixe que pode inflar a barriga quando fora da água ou para boiar e fugir à perseguição dos inimigos. Indivíduo gordo e baixo.
Banca Em certos jogos de azar, fundo de apostas manipulado pelo responsável, para pagar os jogadores.
Bancô De *faire banco*: fazer a banca, ser banqueiro no jogo.
Barato Percentagem das apostas ou das paradas, retirada pela pessoa ou pelo clube, que fornece, aos jogadores, local, material de jogo etc.
Belchior Mercador de objetos velhos e usados.
Bluff Ato ou efeito de *blefar*: enganar, lograr; blefe.

C

- Cabaretier** Pessoa que tem um cabaré.
Caftinismo Atividade de *caften*: o que vive à custa de meretrizes; rufião.
Camorra Qualquer associação de malfeitores.
Campista Certo jogo de cartas.

Carrapeta	Piãozinho que se faz girar com os dedos.
Cérbero	Cão mitológico que guarda a porta do inferno.
Cercle	Grêmio, sociedade de homens e senhoras para se divertirem; círculo.
Chasseur	Criado vestido com fardamento.
Concierge	Pessoa que tem a seu cargo a guarda de um hotel, castelo etc.; porteiro.
Croupier	Empregado de uma casa de jogo, encarregado de dirigir e regular as transações entre jogadores.

D

Depauperado	Debilitado, enfraquecido.
Doge	Magistrado supremo das antigas repúblicas de Veneza e Gênova.
Double-phaeton	Carruagem de quatro rodas, ligeira e descoberta; duplo-faéton.

E

Efebo	Rapaz que chegou à puberdade.
Esgazeado	Diz-se dos olhos inquietos nas órbitas, com expressão de espanto; desvairado.

F

Fauno	Divindade romana campestre, com chifres e pés de cabra, que assegurava a fecundidade dos rebanhos. No texto: homem jovem.
Fígaro	Personagem da comédia <i>O barbeiro de Sevilha</i> , do francês Beaumarchais.
Fox-trot	Espécie de dança a quatro tempos, oriunda dos E.U.A.; foxtrote.
Frêmito	Tremor, estremeçamento.
Fumerie	Casa comercial onde se fumava (especialmente ópio), existente nas grandes cidades do início do século.

G

- Gazua** Ferro curvo com que se pode abrir fechaduras; chave falsa.
- Grand-guignol** Um espetáculo teatral de horror, melodramático, sensacionalista, como as peças do pequeno teatro em Montmartre que tinha este nome.
- Groom** Rapaz fardado que serve de lacaio.

H

- Havana** Charuto fabricado ou que imita os feitos em Havana.

J

- Jeunesse-dorée** Juventude dourada.

L

- Landaulet** Pequeno *landau*: carruagem de quatro rodas, com dupla capota que se abaixa e levanta.
- Lupanar** Casa de prostituição, prostíbulo.

N

- Nababesco** Luxuoso, pomposo.
- Navy Cut** Marca de fumo inglês.
- Neófito** Principiante, novato.
- Ninfa** Divindade fabulosa dos rios, bosques e montes.
No texto: mulher nova e formosa.

O

- Ópio** Substância que se extrai dos frutos imaturos de várias espécies de papoulas, usada como narcótico.

P

- Partie à deux** No texto: diversão, passatempo a dois.

- Ponto** Em certos jogos de azar, como o bacará, o grupo de pessoas que jogam contra a banca, ou as cartas tiradas contra esta.
- Prise** De *priser*: aspirar pelo nariz.
- Prosit** Saudação alemã, que significa: Saúde! À nossa!
- R**
- Rendez-vous** Casas onde se alugam quartos para encontros amorosos; casas de tolerância.
- S**
- Sapo** Gfria: indivíduo que assiste a um jogo sem nele tomar parte.
- Shimmy** Antiga dança norte-americana, caracterizada por rápidas sacudidas do corpo; tipo de dança de *jazz* popular nos anos 20.
- Sommelier** Despenseiro, copeiro.
- T**
- Tonitruar** Trovejar, retumbar, fazer estremecer com o estrondo.
- V**
- Vespasiana** De *vespasienne*: urinol público.
- Vestal** Sacerdotisa de Vesta, deusa do fogo dos romanos; mulher muito honesta.
- X**
- Xaveco** Gfria: patifaria, velhacada.
- Z**
- Zé-pereira** Certo ritmo carnavalesco executado no bombo; grupo que executa esse ritmo.

Bibliografia

- 1918 – *Elementos de Direito Comercial*
Da letra F nº 2 (crítica de teatro)
- 1919 – *A luz vermelha* (crônicas)
- 1920 – *Modernos . . .* (crônicas)
- 1922 – *Mutt, Jeff & Cia* (crônicas)
Mlle. Cinema (romance)
- 1923 – *Depois da meia-noite* (romance)
- 1924 – *Fitas* (crônicas)
Mistérios do Rio (crônicas)
- 1929 – *Guria* (romance)
- 1930 – *A loucura sentimental* (romance)
A virgem da macumba (romance).
- 1934 – *O.K.* (crônicas)
Dora pedacinho de gente (pensamentos)
- s.d. – *Cock-tail* (crônicas)
Histórias de bonecos (livro para crianças)
Os “maridas” (romance)
Arranha-céu (crônicas)
Katucha (romance)
Paisagem sentimental (crônicas)
Casa das heras (pensamentos)

São diversos os ambientes. De um lado, o movimento da noite, o dinheiro, a busca do prazer: as casas de prostituição, os cabarés, cassinos, clubes e hotéis de luxo, onde todos, mergulhados em devassidão, parecem querer arrastar os demais, enganar, explorar, impunemente. De outro lado, as vidas apagadas, a impiedade e a injustiça dos meios pobres: a sessão de macumba no subúrbio de Ramos; a penúria da vida na Favela; o estado deplorável dos viciados em ópio no bairro chinês. Em contraste com a *féerie* da Lapa, na vertiginosa noite em que rolam fortunas em mãos de *gigolôs*, *cabaretiers*, *croupiers*, dançarinas e travestis, o cubículo infernal onde se reúnem os malandros para o jogo; a desilusão das belas mulheres e o desencanto de jovens violentadas; ou os horrores sofridos pela pequena operária, até a morte, na Santa Casa. Não deixa de se aproximar de segmentos medianos, quando vai surpreender moças e senhoras “de família” que freqüentam uma casa de *rendez-vous*.

Do subúrbio à Avenida Atlântica, uma panorâmica do submundo por onde circulam tantas vidas: a pobreza indigna, o luxo degradante, toda a escala social, gente que traz de igual modo abafadas a mágoa, a miséria, a decepção, mesmo que, muitas vezes, revestidas do *glamour* artificial da noite, ao ritmo alucinante do *jazz-band*.

